



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Programa de Pós-Graduação em História



MARIA DE FÁTIMA CARDOSO GOMES

**“VENDE-SE, ALUGA-SE, NEGOCIA-SE: UMA ANÁLISE DOS ANÚNCIOS
E AVISOS DA GAZETA DO RIO DE JANEIRO
(1808-1821)”**

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UNIRIO**

MARIA DE FÁTIMA CARDOSO GOMES

“VENDE-SE, ALUGA-SE, NEGOCIA-SE: UMA ANÁLISE DOS ANÚNCIOS E
AVISOS DA GAZETA DO RIO DE JANEIRO
(1808-1821)”

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mariana Muaze

Rio de Janeiro

2019

C633 Cardoso Gomes, Maria de Fátima
Vende-se, aluga-se, negocia-se: uma análise dos avisos e anúncios da Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1821). / Maria de Fátima Cardoso Gomes. -- Rio de Janeiro, 2019.
109 f.

Orientador: Mariana de Aguiar Ferreira Muaze.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, 2019.

1. Gazeta do Rio de Janeiro. 2. impressão régia. 3. imprensa. 4. avisos. 5. anúncios. I. Ferreira Muaze, Mariana de Aguiar, orient. II. Título.

MARIA DE FÁTIMA CARDOSO GOMES

“VENDE-SE, ALUGA-SE, NEGOCIA-SE: UMA ANÁLISE DOS ANÚNCIOS E
AVISOS DA GAZETA DO RIO DE JANEIRO
(1808-1821)”

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro como parte dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. MARIANA DE AGUIAR FERREIRA MUAZE

Rio de Janeiro

2019

MARIA DE FÁTIMA CARDOSO GOMES

“VENDE-SE, ALUGA-SE, NEGOCIA-SE: UMA ANÁLISE DOS ANÚNCIOS E
AVISOS DA GAZETA DO RIO DE JANEIRO
(1808-1821)”

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Mariana de Aguiar Ferreira Muaze (orientadora)

Prof.^a Dr.^a Anita Correia Lima de Almeida (UNIRIO)

Prof.^a Dr.^a Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira (UERJ)

Para Ismael, Mateus, Tiago, Helena e Kauã, meus amores.

Aos meus pais e irmão pelo amor incondicional

RESUMO

Em setembro de 1808, quatro meses depois da inauguração da Imprensa Régia, surgiu a *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro jornal impresso em solo brasileiro. O objetivo desta dissertação é analisar a Seção de Avisos desse periódico, que mesmo sendo usado pela Coroa para divulgar ações do governo, deu início a uma nova forma de anunciar e fazer propaganda na cidade do Rio de Janeiro. E, apontando muitas semelhanças com o periódico *Gazeta de Lisboa*, portanto, não apresentando nenhuma originalidade, mesmo assim, a população fluminense passou a ter nos Avisos da *Gazeta* um forte aliado para suas transações comerciais ou de outras naturezas. A seção estudada foi uma importante ferramenta para os negócios da cidade. Anunciava-se sobre venda e aluguel de imóveis, achados e perdidos, prestação de serviços, venda de escravos, procura por escravos fugidos, comunicados em geral, etc. Em contrapartida os leitores do periódico encontravam o que procuravam e necessitavam nesta seção, que ficava na última página do jornal. Sua importância se manifesta no fato de que outros periódicos que surgiram na mesma época também seguiram a *Gazeta* no que tange a organização e conteúdo de sua Seção de Avisos. A importância da seção para os negócios da cidade também pode ser percebida através do aumento dos anúncios publicados na *Gazeta*, ao longo dos anos de circulação do jornal, pois o número de reclames só decaiu no penúltimo e último ano de sua publicação.

Palavras-chave: *Gazeta do Rio de Janeiro*; imprensa, imprensa régia, anúncios e avisos.

ABSTRACT

In September 1808, four months after the inauguration of the Royal Printing, the *Gazeta do Rio de Janeiro* appeared, the first newspaper printed on Brazilian soil. The objective of this dissertation is to analyze the Section of Announcements of this periodical, that even being used by the Crown to divulge government actions, initiated a new form of advertising and advertising in the city of Rio de Janeiro. And, pointing out many similarities with the newspaper *Gazeta de Lisboa*, therefore, presenting no originality, even so, the population of Rio de Janeiro started to have in *Avisos da Gazeta* a strong ally for their commercial or other transactions. The section studied was an important tool for the city's business. It was announced on sale and rent of real estate, lost and found, services, sale of slaves, search for escaped slaves, general announcements, etc. In contrast, the newspaper's readers found what they were looking for and needed in this section, which was on the last page of the newspaper. Its importance is manifested in the fact that other periodicals that appeared at the same time also followed the *Gazeta* regarding the organization and content of its Section of Notices. The importance of the section for the business of the city can also be perceived through the increase of the ads published in the *Gazeta*, throughout the years of circulation of the newspaper, since the number of claims only declined in the penultimate and last year of its publication.

Keywords: *Gazeta do Rio de Janeiro*; press, royal printing, announcements and announcements.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pela força e perseverança, para levar a termo esse mestrado nesta altura de minha vida, confirmando que nunca é tarde para se realizar projetos e sonhos que foram adiados.

Agradeço ao meu companheiro de todas as horas, meu amado esposo Ismael, pelo carinho, paciência e incentivo, muitas vezes deixando de lado seus afazeres para me socorrer. Aos meus filhos amados Mateus e Tiago, que sempre me estenderam a mão quando eu precisava do auxílio deles para empreender essa jornada. Meu pai e minha mãe que tão carinhosamente estiveram ao meu lado. A Helena que me encheu de alegrias em minhas horas de descanso.

A querida professora Mariana Muaze, agradeço de coração sua valiosa e precisa orientação, a paciência e carinho durante esses 2 anos em que estive junto de mim, me dando norte e sul nesse trabalho.

Meus agradecimentos aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UNIRIO (PPGH/UNIRIO) que com suas aulas me ajudaram na escrita dessa dissertação e aos funcionários que sempre atenderam prontamente as minhas solicitações. Assim como agradeço especialmente as professoras Anita Correia e Tânia Bessone pelas enriquecedoras colocações na qualificação.

Não posso deixar de agradecer aos meus colegas de turma, que muito me ensinaram ao compartilharem seus conhecimentos.

Muito agradecida também aos meus amigos e colegas de trabalho, pela compreensão e carinho, em especial as minhas amigas Camila Faria e Rozana de Souza, assim como meu querido amigo Célio Carlos. Obrigada a todos!

Índice de ilustrações

Quadros:

Quadro 1: Gazetas Ordinárias e Extraordinárias	36
Quadro 2: Anúncios 1808-1821	48
Quadro 3: Produtos anunciados na Gazeta (1808 – 1815)	49
Quadro 4: Produtos anunciados na Gazeta (1816 – 1821)	50

Figuras:

Figura 1: Gazeta de Lisboa 24 de janeiro de 1810	43
Figura 2: Gazeta do Rio de Janeiro 27 de janeiro de 1810.....	44
Figura 3: Gazeta de Lisboa 16 de fevereiro de 1810.....	44
Figura 4: Gazeta do Rio de Janeiro 21 de fevereiro de 1810	44
Figura 5: Idade d’Ouro do Brasil 11 de junho de 1811	45
Figura 6: Diário do Rio de Janeiro 18 de agosto de 1821	46
Figura 7: Diário do Rio de Janeiro 18 de agosto de 1821	46
Figura 8: Diário do Rio de Janeiro 18 de agosto de 1821	46
Figura 9: Diário do Rio de Janeiro 18 de agosto de 1821	47
Figura 10: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de novembro de 1816.....	51
Figura 11: Gazeta do Rio de Janeiro 17 de setembro de 1808	52
Figura 12: Gazeta do Rio de Janeiro 4 de outubro de 1809	53
Figura 13: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de setembro de 1815	53
Figura 14: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de dezembro de 1815	54
Figura 15: Gazeta do Rio de Janeiro 3 de fevereiro de 1816	54
Figura 16: Gazeta do Rio de Janeiro 1 de janeiro de 1817.....	54
Figura 17: Gazeta do Rio de Janeiro 4 de março de 1818.....	55
Figura 18: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de dezembro de 1818	55
Figura 19: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de maio de 1818.....	55
Figura 20: Gazeta do Rio de Janeiro 1 de abril de 1815.....	55
Figura 21: Gazeta do Rio de Janeiro 3 de junho de 1815.....	56
Figura 22: Gazeta do Rio de Janeiro 3 de julho 1816	56
Figura 23: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de dezembro de 1815	56

Figura 24: Gazeta do Rio de Janeiro 3 de outubro de 1818	57
Figura 25: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de abril de 1817.....	57
Figura 26: Gazeta do Rio de Janeiro 3 de agosto de 1814	57
Figura 27: Gazeta do Rio de Janeiro 3 de dezembro de 1808	58
Figura 28: Gazeta do Rio de Janeiro 1 de junho de 1811	59
Figura 29: Gazeta do Rio de Janeiro 1 de dezembro de 1813	59
Figura 30: Gazeta do Rio de Janeiro 1 de julho de 1820.....	59
Figura 31: Gazeta do Rio de Janeiro 3 de fevereiro de 1816	60
Figura 32: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de junho de 1821.....	60
Figura 33: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de janeiro de 1819.....	60
Figura 34: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de outubro de 1811	61
Figura 35: Gazeta do Rio de Janeiro 1 de dezembro de 1813	62
Figura 36: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de novembro de 1808.....	62
Figura 37: Gazeta do Rio de Janeiro 11 de janeiro de 1809.....	63
Figura 38: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de dezembro de 1812	63
Figura 39: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de junho de 1813.....	63
Figura 40: Gazeta do Rio de Janeiro 4 de outubro de 1809	64
Figura 41: Gazeta do Rio de Janeiro 3 de abril de 1813.....	64
Figura 42: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de fevereiro de 1814	65
Figura 43: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de março de 1816.....	65
Figura 44: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de janeiro de 1811	66
Figura 45: Gazeta do Rio de Janeiro 4 de outubro de 1815	67
Figura 46: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de janeiro de 1811	68
Figura 47: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de dezembro de 1809	68
Figura 48: Gazeta do Rio de Janeiro 3 de agosto de 1811	69
Figura 49: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de dezembro de 1812	69
Figura 50: Gazeta do Rio de Janeiro 1 de abril de 1809.....	70
Figura 51: Gazeta do Rio de Janeiro 1 de outubro de 1814	70
Figura 52: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de agosto de 1817	71
Figura 53: Gazeta do Rio de Janeiro 1 de março de 1820.....	71
Figura 54: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de abril de 1814.....	72
Figura 55: Gazeta do Rio de Janeiro 1 de dezembro de 1810	72
Figura 56: Gazeta do Rio de Janeiro 3 de setembro de 1814	75
Figura 57: Gazeta do Rio de Janeiro 1 de abril de 1818.....	78

Figura 58: Um jantar brasileiro	83
Figura 59: Desembarque da Princesa Real	84
Figura 60: Gazeta do Rio de Janeiro 4 de dezembro de 1816	86
Figura 61: Gazeta do Rio de Janeiro 2 de abril de 1817.....	87
Figura 62: Gazeta do Rio de Janeiro 3 de setembro de 1817	89
Figura 63: Gazeta do Rio de Janeiro 1 de abril de 1820.....	91

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - A Gazeta do Rio de Janeiro.....	14
1.1 A Imprensa nas primeiras décadas do século XIX.....	16
1.2 Inauguração da Imprensa no Brasil	21
1.3 Os periódicos no Brasil das primeiras décadas do século XIX.....	25
1.4 A Gazeta do Rio de Janeiro	29
1.5 Os Redatores	37
CAPÍTULO 2 - A Seção de Avisos	
2.1 Os Avisos na Gazeta do Rio de Janeiro e na Gazeta de Lisboa: uma breve comparação	43
2.2 A Seção de Avisos de outros periódicos do Brasil.....	45
2.3 Os Anúncios da Gazeta do Rio de Janeiro	47
2.3.a Comércio e Comerciantes	53
2.3.b Os Imóveis.....	57
2.3.c Ciências e Educação	61
2.3.d Beleza e lazer.....	65
2.3.e leilões e Ofícios	67
2.3.f Índios, Escravos, e Intendência Geral da Polícia	69
CAPÍTULO 3 - A França nos trópicos: moda, produtos e negociantes franceses nos anúncios da Gazeta do Rio de Janeiro.....	74
3.1 A moda e o comércio francês no Rio de Janeiro	76
3.2 Os anúncios do negociante Carlos Durand	85
CONCLUSÃO.....	95
FONTES	98
BIBLIOGRAFIA	99
ANEXO.....	108

INTRODUÇÃO

Essa dissertação teve como objetivo principal analisar a Seção de Anúncios e Avisos da *Gazeta do Rio de Janeiro*, um dos primeiros periódicos em circulação na cidade do Rio de Janeiro depois da chegada da Corte e da instalação da Imprensa Régia. O período estudado ficou compreendido entre 1808 e 1821 e foram levantados os primeiros dias de cada mês do ano durante os 14 anos selecionados de modo a construir uma amostragem da seção estudada.

A Seção de Anúncios e Avisos ficava na última página da *Gazeta do Rio de Janeiro* e seus reclames eram colocados pelas pessoas que viviam na cidade do Rio de Janeiro do período joanino e que utilizavam a seção para fazer publicidade de seus serviços, produtos, enfim, para interagir com as pessoas que se interessassem em comprar, vender e alugar mercadorias. Assim, esses anúncios foram pesquisados como uma fonte privilegiada para entendermos as várias seções que compunham a própria *Gazeta do Rio de Janeiro*, bem como a vida material da cidade do Rio de Janeiro durante a estada da Corte portuguesa, através dos produtos anunciados e oferecidos.

No capítulo 1 foi realizada uma descrição geral do periódico da *Gazeta do Rio de Janeiro*, contextualizando o jornal e pensando no que acontecia com a imprensa em outros locais do mundo, quando de seu surgimento. Assim, discorremos sobre o conceito de Gazeta, a inauguração da imprensa no Brasil e sua influência para a criação de outros periódicos. Também buscou-se realizar uma descrição detalhada da *Gazeta do Rio de Janeiro*, destacando sua parte noticiosa, principalmente fatos políticos considerados importantes à época e os redatores que lhe impuseram sua marca pessoal, pois mesmo debaixo das ordens da Coroa, a mão do redator é sempre perceptível.

No Capítulo 2, o foco recaiu sobre a Seção de Anúncios e Avisos, onde está o âmago de nosso trabalho. Neste momento, fizemos uma analogia com a *Gazeta de Lisboa* ao compararmos os anúncios e verificarmos as semelhanças entre os impressos, já que a *Gazeta do Rio* foi praticamente uma cópia da de Lisboa. Além disso, abordamos os anúncios veiculados em outros periódicos que surgiram posteriormente a *Gazeta* e de como eram semelhantes. Para melhor entendimento do leitor, separaremos pôr as mercadorias, e produtos anunciados por tipos. Desta forma, foi possível perceber a grande diversidade de anúncios e produtos, nacionais e importados, com variados preços, faixas de consumo e gostos. Da mesma forma, ficou evidente que os usuários

recorriam à seção de Avisos para uma gama variada de coisas, desde vendas, aluguéis, comunicados, aviso de mudança de endereço, compras, propagandas, falecimentos, testamentos, começo e fim de sociedades, etc. Enfim, a referida seção era um importante veículo de comunicação no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro.

Já tendo mapeado os variados itens de consumo e serviços oferecidos pela Seção de Avisos e Anúncios da *Gazeta do Rio de Janeiro*, no Capítulo 3 escolhemos os produtos franceses para aprofundarmos nossa análise. Tal decisão se justifica pela quantidade de publicações que ofereciam produtos vindos da França, assim como os comerciantes que faziam destes produtos um chamariz para clientes endinheirados, ávidos por adquirirem artigos que fizessem deles pessoas refinadas que cumpriam as regras de etiqueta e igualmente os deixassem na última moda francesa, que por consequência seria a última moda europeia. Igualmente discorreremos sobre profissionais franceses que chegavam à cidade e ofereciam seus serviços na corte joanina. Também fizemos uma breve explanação sobre como funcionava a recepção das mercadorias que chegavam ao porto do Rio de Janeiro, passando depois para a enxurrada de produtos ingleses, até chegarmos em 1816, quando os artigos franceses inundaram a capital do Brasil.

Convidamos, portando, o leitor a adentrar no universo desse jornal tão criticado outrora, por ser considerado um jornal a mando da Coroa. Mas a nosso ver, e de uma infinidade de autores mencionados na presente dissertação, é um rico documento para os estudos sobre o Rio de Janeiro do começo do século XIX, mas isso já será outra história. Vamos ao Capítulo 1:

Capítulo 1

A Gazeta do Rio de Janeiro

Esse capítulo parte do princípio de que a história da *Gazeta do Rio de Janeiro* e da *Impressão Régia* se confunde. Foi somente com a vinda da corte portuguesa e com a inauguração da *Impressão Régia*, que surgiu o primeiro jornal totalmente editado no Brasil. Desta forma, a criação da *Gazeta do Rio de Janeiro* se insere no contexto de reformas e impulsos de modernização da cidade ocorridos entre 1808 e 1821. A intenção neste capítulo é fazer uma descrição detalhada da *Gazeta do Rio de Janeiro*, buscando levantar seus principais temas, preços, formas de assinatura, público leitor, circulação e criação das notícias, bem como seus editores e outros periódicos circulantes no Rio de Janeiro e em Portugal no período de sua existência. Assim, buscamos trazer um conhecimento mais detalhado do periódico, de seu contexto de publicação e do circuito editorial no qual se inseria.

Mas, antes de entrarmos nessa história propriamente dita, vamos discorrer brevemente sobre o que era considerada uma gazeta à época e de como era a imprensa na Europa, especialmente em Portugal, no princípio do século XIX. A definição de gazeta encontrada no dicionário de Língua Portuguesa, escrito pelo padre d. Rafael Bluteau e reformado por Antonio de Moraes Silva, no ano de 1789, era: “papel de notícias públicas, que sai regularmente”,¹ atentando principalmente para a temporalidade regular e o tipo de conteúdo oficial da publicação. Contudo, para o historiador André Belo, as gazetas na realidade publicavam notícias de longe e não davam muito crédito para as notícias locais.² Além disso, seguiam uma numeração que

¹Bluteau, Rafael. *Dicionário da Língua Portuguesa*, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. Tomo Primeiro. Lisboa, na oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5412>>. Acesso em: 19/06/2018

²As notícias eram sobre toda a Europa, e as informações sobre o reino eram escassas e sempre redigidas com cuidado, com deferência às instituições e a família real. Como por exemplo, sobre o terremoto de Lisboa em 1755, a *Gazeta de Lisboa* deu a seguinte notícia: *Lisboa, 6 de novembro de 1755: O dia 1o do corrente ficará memorável a todos os séculos pelos terramotos e incêndios que arruinaram uma grande parte desta cidade; mas tem havido a felicidade de se acharem na ruína os cofres da fazenda real e da maior parte dos particulares. [Gazeta de Lisboa (GL), n.º 45, 1755]. Só a referência ao carácter «memorável a todos os séculos» dos sismos e incêndios nos permite deduzir estarmos diante de um acontecimento da maior importância. A enorme ruína de Lisboa também é referida, mas aparece na frase noticiosa de forma subordinada e vaga — «grande parte desta cidade». Quanto ao mais, a *Gazeta* cala-se sobre tudo o que o leitor atual poderia considerar essencial relatar relativamente às circunstâncias e aos efeitos precisos do grande terramoto: nenhum pormenor sobre as partes da cidade e os edifícios que ficaram destruídos, onde e quando foram sentidos os sismos, quando e como se iniciaram os incêndios,*

facilitava a reunião dos exemplares em livros anuais. A concepção reinante era a de que o que era publicado seria quase que a verdadeira realidade dos fatos, visto que procuravam confirmar as mesmas notícias, várias vezes, com diversas testemunhas. As pesquisas de André Belo sobre a *Gazeta de Lisboa* nos ajudam a pensar a *Gazeta do Rio de Janeiro*, nosso objeto de estudo nessa dissertação, pois nossa análise demonstrou que possuem semelhanças. José Freire de Monterroyo Mascarenhas (1670-1760) foi redator da *Gazeta de Lisboa* por mais de quarenta anos e atuou em quase todas as academias e associações literárias portuguesas de seu tempo. Segundo ele, a *Gazeta de Lisboa* era escrita de acordo com um “método não só histórico, mas cronológico e geográfico”.³ O método de Montarroyo consistia em fazer uma triagem das informações credíveis, submetendo as notícias a um exame de veracidade que exigia: cruzamento de fontes, resolução das eventuais contradições, eliminação das notícias consideradas vagas e com poucos fundamentos. Desta forma, efetivava-se uma hierarquização do que deveria ser publicado sob o comando do redator da *Gazeta* que buscava distinguir a “boa” da “má” informação, entendidas, principalmente, como verdadeira e falsa, respectivamente. Neste processo, alguns critérios eram determinantes: a fonte escrita e bem identificada se sobrepunha a oralidade; o crédito e a confiabilidade das *Gazetas*, pessoas ou instituições que transmitiam a informação, bem como do correspondente que enviava a notícia por carta. Por último, na base da hierarquia, ficavam os “rumores”, “a voz do povo”, que eram considerados veículos vagos e instáveis.⁴

O redator, segundo a historiadora Juliana Gesuelli,⁵ deveria ler, resumir, traduzir, selecionar e inserir as notícias das folhas europeias nos jornais nacionais. Já para a historiadora Nizza da Silva, acredita que quase não havia interferência dos redatores nas notícias, salvo algumas exceções, pois a função da *Gazeta* era apenas de divulgação das notícias. Ela nos diz que a *Gazeta do Rio de Janeiro* seguiu o modelo da *Gazeta de Lisboa*, que possuía um só redator, “que selecionava e traduzia as notícias

quantas vítimas houve, quantas réplicas, o que aconteceu ao rei e à família real, como reagiram os Lisboetas, que medidas urgentes de resposta à calamidade foram tomadas nos dias seguintes. O que a notícia acaba por sublinhar com maior grau de precisão e atualidade é mesmo o facto de entre as ruínas se irem encontrando os bens preciosos da Coroa e dos particulares. (BELO, André. *A Gazeta de Lisboa e o terramoto de 1755: a margem do não escrito*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Andre/andre.htm>> Acesso em: 19/06/2018).

³BELO, André. *A Gazeta de Lisboa e o terramoto de 1755: a margem do não escrito*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Andre/andre.htm>> Acesso em: 19/06/2018

⁴Ibidem, idem.

⁵MEIRELLES, Juliana Gesuelli. *A Gazeta do Rio de Janeiro e o impacto na circulação de ideias no Império luso-brasileiro (1808-1821)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, SP, 2006.

das principais gazetas europeias, sem fazer comentários ou emitir opinião.”⁶ Matias Molina⁷ já possui uma perspectiva intermediária, argumentando que a principal função do redator era divulgar as notícias, com pouca ou nenhuma opinião, e embora elas não estivessem ausentes.

Ainda sobre o papel do redator, Juliana Meirelles chama a atenção para o fato de que, desde a primeira edição, a identidade do redator foi omitida nas matérias publicadas na *Gazeta do Rio de Janeiro*, aspecto mantido até o último exemplar. Não assinar o nome nos comentários editoriais cotidianos foi uma prática do jornal, independente de quem fosse o redator. Contudo, vale lembrar que, não assinar as notícias não significa que os redatores não tivessem imprimindo no jornal algumas de suas ideias seja através da escolha das notícias, de sua localização nas páginas do periódico, etc.

Marialva Carlos Barbosa⁸ coloca que cartas escritas a bordo de navios eram fontes privilegiadas e que faziam parte das formas que a sociedade desenvolvia para comunicar e reunir informações. Pensando sobre os sistemas de comunicação do Rio de Janeiro do início do século XIX, fala especificamente sobre a *Gazeta do Rio de Janeiro* e coloca que, havia um complexo sistema, que começava na distante Europa e aportava no Brasil, juntamente com as pessoas que iam e vinham e traziam notícias. Para ela, ao contrário do que defendia o método de Montarroyo, na prática cotidiana, no Brasil, havia uma “uma ampla rede de transmissão da informação pelas práticas da oralidade”, onde “os boatos se transformavam em fontes privilegiadas de informação”. Assim, além das notícias orais, ainda havia as cartas, manuscritos, e principalmente as folhas europeias, que eram sintetizadas pelo redator local e se transformavam em notícias nas páginas da *Gazeta do Rio de Janeiro*.

1.1 - A Imprensa nas primeiras décadas do século XIX

Nas primeiras décadas do século XIX, o jornalismo dominante, político e de partido, se converteu em uma espécie de espaço público para discussão das ideias e

⁶SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *A Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1822) : Cultura e Sociedade*. Eduerj. 289 páginas. 2007, p.10.

⁷MOLINA, Matías M. *História dos Jornais no Brasil- Da era colonial à Regência (1500-1840)*V. 1. Companhia das Letras, 2015.

⁸BARBOSA, Marialva Carlos. *A Gazeta e os sistemas de comunicação do Rio de Janeiro do início do século XIX*. Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro. n.3, 2009, p.125-138. Disponível em: < http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/10/e03_a3.pdf> Acesso em: 12/07/2018

ideologias, e para atrair partidários, substituindo os clubes de cavalheiros, que, segundo Jorge Pedro Souza, era um espaço elitista, unificado, cujos protagonistas dos debates pertenciam às elites cultas, com poderes econômicos e envolvidos na vida política e econômica.⁹Nesta conjuntura, o século XIX foi palco da disseminação das ideias liberais e burguesas, que defendiam a liberdade de imprensa. Com tudo isso, a imprensa opinativa, de combate ou de “partido”, também floresceu. Muito frequentemente era, ao mesmo tempo, noticiosa, literária e divulgava novas descobertas e ideias. Era feita para as elites, para pessoas alfabetizadas e que se envolviam em combates políticos e ideológicos. Os cidadãos comuns praticamente não tinham acesso, na maioria das vezes. Esse modelo de imprensa “dominou o cenário europeu e latino-americano, durante a primeira metade do século XIX”.¹⁰

No princípio, do século XIX, em decorrência dos valores e ideias de liberdade e igualdade propagadas pela Revolução Francesa, os governos europeus endureceram as medidas de censuras contra a imprensa. As elites dominantes se sentiram intimidadas e assustadas e os governos tentaram impedir o aparecimento de jornais políticos, influenciados pelo pensamento revolucionário francês. Deste modo, os mecanismos da censura foram reforçados em países como a Áustria, Estados Pontifícios, Espanha, Dinamarca, Portugal. Até na França, Napoleão impôs um modelo autoritário de jornalismo. Apesar de todas essas medidas, “ainda assim, a Europa continental nos finais do século XVIII e princípios do século XIX viu surgir vários jornais de orientação política.”¹¹

Nos países ocupados pelas tropas francesas de Napoleão Bonaparte, vários jornais foram fechados, contudo, os invasores tiveram que se confrontar com muitas publicações clandestinas que expunham as ideias de liberdade do jugo francês. Em reação as intenções de Napoleão, na Europa não ocupada, surgiram jornais que exaltavam a liberdade e a independência dos povos. Por outro lado, também surgiram jornais afrancesados, como por exemplo, o *Diário do Porto*, em Portugal, e mesmo alguns jornais já existentes foram convertidos em aliados do governo francês. Assim, com o intuito de promover as ideias e a causa francesa, a *Gazeta de Lisboa* serviu aos interesses da França durante a primeira invasão, publicando diversos documentos

⁹SOUSA, Jorge Pedro. *Uma História breve do jornalismo no Ocidente*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>>
Acesso em: 17/07/2018

¹⁰Ibidem p. 105

¹¹Ibidem p. 154

expedidos por Junot.¹² Em 1808, quando Portugal foi invadido pelas tropas napoleônicas e a família real veio para o Brasil com suporte inglês, os jornais praticamente inexistiam na metrópole brasileira.¹³ Na realidade, havia um grande número de analfabetos e as publicações eram direcionadas a uma pequena parte da população, que restringia bastante o volume dos impressos. Até meados dos setecentos, as poucas pessoas alfabetizadas tinham por hábito ler em voz alta nos lugares públicos. Especialmente em Lisboa, as notícias dos periódicos, sobre a política e os acontecimentos de Portugal e do estrangeiro, circulavam muito desta forma, fazendo com que outras camadas da população, como pequenos comerciantes, funcionários e artesãos, tomassem conhecimento dos fatos, e criassem o hábito, de discutir entre si as notícias, sobretudo as de política.¹⁴

Segundo José Mario dos Santos, a circulação de periódicos em Portugal ganhava impulso em épocas de conflito e, ao contrário das publicações de livros, que mesmo proibidos circulavam pelo país, a censura sobre os hebdomadários foi bem mais eficiente. Foi somente a partir de 1808, após a invasão francesa, que os periódicos ganharam maior eficiência na disseminação de ideias críticas ao estado, pois suas publicações sofriam grande repressão do estado português, tanto com Marquês de Pombal, quanto com o intendente de polícia Diogo Pina Manique.¹⁵ Já no período napoleônico, apesar da cerrada vigilância que a imprensa portuguesa sofreu por parte de Junot, durante a primeira ocupação francesa, não se conseguiu impedir a propagação dos jornais panfletários clandestinos, que traziam em suas páginas, várias opiniões críticas e de ódio ao invasor. Em contrapartida, surgiram também em Portugal, durante esse período, as folhas panfletárias escritas pelos franceses que, ao contrário das folhas portuguesas, podiam circular livremente.¹⁶

Após a expulsão dos franceses de Portugal em novembro de 1808, assinada a paz, os jornais que continham críticas em seus escritos e que poderiam indispor as nações, foram cassados. A censura imposta acabou por reduzir as publicações. Somente

¹²Ibidem p. 155

¹³MARQUES DE MELO *apud* MENDES, Jairo Faria; RABELO, Emene. *A Censura no Período Colonial*. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Impressa, integrante do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011.

¹⁴SANTOS, José Mário Fidalgo dos. *Lisboa e a Invasão de Junot: população, periódicos e panfletos (1807-1808)*. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, FCSH – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2014, p.91

¹⁵Ibidem. p.91

¹⁶SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima, Portugal e Brasil: *A Imprensa Literária e o início da Imprensa Ilustrada*, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.2, 2007, p. 15-16

em 1821, depois do retorno de d. João VI com a Revolução do Porto e do juramento das bases da futura constituição portuguesa, imposta pelas cortes, é que se estabeleceu a liberdade de imprensa. Porém, logo depois, em 1823, quando houve o restabelecimento do absolutismo, decretada a dissolução das cortes, em janeiro de 1824, d. João VI revogou a Carta Constitucional promulgada de 1822. Em consequência disso, também foi revogada a liberdade de imprensa portuguesa e instaurada uma forte censura. A liberdade só voltaria, mesmo que parcialmente, após a morte do rei, em 29 de abril de 1826. Contudo, com a subida ao trono de d. Miguel, em 1828, a censura às publicações periódicas passou a ser ainda mais severa.¹⁷ O período de lutas pelo trono português entre d. Miguel e d. Pedro IV (d. Pedro I, no Brasil) não trouxe uma melhor relação com a imprensa. O mesmo ocorreu depois que d. Pedro IV foi coroado. Somente com sua morte, em 24 de setembro de 1834, quando sua filha d. Maria II assumiu o trono português é que a lei de liberdade de imprensa entrou em vigor, lei que foi escrita pelos vintistas a mais de 13 anos.¹⁸

A *Gazeta de Lisboa* surgiu no início do século XVIII, sob a influência do iluminismo, e logo se tornou um periódico de caráter oficial. Era o jornal mais lido e de maior conteúdo político. Informava sobre as cortes, as guerras, e informações diversas sobre outros países europeus. O redator extraía notícias de outros jornais estrangeiros, principalmente da Europa. A *Gazeta* publicava também notícias locais, dando ênfase para as cortes e a nobreza. Sua proposta aos leitores era levar a “História Anual Cronológica e Política do Mundo e Especialmente da Europa.” Informava também sobre a venda e edição de livros em Portugal e no estrangeiro. Possuía uma seção de Avisos onde os leitores anunciavam a venda de diversos produtos, a prestação de serviços, a venda de imóveis, os leilões, etc.¹⁹

Seu primeiro redator, como já mencionamos no presente trabalho, foi José Freire de Monterroyo Mascarenhas, que ficou durante 45 anos à frente do jornal, falecendo em 1760. Durante sua longa existência, o periódico passou por mudanças de nome e conteúdo. Entre 1762 e 1777, a *Gazeta* teve sua publicação suspensa por ordem do Marquês de Pombal. Durante a primeira invasão francesa, o general Junot usou

¹⁷TENGARRINHA apud SANT’ANNA, Benedita de Cássia Lima, Portugal e Brasil: *A Imprensa Literária e o início da Imprensa Ilustrada*, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.2, 2007

¹⁸Sobre o início de a imprensa ilustrada ver o artigo de Benedita de Cássia Lima Sant’Anna, Portugal e Brasil: *A Imprensa Literária e o início da Imprensa Ilustrada*, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.2, 2007.

¹⁹SANTOS, José Mário Fidalgo dos. *Lisboa e a Invasão de Junot: população, periódicos e panfletos (1807-1808)*. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, FCSH – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2014, p.103-104.

largamente o periódico *Gazeta de Lisboa*, publicando notícias direcionadas para acalmar os ânimos dos portugueses, diante dos desmandos das tropas francesas, e enaltecendo a proteção dada à Portugal pela França. Assim, se tornou uma das publicações que melhor atendiam aos interesses do governo francês. Seu redator durante a ocupação francesa foi Pierre Lagarde,²⁰ que também possuía o cargo de intendente geral da polícia por nomeação de Napoleão. Portanto, neste período, a *Gazeta de Lisboa* passou a publicar decretos, editais e notícias autorizadas por Junot e a mando do governo francês.²¹

Outras publicações lançadas no período das invasões, após 1807, foram: *A Gazeta do Rossio* (1808-1809), *A Minerva Lusitana* (publicada entre 1808-1811), *O Leal Português* (1808-1810), *O Semanário Patriótico* (1808), *O Lagarde Português* (1808), *Abelha do Meio-Dia* (1808-1829), *O Diário Lisbonense* (1809-1813), *O Patriota ou Amigo da Independência de Portugal* (1809), *O Correio da Tarde* (1809), o *Novo Diário de Lisboa* (1809), o *Jornal de Lisboa* (1809), dentre outros.

Havia ainda os periódicos que eram editados por refugiados políticos em Londres e Paris, mas que circulavam em Portugal, tais como: *O Correio Braziliense* (1808-1822) e *O Investigador Portuguez em Inglaterra* (1811-1819), publicados em Londres; *O Observador Lusitano em Pariz* (1815) e os *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras* (1818-1822), os dois editados na capital francesa.²²

Entre 1810 e 1820, foram poucos os periódicos que surgiram, e seguiam obedecendo a um modelo de jornalismo noticioso, como também eram diminutos aqueles que falavam sobre artes, registrando também publicações humorísticas e de entretenimento. O único periódico legal publicado, no período que se seguiu à invasão de Napoleão, foi a *Gazeta de Lisboa*, que era controlada pelo governo e praticava um jornalismo político de partido.²³

²⁰Pierre Lagarde – (1768-1848) Exercia as funções de Diretor Geral da Polícia do Estado de Veneza, quando foi designado por Napoleão para vir para Lisboa. Além de ocupar o cargo de redator da *Gazeta de Lisboa* e da Intendência da Polícia, foi Conselheiro do novo governo. Em Lisboa, assentou os seus aposentos no Palácio da Inquisição, onde antes se congregavam os membros do governo da Regência instituído pelo príncipe regente d. João, até sua dissolução por Junot.

²¹SANTOS, José Mário Fidalgo dos. *Lisboa e a Invasão de Junot: população, periódicos e panfletos (1807-1808)*. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, FCSH – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2014, p. 105.

²²REIS, Fernando José Egídio. *Os Periódicos portugueses de Emigração (1808-1822) – As ciências e a transformação do país*. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Doutor em História e Filosofia das Ciências, pela Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2007, 527 pg.

²³TENGARRINHA apud SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história do jornalismo em Portugal até aos 25 de abril de 1974*. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt> Acesso em: 10/08/2018

1.2 – Inauguração da Imprensa no Brasil

Foi na esteira da vinda da família real e da corte para o Brasil que se deu a inauguração da Imprensa Régia e da imprensa oficial, por d. João VI, através do Decreto de 13 de maio de 1808. Até então, a implantação de tipografias no Brasil foi retardada por vários fenômenos socioculturais, como o analfabetismo e a pobreza da maioria da população, e a proibição da existência de jornais nas regiões coloniais da América Portuguesa.²⁴ Na América Hispânica e Inglesa, há muito já havia tipografias, pois a primeira do continente foi criada em 1533, no México. Em 1584, foi instalada outra no Peru. E, em fins de 1600, nos Estados Unidos, já existiam tipografias para imprimir jornais.²⁵

*São razões de Estado – garantir o colonialismo, conservar incólume o despótico controle de seus interesses políticos e econômicos, deter pela força as aspirações de liberdade e justiça – e não de outra natureza que fazem Portugal insensível, até 1808, à tipografia e ao jornal num Brasil escravocrata e monocultor.*²⁶

Apesar dessa proibição por parte da metrópole, já tinha havido tentativas de instalar tipografias no Brasil. Uma delas foi em 1706, no Recife, quando se iniciou a impressão de letras de câmbio e breves orações devotas. Contudo, essa iniciativa foi extinta pela Carta Régia de 8 de junho do mesmo ano, com recomendação ao governador Francisco de Castro Morais, que sequestrasse as letras impressas, notificando os envolvidos e não consentindo a impressão de livros ou papéis avulsos.²⁷ Outra tentativa foi a do português Antonio Gomes Freire de Andrade, enviado pela Coroa, em 1733, para o cargo de governador do Rio de Janeiro. Gomes Freire de Andrade convidou Antônio Isidoro da Fonseca, um dos mais conhecidos impressores de

²⁴MARQUES DE MELO apud SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história do jornalismo em Portugal até aos 25 de abril de 1974*. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt> Acesso em: 10/08/2018

²⁵BAHIA, Benedito Juarez. *História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira, volume I*, 5ª edição- Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. Disponível em: <<https://books.google.com.br>> Acesso em: 14/08/2018. p.16

²⁶Ibidem p. 15

²⁷CARDOSO, Tereza M. R. Fachada Levy. *A Gazeta do Rio de Janeiro. Subsídios para a história da cidade (1808-1821)*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, ano 152, n. 371, p. 341- 436 abr./jun. 1991.

Lisboa, para vir ao Brasil instalar uma tipografia. Mesmo ciente de que o rei não aprovaria, resolveu assumir o risco.²⁸

Antônio Isidoro da Fonseca, que já havia publicado várias obras de autores conhecidos, instalou sua tipografia na cidade do Rio de Janeiro e chegou a publicar alguns livros. Porém, “no mesmo ano de 1747, os planos são frustrados por uma ordem régia que determinava a extinção de tal oficina e a sua volta ao reino.”²⁹ A Carta Régia de 1747, que mandava fechar a tipografia, punia os infratores com penas de prisão e exílio, sequestrava tipos e materiais usados para impressão, enviando-os para a metrópole. Esse clima de terror intelectual só mudaria a partir de 1808, depois da chegada da família real ao Brasil.³⁰

As abordagens historiográficas mais encontradas para justificar tal forte proibição são aquelas ligadas a fatores políticos ou econômicos. No aspecto político, Portugal temia que com a circulação de ideias e pensamentos revolucionários através da imprensa, acabassem por concretizar a independência no Brasil. No econômico, o motivo recaí no fato de que havia muitas tipografias em Portugal e elas podiam atender plenamente a demanda brasileira. Assim, com a ausência de tipografias em solo brasileiro, não haveria concorrência na colônia para as tipografias portuguesas. Em 1796, quando d. Rodrigo de Souza Coutinho³¹ era ministro da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, foi fundada em Lisboa uma tipografia que era dirigida por um brasileiro, frei José Mariano da Conceição Veloso³². A casa se chamava tipografia do Arco do Cego e contava também com o trabalho de muitos emigrados do Brasil.

Essa situação de proibição se alterou consideravelmente quando, com a corte já instalada no Brasil, em 1808, o monarca precisava de agilidade na impressão de

²⁸COSTIGAN, Lúcia Helena. A introdução da imprensa, a tragédia romântica no Brasil e suas conexões com Antônio José da Silva, O Judeu. Dossiê 200 Anos da imprensa no Brasil. Revista UFG / Dezembro 2008, Ano X Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2008/pdf/07_Dossie7.pdf> Acesso em: 15/05/2015.

²⁹BARROS, Jerônimo Duque Estrada. Antônio Isidoro da Fonseca, um impressor na América. XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006.

³⁰BAHIA, Benedito Juarez. *História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira, volume I*, 5ª edição- Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. Disponível em: < <https://books.google.com.br> > Acesso em: 14/08/2018.

³¹Rodrigo de Souza Coutinho (1755-1812) nasceu em Chaves, Portugal, e foi um dos principais expoentes da ilustração em Portugal. Afilhado do Marquês de Pombal estudou no Colégio dos Nobres e na Universidade de Coimbra, e foi o grande mentor da vinda de d. João VI para o Brasil e da instalação da burocracia da corte em terras tropicais.

³²José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811) foi sacerdote, professor, missionário e botânico brasileiro no período colonial. Estudou filosofia e Teologia no Rio de Janeiro, ordenando-se em 1766. Em 1790 foi para Lisboa, e sob a proteção de d. Rodrigo de Sousa Coutinho se tornou diretor da tipografia do Arco do Cego, onde teria escrito sua célebre obra *Florae Fluminensis*.

documentos oficiais e diplomáticos para atender a máquina burocrática do estado. A cidade colonial do Rio de Janeiro sofreria uma série de transformações políticas, econômicas, sociais e culturais buscando se tornar a sede do vasto Império Colonial Português. Tendo Lisboa como modelo, a cidade do Rio de Janeiro, transmigrada para local de moradia da família real portuguesa, era marcada pelas diferenças culturais e a presença maciça de escravos no espaço urbano, bem como em todas as esferas do viver. Como descreve Jurandir Malerba:

Era um burburinho geral e constante de uma cidade preta e mestiça em dois terços de sua população; mas ela toda se rendia ao espetáculo cotidiano da realeza. A confiar nas estatísticas, a população branca da capital praticamente dobrou de um dia para outro.³³

Conforme a historiadora Kirsten Schultz, no seu livro *Versalhes Tropical*,³⁴ o cotidiano das pessoas na cidade do Rio de Janeiro sofreu mudanças profundas após a chegada da corte. A construção de uma corte real no Rio de Janeiro exigiu o restabelecimento de instituições identificadas com a cultura particular da monarquia portuguesa e com sua corte em Lisboa. Afinal, não era somente a presença do soberano, o embelezamento da cidade e a ampliação dos serviços do seu ambiente construído, que faziam do Rio de Janeiro uma corte real. Houve um momento de otimismo esclarecido a partir da possibilidade de reformar a “nova cidade”, o que também abrangia o esforço para criar, tanto pela força como pela educação, outra ordem sociocultural na prática. Já não era mais possível manter antigos costumes, tudo teria que ser enquadrado por reformas que satisfizessem o “padrão europeu”. Grande parte destas alterações foi vislumbrada, pelos burocratas portugueses, pela via das reformas urbanas para embelezamento da cidade e criação de um verniz civilizacional, como: criação do Horto Botânico, Casa dos Pássaros, Biblioteca Nacional, etc.³⁵. Mas também pela via das instituições, que deviam ser transplantadas de Portugal para o Brasil, com as adaptações necessárias, tais como: Casa de Suplicação, Desembargo do Paço, Mesa de Consciência e Ordens, ou a Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação Real, que em terras tropicais recebeu o final “do Brasil”. Ou, simplesmente a criação de novas

³³MALERBA, Jurandir. *A Corte no Exílio: Civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1821)*. São Paulo: Cia das Letras, 2000. p. 126

³⁴SCHULTZ, Kirsten. *Versalhes Tropical – Império, monarquia e a corte real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

³⁵Ibidem, idem

instituições a semelhança das existentes em Portugal: Intendência Geral de Polícia, Arquivo Militar, Academia de Marinha ou a Imprensa Régia, que nos interessa neste trabalho diretamente.³⁶

Desta forma, como uma das principais medidas tomadas por d. João após a instalação da corte portuguesa na cidade do Rio de Janeiro, foi autorizada a criação da Imprensa Régia. Sua sede foi montada no pavimento térreo da casa nº 44, na Rua do Passeio, centro do Rio de Janeiro. Antonio de Araújo³⁷ foi o responsável por trazer todo o pesado e complexo material gráfico no porão da Nau Medusa.³⁸ O material tipográfico havia sido encomendado da Inglaterra, pelo futuro Conde da Barca, que ocupava o posto de titular na Secretaria de Estrangeiros e da Guerra em Portugal, para sua Secretaria, mas o mesmo não chegou a ser usado.

Sendo a única tipografia no Rio de Janeiro até a independência, além de imprimir os papéis oficiais, folhetos, sermões, brochuras; fabricava livros em branco para escrituração, encadernava impressos e atendia todas as demandas do ofício de livreiro, além da editoração dos livros.³⁹ De sua criação até a independência foram 1427 documentos oficiais e 720 títulos⁴⁰. O regente também regulamentou uma junta para examinar os papéis e livros que seriam publicados na *Impressão Régia*, pois nada que ofendesse aos bons costumes, à religião e ao governo de d. João poderia ser publicado. A censura não só controlava essas publicações, mas também onde elas circulavam.

A junta diretora era formada por José Bernardes de Castro,⁴¹ que tinha o cargo de diretor da *Impressão Régia*. A ele se somavam Mariano José Pereira da Fonseca⁴², e

³⁶SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. SP: Cia das Letras, 2002, cap 7.

³⁷Antonio de Araújo – (1754-1817) Foi um diplomata, cientista, político e escritor português. Iniciou seus estudos cursando filosofia na Universidade de Coimbra. No entanto, não terminou o curso e dedicou-se aos estudos matemáticos e aos estudos históricos. Distinguiu-se como fundador de diversas instituições artísticas e científicas no período em que a corte esteve no Rio de Janeiro.

³⁸CAMARGO, Angélica Ricci. Mapa – Memória da administração Pública Brasileira. *Impressão Régia*. Ministério da Justiça – Arquivo Nacional. “Disponível em <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2733>>. Acesso em: 15/09/2015.

³⁹Imprimia um pouco de tudo: atos institucionais - leis, alvarás, decretos, cartas régias, editais - apólices e ações do Banco do Brasil, passaportes, guias de passagens, papéis timbrados, guias, recibos, livros de escrituração, livros, folhetos, folhas avulsas, listas de navios, regimentos de preços de medicamentos, efemérides náuticas, relações de despachos, folhinhas, almanaques, calendários eclesiásticos, coletâneas de legislação, balanços e balancetes. (CAMARGO, 1993 *apud* Freitas, Maria Helena. *Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros*. Disponível em: <revista.ibict.br/ciinf/article/view/1113/1243> Acesso em: 14/08/2018).

⁴⁰SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*, p. 253.

⁴¹José Bernardes de Castro – foi deputado nas mesas de inspeção do Rio de Janeiro e da Bahia, colaborou com o Patriota, primeira revista literária do Rio de Janeiro, e oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra.

José da Silva Lisboa⁴³. Além da junta, havia os censores régios, formados por frei Antônio de Arrábida⁴⁴, padre João Manzoni⁴⁵, Luís José de Carvalho e Melo⁴⁶ e novamente por José da Silva Lisboa, que examinavam em segunda instância as obras que seriam impressas. A terceira instância era exercida pela Mesa do Desembargo do Paço⁴⁷, que dava a aprovação final para que as obras obtivessem a licença da Secretaria de Estado e pudessem circular.

1.3 – Os periódicos no Brasil das primeiras décadas do século XIX.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o primeiro jornal publicado no Brasil pela Imprensa Régia. Mas o primeiro periódico brasileiro foi o *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, que começou a circular em junho de 1808, tendo existido até dezembro de 1822. Editado em Londres, esse periódico pertencia a Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça⁴⁸, jornalista e diplomata brasileiro. Quando da inauguração da imprensa no Brasil, o *Correio Braziliense* publicou:

⁴²Mariano José Pereira da Fonseca – futuro Marquês de Maricá, formado em matemática e filosofia pela Universidade de Coimbra, senador do Império, e em 1821 eleito deputado da junta Provisória no Rio de Janeiro em meio a resolução das cortes portuguesas.

⁴³José da Silva Lisboa - futuro Visconde de Cairu, estudou Direito e Filosofia na Universidade de Coimbra, e se formou em Direito Canônico. Publicou alguns livros em Portugal acerca dos princípios do Direito Mercantil e da Economia Política e várias obras no Brasil pela própria Imprensa Régia, a exemplo das *Observações sobre o Comércio Franco no Brasil e Reclamação do Brasil*, escritos no começo e no final do período joanino, respectivamente.

⁴⁴Antônio de arrábida – (1771-1850) Nascido em Lisboa, ingressou na Ordem de São Francisco aos 15 anos de idade. Conselheiro e confessor de d. João, foi designado mentor e responsável pela educação de d. Pedro e d. Miguel às vésperas da mudança para o Brasil. Permaneceu no Brasil após retorno de d. João VI a Portugal.

⁴⁵João Manzoni – nas pesquisas efetuadas não encontramos maiores detalhes sobre sua vida, a não ser que foi indicado como um dos primeiros censores régios.

⁴⁶Luís José de Carvalho e Melo – (1764-1826) 1º Visconde da Cachoeira, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, além de censor régio, foi corregedor do crime da corte e casa de Suplicação, deputado à Constituinte brasileira, ministro dos estrangeiros, senador pela província da Bahia, conselheiro de Estado, dignitário da ordem do Cruzeiro. Distinguiu-se como político sagaz e homem público zeloso pelos interesses da pátria. (Disponível em: < www.consciencia.org/ > Acesso em: 14/08/2018)

⁴⁷Criada no Brasil pelo alvará de 22 de abril de 1808, a Mesa do Desembargo do Paço era parte da estrutura do Tribunal da Mesa do Desembargo do Paço e da Consciência e Ordens, órgão superior da administração judiciária que se instalou no Brasil com a vinda da corte portuguesa. Conforme alvará de 12 de maio de 1808 o recém criado tribunal encarregava-se dos negócios que, em Portugal, pertenciam a quatro secretarias: os tribunais da Mesa do Desembargo do Paço, da Mesa da Consciência e Ordens, do Conselho do Ultramar e da Chancelaria- Mor do Estado do Brasil. Em Portugal, a Mesa do Desembargo do Paço foi estabelecida durante o reinado de d. João II (1481-1495). (MAPA - Memória da Administração Pública Brasileira. Disponível em: <mapa.an.gov.br/index> Acesso em:14/08/2018).

⁴⁸Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça - brasileiro nascido na Colônia do Sacramento (atualmente pertencente ao Uruguai) na época do domínio de Portugal era de uma família abastada do Rio de Janeiro. Seguindo a tradição dos filhos de famílias ricas da época, Hipólito da Costa se formou em Leis, Filosofia e Matemática em Coimbra e acabou por ser enviado como diplomata pela Coroa Portuguesa para

*O Mundo talvez se admirará, que eu vá anunciar como uma grande novidade, que se pretende estabelecer uma imprensa no Brasil; mas tal é o fato. Começou o século 19, e ainda os pobres Brasilienses não gozavam dos benefícios, que a imprensa trouxe aos homens; nem ainda agora lhes seria permitido esse bem, se o Governo, que lhe proibia, acossado, na Europa, se não visse obrigado a procurar um asilo nas praias da nova Lusitânia.*⁴⁹

O *Correio Braziliense* com suas publicações calorosas sobre o governo de d. João inaugura o debate sobre a política no meio dos brasileiros, e mesmo não sendo contra a monarquia, provocou nos leitores o gosto pelo debate. “Na sociedade do início do oitocentos no Brasil, marcada pelo peso da religião e pela presença da escravidão, a palavra escrita ainda circunscrevia-se ao universo da reduzida elite letrada”⁵⁰

Para o proprietário do *Correio Braziliense*, o Brasil já tinha sido agraciado pela natureza com riquezas e recursos fantásticos, mas que precisavam da intervenção do método político para que transformassem as riquezas em grandeza para o Estado. Seu intuito ao publicar o jornal, era trazer ideias esclarecedoras ao leitor, compatriotas, do imenso território brasileiro: “O Jornal nascia, portanto, sob a égide do patriotismo e da liberdade de imprensa, e destinava-se expressamente aos compatriotas”⁵¹.

O jornal defendia a soberania da Coroa Portuguesa no Brasil, concordava com a união luso-brasileira, repudiava a ideia de revolução, mas propagava o Império Constitucional. Desse modo, a conclusão é que o jornal não tinha a intenção de pregar a emancipação do Brasil, e realmente não a pregou. Mas, queria a moralização do governo, a garantia dos direitos individuais e da liberdade de imprensa.⁵²

O *Correio Braziliense* foi proibido, censurado, processado, tanto no Brasil, quanto em Portugal. A Coroa editava avisos e mobilizava as autoridades para impedir sua circulação. O N° 7 do jornal alcançou outras províncias fora do Rio de Janeiro e conquistou uma influência significativa. A vigilância no rastro do *Correio Braziliense*

o México e para os Estados Unidos, onde ingressou na Maçonaria. Quando partiu para Londres para adquirir livros para a Real Biblioteca de Portugal, em 1802, entrou em contato com as lojas maçônicas. Quando voltou à Lisboa é detido pela Inquisição, mas conseguiu fugir para a Espanha e de lá para a Inglaterra com a ajuda de pessoas influentes do Reino. Na Inglaterra, com o apoio do príncipe Augusto Frederico, sexto filho de Jorge III do Reino Unido, que também era maçom, conseguiu direitos políticos e passou a editar o *Correio Braziliense* de lá.

⁴⁹Hipólito José da Costa- *Correio Braziliense* ou Armazém Literário – Edição Fac-Similar. Imprensa Oficial – 2001. Pg. 393

⁵⁰DELMAS, Ana Carolina Galante. “*Do mais fiel e humilde Vassalo*”: uma análise das dedicatórias impressas no Brasil joanino. 294 f. Dissertação de Mestrado, UERJ, Rio de Janeiro. 2008. P.159

⁵¹*Correio Brasiliense*, v.1, p.4.

⁵²SANT’ANNA, Benedita de Cássia Lima. *Periódicos oficiais brasileiros e imprensa de língua portuguesa em Londres*. Revista Ecos, Edição nº 009 - junho 2010. P. 59

atingiu uma vasta área que cobria Londres, Lisboa e Brasil, tendo o centro no Rio de Janeiro.⁵³

Além do *Correio Braziliense*, outros periódicos circularam no mesmo período que a *Gazeta do Rio de Janeiro*, e entender um pouco esses periódicos nos ajudam a recompor o circuito dos impressos nas primeiras décadas do século XIX e, portanto, o contexto no qual a *Gazeta do Rio de Janeiro*, nosso objeto de estudo nesta dissertação, circulou:

O Patriota, fundado por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães⁵⁴, teve sua circulação entre janeiro de 1813 e dezembro de 1814, em um total de 18 números. Editado pela *Impressão Régia*, tinha característica de revista. Circulava com uma média de 110 a 130 páginas por edição. De periodicidade mensal, depois passou a bimensal. Era financiado por 163 assinantes⁵⁵. A assinatura semestral custava 4.000 réis, em 1813 e em 1814 passou a 6.000 réis. O número avulso, que durante o ano de 1813 custava 800 réis, teve um aumento em 1814 e passou a custar 1.200 réis. Trazia em suas seções, conteúdos diversos, desde as artes até a agricultura, ciências, história, filosofia, etc. A política também fazia parte de suas abordagens. A vinda de muitos estrangeiros durante o período joanino; os estudos feitos da natureza e dos vegetais; os métodos para desenvolvimento de novas culturas; e muitos outros temas, geraram vários textos, que fizeram com que o *Patriota* trouxesse uma proposta de cunho iluminista⁵⁶, tendo papel precursor na difusão das luzes no império luso-brasileiro. Estabeleceu o padrão que regeria as outras pelo século afora: trabalhos de ciência pura e aplicada, ao lado de memórias literárias e históricas, traduções, poemas, notícias.⁵⁷ Seus colaboradores eram homens diretamente ligados ao governo, tendo como exemplo de um deles, José Bonifácio de Andrada e Silva.⁵⁸ *O Reverbero Constitucional Fluminense*⁵⁹; o

⁵³BAHIA, Benedito Juarez. *História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira, volume I*, 5ª edição- Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. Disponível em: < <https://books.google.com.br> > Acesso em: 14/08/2018.

⁵⁴Manuel Ferreira de Araújo Guimarães – foi também o segundo redator da *Gazeta do Rio de Janeiro*, será mencionado com maiores detalhes no presente Capítulo.

⁵⁵Imprensa Nacional – Casa Civil da Presidência da República. Disponível em: <impresnanacional.gov.br/noticias-da-imprensa-> Acesso em: 14/08/2018

⁵⁶D. João VI e a Biblioteca Nacional: um legado em papel / [curadoria e textos Ismênia de Lima Martins, Vitor Manoel Marques da Fonseca]. – Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008. 316 p.

⁵⁷OLIVEIRA, José Carlos. *D. João VI: Adorador do Deus das Ciências?* Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005. Disponível em: <[HTTPS://books.google.com.br/books?id+VHbplu](https://books.google.com.br/books?id+VHbplu)>Acesso em: 14/08/2018.

⁵⁸José Bonifácio de Andrada e Silva – (1763-1838) Nasceu em Santos, São Paulo, com 14 anos de idade, foi para São Paulo, onde estudou francês, lógica, retórica e metafísica. Concluído os estudos vai para Portugal e matricula-se na faculdade de direito de Coimbra, estuda também filosofia, história, química e matemática. Conhecido como o Patriarca da Independência, lutou como soldado contra as tropas de

*Investigador Portuguez em Inglaterra*⁶⁰; *o Bem da Ordem*⁶¹; *Diário do Rio de Janeiro*⁶², *Idade d'Ouro do Brasil*⁶³, entre outros. Fazendo uma breve análise destes jornais,

Napoleão, foi secretário da Academia de Ciências de Lisboa, vice-presidente da província de São Paulo e Ministro do príncipe regente d. Pedro. (José Bonifácio – *Patriarca da Independência*. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/jose_bonifacio/> Acesso em: 14/08/2018).

⁵⁹O *Reverbero Constitucional Fluminense*, com circulação no Rio de Janeiro, foi publicado entre 15 de setembro 1821 a 8 de outubro de 1822, sendo um dos primeiros panfletos periódicos a surgir, em oposição ao domínio português. Apontado como órgão doutrinário da independência do Brasil, tinha inclinação decididamente liberal. Imprimiam em suas páginas a defesa de um projeto político nacionalista, visando uma monarquia constitucional brasileira independente de Portugal. Seus editores foram *Joaquim Gonçalves Ledo* (1781-1847) - jornalista e político brasileiro, foi um dos promotores do "Dia do Fico" (9 de janeiro de 1822) e *Januário da Cunha Barbosa* (1780 - 1846) que foi um orador sacro, historiador, jornalista, poeta, biógrafo e político de muita importância no Primeiro Reinado. Por seu cunho político bastante pontual, depois da emancipação do Brasil de Portugal, o periódico parou de circular (D. João VI e a Biblioteca Nacional: um legado em papel / [curadoria e textos Ismênia de Lima Martins, Vitor Manoel Marques da Fonseca]. – Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008. 316p.)

⁶⁰O *Investigador Portuguez em Inglaterra ou Jornal Literário Político* era editado em Londres como o *Correio Braziliense*. Recebeu patrocínio da Coroa portuguesa, que a princípio remetia ao jornal 14 mil réis por edição, circulou entre os anos de 1811 e 1819 com publicações mensais. A intenção deste periódico era justamente combater as ideias propagadas pelo *Correio Braziliense*. Um de seus editores era *Bernardo José de Abrantes e Castro* (1771 - 1833) médico, diplomata e jornalista português embaixador de Portugal em Londres. (BAHIA, Benedito Juarez. *História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira, volume I*, 5ª edição- Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. Disponível em: <<https://books.google.com.br>> Acesso em: 14/08/2018).

⁶¹O *Bem da Ordem*, publicado pelo cônego *Francisco Vieira Goulart* - que foi também o terceiro redator da *Gazeta do Rio de Janeiro*, e será mencionado com maiores detalhes no presente Capítulo - no ano de 1821, teve breve circulação. O jornal tinha como proposta ser lido pelo “povo rude e sem aplicação às letras”, denotando uma preocupação em atingir um público mais amplo e visto como “despossuído” (MOREL Marco; BARROS, Mariana Monteiro de Palavra, imagem e poder – *o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003. pg.18.) No número inicial deste periódico, Vieira Goulart se expressava nestes termos: “Para (...) fazer em vulgares as ideias de Bem da Ordem (...) é que o Redator deste periódico toma a si está difícil empresa, sem outras vistas que o Bem da Ordem, donde depende a prosperidade geral.” Adepto de algumas ideias liberais, mas não admitindo tumultos, “filhos da anarquia”, na expressão da época, sua postura coadunava-se com aquela de outros homens de letras, educados sob as “envergonhadas luzes luso-brasileiras (NEVES, Lúcia Maria Bastos P. Neves. *Francisco Vieira Goulart: Entre as benesses do antigo regime e as conquistas liberais*. Usos do Passado – XII Encontro Regional de História – Anpuh - Rio de Janeiro 2006.)

⁶²O *Diário do Rio de Janeiro* começou a circular em 1º de junho de 1821, 4 dias antes do juramento das novas bases da Constituição portuguesa. Seu redator era Zeferino Vito de Meireles, português, antes de fundar o jornal, ele passou de operário na Imprensa Régia a seu vice administrador. Apesar da isenção absoluta na política, sofreu um atentado em agosto de 1822, aonde veio a falecer por este motivo em 12 de novembro do mesmo ano. O jornal não se ocupava de assuntos políticos e era voltado para informações locais, como aquelas que tratavam de furtos, assassinios, demandas, reclamações, divertimentos, espetáculos, observações meteorológicas, marés, correios, tratavam de escravos fugidos, leilões, compras, vendas, achados, aluguéis, etc., foi o primeiro jornal diário e informativo a circular no Brasil. Os interessados o encontravam na livraria de *Manuel Joaquim da Silva Porto* - que teve importante atuação nos meios culturais do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XIX. Publicou uma das primeiras traduções literárias brasileiras, manteve importante livraria que abastecia com as últimas novidades os intelectuais da colônia para, em seguida, tornar-se editor e publicar dezenas de títulos, entre os quais muitos textos que divulgaram as ideias independentistas. Após 1828, Silva Porto, volta a Portugal e torna-se autor prolífico no Porto, sua cidade natal - (Cybele de Ipanema/Marcelo de Ipanema - Sinopse do livro: *Silva Porto: Livreiro na Corte de D. João- Editor na Independência*, 2007, 192 p) - e em outros pontos da cidade. Em março de 1822 passou a ser impresso em oficina própria, a chamada Tipografia do Diário, ao que tudo indica a segunda a ser instalada no Rio de Janeiro. Seu distanciamento da política era tal que não noticiou a proclamação da independência, inserindo apenas editais a respeito do acontecimento (SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª

observamos que alguns eram pró governo português, como o *Patriota*, *Idade d'Ouro do Brasil* e o *Investigador Portuguez em Inglaterra*, sendo este último, criado com o intuito de combater as ideias lançadas pelo *Correio Braziliense*, que também não chegava a ser contra a Monarquia, ficando em uma posição intermediária, de cobrar uma Constituição e exigir da Coroa maiores direitos aos súditos, defendendo as ideias liberais, mas sem abraçar a ideia de Independência. *O Reverbero Constitucional Fluminense* e o *Bem da Ordem* defendiam ideias liberais e a independência do Brasil de Portugal, ambos têm em comum a curta duração. Por último o *Diário do Rio de Janeiro* que procurava ser imparcial, ou melhor, em suas páginas não havia questões políticas, sua função era meramente informar ao público leitor.

1.4 - A Gazeta do Rio de Janeiro

A *Gazeta do Rio de Janeiro* era propriedade da Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Dom Rodrigo de Souza Coutinho, futuro Conde de Linhares, era o ministro responsável pela Secretaria, sendo também Conselheiro Real e braço direito do príncipe regente d. João. Era ele quem supervisionava a *Gazeta*, que tinha os mesmos diretores da Imprensa Régia.⁶⁴

Ed.(atualizada)- Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 50. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id+GmRTJ>> Acesso em: 15/08/2018)

⁶³ A *Idade d'Ouro do Brasil* é o segundo periódico publicado oficialmente em território brasileiro, sendo em Salvador, na Bahia, impresso na tipografia de Manuel Antônio da Silva Serva - português de Vila Real de Trás-os-Montes, que combinou os ofícios de impressor, livreiro e divulgador do livro, morando na Bahia desde 1797. Em 1809, Silva Serva consegue licença para trazer uma impressora de Londres, graças aos esforços do Conde dos Arcos, fundando a primeira imprensa particular, desenvolvendo, em termos particulares, a mais produtiva trincheira de popularização da leitura no Brasil Oitocentista. O jornal tinha o formato in4, com 4 páginas e circulava às terças e sextas feiras, com o preço de 60 réis o exemplar avulso. A assinatura era de 8.000 réis anuais. Era redigido por Diogo Soares da Silva Bivar - (1785-1865) formado em Direito na Universidade de Coimbra, de espírito liberal, foi enviado em degredo para Moçambique por haver hospedado Junot em sua propriedade em Abrantes. No entanto, durante a viagem para Moçambique, tomou o rumo da Bahia e lá se estabeleceu. Tempos depois, no Brasil, foi perdoado pelo crime de colaboracionismo. Sua filha Violante Atalipa Ximene de Bivar e Velasco é considerada a primeira jornalista brasileira, e pelo padre José de Macedo, (1774-1834) que foi um padre católico português. Suas notícias eram em torno do comércio local, festejos, artes, ciências e acontecimentos internacionais. Sua epígrafe era: “Falai em tudo verdades, aquém em tudo deveis”. Publicado sob a proteção do Conde dos Arcos, Marcos de Noronha e Brito – (1771-1828) oitavo Conde dos Arcos, foi um nobre e administrador colonial português, último vice-rei do Brasil. Governou de 1806 a 1808, até quando d. João aportou na cidade de Salvador. Com a chegada da família real portuguesa foi transferido para Bahia como governador, onde foi enriquecedor para a educação, sendo responsável pela criação de escolas e aulas. O periódico manteve sempre uma mesma linha editorial e defendeu o absolutismo monárquico português. Circulou entre 1811 e 1823.

⁶⁴Depois da morte de Dom Rodrigo em 1812, a Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra foi ocupada por diversos nomes: João de Almeida Melo e Castro, Conde das Galveas (1812-1814); Fernando José de Portugal, Conde Aguiar (1814-1816); Antônio de Araújo Azevedo, Conde da Barca (1817); João Paulo Bezerra de Seixas (1817); Tomás Antônio de Vila Nova Portugal (1817-1820); e Pedro de Souza

A *Gazeta do Rio de Janeiro* pode ser considerada um jornal bastante duradouro para a sua época de existência e sua história pode ser dividida em dois grandes momentos. O primeiro que iria de 1808, quando foi criada, até 1815. E, o segundo, de 1815 até 1822, quando o jornal fechou. No primeiro momento, o jornal se voltava para a Europa noticiando as batalhas da guerra de Napoleão, e no segundo, com o Brasil passando a Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, e com o término das guerras napoleônicas houve um aumento de estrangeiros no Brasil, incluindo os franceses, e o comércio de produtos franceses alavancou consideravelmente, aparecendo nas seções de avisos da *Gazeta*. No entanto, para este trabalho, focaremos até o ano de 1821, quando a corte retorna para Portugal. O presente trabalho compartilha da visão dos autores, tais como Maria Beatriz Nizza da Silva, Tereza Levy Cardoso, Juliana Gesuelli Meirelles, que veem na *Gazeta* um importante documento para estudar o período em que d. João esteve no Brasil. Concordamos que a história é parcialmente contada pelas suas páginas, já que o foco do jornal é agradar ao monarca e enaltecer a Coroa. Mesmo sendo unilateral, a *Gazeta do Rio de Janeiro* é uma fonte que permite ao historiador analisar os aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos no período em que foi publicado. Até esta parte do capítulo tivemos como intenção principal contextualizar o cenário tipográfico e editorial no qual a *Gazeta do Rio de Janeiro* surgiu. Assim, apontamos a influência da *Gazeta de Lisboa* como modelo, pontuando os impedimentos de existência e a censura sofrida pelos impressos na América Portuguesa e na Europa no contexto colonial e das invasões napoleônicas, e ressaltamos as consequências da vinda da corte para o Brasil no que concerne à criação da imprensa Régia e de um circuito de impressos na cidade do Rio de Janeiro. Neste momento, iremos realizar uma descrição densa da própria *Gazeta do Rio de Janeiro* como o principal periódico existente na corte durante o governo Joanino.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* foi fundada, em 10 de setembro de 1808, sendo o primeiro jornal impresso no Brasil, nas máquinas da Imprensa Régia.

Em seu primeiro número, já trazia notícias sobre o domínio francês em Portugal e na Europa.

Holstein (Duque de Palmela) de 1820 até o final do período joanino. (Site Arquivo Nacional. MAPA – Memória da Administração Pública Brasileira. Disponível em: < <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/233-secretaria-de-estado-dos-negocios-estrangeiros-e-da-guerra>> Acesso em: 19/04/2018)

(...) Daí por diante até meados de 1815 a folha de circulação bisemanal debateria uma temática política específica em suas páginas: as guerras napoleônicas e a quebra da ordem europeia sob o nefasto poderio de Napoleão no Velho Mundo. A chegada dos paquetes era ansiosamente aguardada pelos novos habitantes e, sempre que aportavam novas informações referentes aos rumos da guerra na Europa, eram rapidamente editadas pelos produtores das notícias veiculadas na *Gazeta* e exposta ao público no jornal, sempre com a recepção filtrada pela fala do redator.⁶⁵

Tereza Levy Cardoso⁶⁶ assinala que a partir de 1808 a *Gazeta* passou a preencher uma necessidade de informação sobre a guerra que se desenrolava na Europa. Desde 1804, quando Napoleão expandia seu Império, o qual já em 1812, assumia dimensões continentais, os interessados por informações eram principalmente as pessoas que fizeram parte da comitiva da família real no seu traslado para o Brasil, e que haviam deixado em Portugal não só suas propriedades e negócios, como também parentes. As preocupações mais imediatas desta parte da população residente na Corte podem ser estudadas, através do noticiário da *Gazeta*. Portanto, os textos publicados pela *Gazeta* buscavam atender aos portugueses que para cá vieram com a metrópole, mas também um grupo nascido na América Portuguesa, letrado, e que pertencia à classe dominante.

Um dos muitos leitores da *Gazeta* foi o comerciante inglês, John Armitage, que morou sete anos no Brasil. Ele escreveu que o periódico só publicava o estado de saúde dos príncipes da Europa; ilustrações de documentos; aniversários de pessoas da realeza; e tudo que dizia respeito a família real. Em sua opinião crítica, “não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos.”⁶⁷ Já o redator Hipólito José da Costa a chamava de “mísera *Gazeta* do Rio de Janeiro, em que se gasta tão boa qualidade de papel em imprimir tão ruim matéria, que melhor se empregaria se fosse usado para embrulhar manteiga.”⁶⁸

⁶⁵MEIRELLES, Juliana Gesuelli. *A Gazeta do Rio de Janeiro e o impacto na circulação de ideias no Império luso-brasileiro (1808-1821)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, SP, 2006, p.101.

⁶⁶CARDOSO, Tereza M. R. Fachada Levy. *A Gazeta do Rio de Janeiro. Subsídios para a história da cidade (1808-1821)*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, ano 152, n. 371, p. 341- 436, abr./jun. 1991.

⁶⁷ARMITAGE, John. *História do Brasil, desde a chegada da real família de Bragança em 1808, até a abdicação de D. Pedro I em 1831*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (vii, 323p., retr.) Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4972>. Acesso em 11/04/18

⁶⁸MOLINA, Matías M. *História dos Jornais no Brasil- Da era colonial à Regência (1500-1840) V. 1*. Companhia das Letras. 2015, p. 90.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* entre 1808 e 1821 fez parte de um circuito de jornais que trocava informações entre Brasil e Europa. Do mesmo modo em que no Brasil chegavam navios contendo jornais e documentos europeus que aqui eram traduzidos e publicados, o contrário também era verdadeiro. A *Gazeta do Rio de Janeiro* chegava aos portos de Lisboa e suas informações circulavam por outros lugares de Portugal. Ela fazia parte dos jornais considerados de interesse do povo português em geral, legitimando o que afirmou Juliana Meirelles sobre “a participação e o interesse do público leitor pelas informações dos dois lados do Atlântico”.⁶⁹ A *Gazeta* publicava notícias de jornais europeus, obviamente com atrasos de meses. No Nº 113, de 11 de outubro de 1809, a seguinte ressalva foi feita pelo redator: “Recebemos folhas de Lisboa desde 11 de junho até 17 de julho de que iremos fazendo extratos sucessivamente, e de mistura com as folhas de Londres, que ainda restam.” Portanto, ficava clara a troca de relatos e a elaboração de narrativas a partir dos jornais trazidos do estrangeiro.

Após o final das guerras Napoleônicas, conforme a antipatia pelos franceses começou a esfriar, a Coroa portuguesa e as elites da cidade se voltaram novamente para a França a procura de modelos de refinamento estético para a recém-inaugurada corte. A moda e os penteados femininos franceses, os perfumes, tecidos, e vários artigos voltaram a ser adquiridos. Nas páginas da *Gazeta do Rio de Janeiro* os anúncios se multiplicaram com as ofertas de incontáveis mercadorias francesas. Terminadas as guerras, entre 1815 e 1819, as notícias também passaram a ser mais variadas e envolver temas tanto nacionais como internacionais. Entre 1820 e 1821, após a revolução liberal do Porto e a volta de d. João VI para Portugal, grande parte do periódico foi ocupado com publicações sobre as sessões das Cortes de Lisboa.

Esse breve panorama demonstra que, durante todo o período joanino, grande atenção foi dada aos conflitos e eventos políticos ocorridos na Europa, no Brasil e nos Estados Unidos. Em termos dos conflitos nacionais, a guerra contra os índios, principalmente os Botocudos, foi recorrente. Mantendo-se como jornal oficial e editado pela Imprensa Régia do governo, o massacre dos “Botocudos foi apresentado aos leitores como um benefício do soberano a seus vassallos, na medida em que contribuiria para a colonização em terras antes ameaçadas pela nação indígena.”⁷⁰ Da mesma forma,

⁶⁹OLIVEIRA, Aline Cristina. *Conexões culturais luso-franco-brasileiras: memória e representação na formação da imprensa no Brasil*. Patrimônio e Memória, São Paulo, UNESP, v.11, n. 2, p.120-174, julho-dezembro, 2015.

⁷⁰SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *A Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1822): Cultura e Sociedade*. Eduerj. 289 páginas. 2007, p.238.

a Revolução Pernambucana de 1817 foi relatada de forma crítica, buscando orientar a opinião pública a favor do governo português.⁷¹ A ideia de notícia e de política no periódico era delineada pela valorização dos grandes homens, estadistas, reis e rainhas; bem como de temas de guerra, assinatura de decretos e tratados.

Desta forma, os temas e notícias elencados nesse periódico eram direcionados para um público mais seletivo, composto, na sua maioria por nobres, funcionários de governo, comerciantes, enfim as elites letradas. Nas duas primeiras décadas do século XIX, a alfabetização era privilégio de poucos fazendo com que o público leitor fosse eminentemente pertencente às classes mais altas da sociedade. O acesso do povo propriamente dito às informações, em sua grande maioria, ocorria oralmente.

Desde seu primeiro exemplar, a *Gazeta do Rio de Janeiro* definiu seu público alvo, preço, formas de aquisição, procedimentos para anúncios, assinaturas e meios de circulação:

A Gazeta do Rio de Janeiro deve sair todos os sábados pela manhã: Que se vende nesta corte em casa de Paulo Martim Filho, mercador de livros no fim da rua da Quitanda a preço de 80 réis: Que as pessoas que quiserem ser assinantes deverão dar os seus nomes, e moradas, na sobredita casa, pagando logo os primeiros seis meses a 1:900 réis; e lhes serão remetidos as folhas a suas casas no sábado pela manhã: Que na mesma Gazeta se porão quaisquer anúncios, que se queiram fazer; devendo estar na 4ª feira no fim da tarde na Impressão Régia.

Logo abaixo deste aviso, esclarecia: “ainda que pertença por privilégio aos oficiais da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra não é contudo oficial, e o governo somente responde por aqueles papéis, que nela mandar imprimir em seu nome”.⁷² Em poucas linhas, buscava-se construir uma imagem de jornal independente do governo na sua linha editorial, muito embora a *Gazeta* sempre tenha sido considerada como um jornal oficial a serviço da Coroa. O mesmo aviso foi publicado novamente na *Gazeta* nº 9 em 12 de outubro de 1808, deixando claro que, embora muitas das publicações sejam a mando da Coroa, havia outras que eram de particulares e dos editores do próprio jornal.

⁷¹Como afirma Maria Beatriz Nizza, as tardias notícias publicadas sobre a Revolução Pernambucana revelam o ponto de vista do governo português e como se pretendia orientar a opinião pública. Ibidem. p. 23

⁷²*Gazeta do Rio de Janeiro* nº01 de 10/09/1808. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

A periodicidade do jornal aumentou rapidamente e, já na edição número dois de 17 de setembro de 1808, figurava o seguinte comunicado: “avisa-se o público, que a Gazeta do Rio de Janeiro sairá todas as quartas e sábados; em consequência os assinantes deverão assistir com o dobro da primeira assinatura.”⁷³ Desta forma, a assinatura encareceu e passou a custar 3:800 réis. Em dezembro de 1809, um novo aviso foi publicado participando que, de janeiro a junho de 1810, a assinatura passaria a custar 5:000 réis tanto para as *Gazetas Ordinárias*, como para as *Extraordinárias*. Os editores já previam que o aumento causaria reclamações e sugeriam que: “aqueles que possam ter algum motivo de queixa fundada sobre a entrega regular dos números, ou alguma outra razão, dirigir-se-ão à Loja da Gazeta onde farão saber, para se lhe dar imediatamente as convenientes providências”.⁷⁴ Uma nova alteração de preço foi registrada somente em 1821:

*Terminando com este mês a subscrição da Gazeta para o primeiro semestre deste ano, e sendo necessário aumentar o número de Gazetas no seguinte por não ser ainda suficiente a extensão do novo formato; e desejando, contudo que os subscritores tenham maiores vantagens do que precedentemente, e ao mesmo tempo em que não cresça o preço das Gazetas avulsas, se tem estabelecido que do 1º de julho em diante haja em cada semana três Gazetas nos dias terça, quinta e sábado, além das extraordinárias que forem necessárias, e que o preço da subscrição seja de 6:000 réis por semestre, muito inferior ao que corresponderia proporcionalmente; continuando a vender-se cada uma por 80 réis. Quem quiser subscrever, dirija-se a loja de Paulo Martin, na rua da Quitanda, nº 33.*⁷⁵

O novo aumento depois de mais de 10 anos era justificado pelo grande volume de notícias e, portanto, a necessidade de aumento das edições de 2 para 3 na semana, além das tiragens extraordinárias que saíam em outros dias, quando algo muito importante ocorria. A casa de Paulo Martin Filho, mercador de livros, na rua da Quitanda se mantinha como o endereço para fins comerciais.

No que compete a composição da primeira página, a *Gazeta* era editada com uma epígrafe “Doctrina... vim promovet insitam, Rectique cultus pectora roborant. HORAT”, localizada logo abaixo da data do periódico, a qual ficava no alto da página, debaixo do nome do jornal. A citação de Horácio permaneceu em todos os periódicos até 28 de abril de 1821, quando a partir de 2 de maio desapareceu com a mudança do

⁷³*Gazeta do Rio de Janeiro* nº02 de 17/09/1808. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

⁷⁴*Gazeta do Rio de Janeiro* nº136 de 30/12/1809. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital

⁷⁵*Gazeta do Rio de Janeiro* nº40 de 20/06/1821. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

formato da primeira página. Do lado esquerdo da primeira página, também ao alto, ficava o número da edição e, do lado direito, o ano da publicação. No que compete ao formato in-quatro, a *Gazeta* era publicada com as dimensões de 19 cm X 13,5 cm, espaço de 247cm² por página, seguindo os padrões europeus e todas essas características apontavam semelhanças com a *Gazeta de Lisboa*.

Os anúncios e avisos ocupavam uma parte importante da *Gazeta*. Se no início do periódico nada era cobrado pela inserção de anúncios, com o decorrer do tempo, a *Gazeta*, como qualquer outro jornal, oficial ou não, aderiu à tabela de preços para anúncios.⁷⁶ Desta forma, era mencionada regularmente a Loja da *Gazeta* para atendimento ao público e ficando claro que fazia parte das receitas do jornal a cobrança por anúncios.

Além das *Gazetas Ordinárias* que saíam regularmente, havia as *Gazetas Extraordinárias*, já mencionadas no presente trabalho, as quais eram publicadas quando existiam notícias importantes ou urgentes que não poderiam esperar para o próximo número do periódico. Desde seu início, a *Gazeta do Rio de Janeiro* contou com números extraordinários. O primeiro número da *Gazeta Extraordinária do Rio de Janeiro* saiu em 14 de setembro de 1808, antes do segundo número da *Gazeta Ordinária*, editada em 17 de setembro de 1808. Em sua última página, justificava:

Forma parte do plano da Gazeta do Rio de Janeiro, publicar números extraordinários, quando houver notícias tão interessantes que se julgue a propósito comunicá-las ao público antes do sábado. Deve, porém, advertir-se que, ainda que os subseqüentes contenham às vezes notícias de data anterior às que naqueles se houverem imprimido, essa espécie de anacronismo não é prejudicial à coleção destas folhas considerada como resumo da história dos tempos. O Editor julga, pois que deve mais depressa satisfazer a curiosidade do público do que seguir uma ordem que, à primeira vista, parecerá incompetente.⁷⁷

As *Gazetas Extraordinárias* saíram regularmente durante todo o período de circulação do jornal. Algumas já eram anunciadas nos números regulares das *Gazetas* que as antecediam, como no caso da *Gazeta* N^o 11, de 19 de outubro de 1808, onde se lia no último anúncio, “Avisa-se ao público de que sexta feira próxima haverá uma

⁷⁶BAHIA, Benedito Juarez. *História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira, volume I*, 5^a edição- Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. Disponível em: < <https://books.google.com.br> > Acesso em: 14/08/2018. p.19

⁷⁷*Gazeta Extraordinária do Rio de Janeiro* n^o01 de 14/09/1808. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital

Gazeta Extraordinária N° 7^o. O anúncio acima também demonstra que o jornal já previa sua futura encadernação e, por isso, esclarecia aos leitores e assinantes que a coerência e a cronologia não ficariam prejudicada.

No quadro abaixo, demonstramos o número de *Gazetas Ordinárias* e *Extraordinárias* que foram publicadas entre 1808 e 1821, período de existência da *Gazeta do Rio de Janeiro*.⁷⁸

Quadro 1 - Gazetas Ordinárias e Extraordinárias

Ano	Gazeta Ordinária	Gazeta Extraordinária
1808 e 1809	136	37
1810	104	20
1811	104	30
1812	105	10
1813	104	12
1814	105	11
1815	104	23
1816	104	04
1817	105	04
1818	104	11
1819	104	03
1820	105	08
1821	130	23

Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro 1808-1821.

O número de folhas publicadas era de quatro, salvo algumas exceções. A partir da *Gazeta* de N° 35, de 2 de maio de 1821, foi mudado o formato do periódico e o número começou a variar entre 4, 6, 8, 10 e 12 páginas, conforme os conteúdos publicados. Outra mudança ocorrida foi a periodicidade. Entre 1808 e 1821, como já vimos, a *Gazeta* era distribuída aos sábados e quartas, mas a partir da *Gazeta* N° 53, de 3 de julho de 1821, começou a sair às terças, quintas e sábados.

⁷⁸A tabela foi produzida pela autora, com dados retirados dos periódicos da *Gazeta do Rio de Janeiro* 1808-1821, digitalizados no site da Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

As *Gazetas Extraordinárias* foram publicadas até 11 de dezembro de 1821. A partir do Nº 123 de 13 de dezembro de 1821, elas foram substituídas pelos Suplementos, conforme nota divulgada pelo redator Francisco Vieira Goulart. Nesta nota, o redator, que havia substituído Araújo Guimarães, discorre sobre o período conturbado pelo qual passava o jornal e o país, fala sobre a necessidade de compromisso da *Gazeta* para com seus assinantes e leitores. Como já sabemos, em 1820 iniciou na cidade do Porto um movimento liberal, que ficaria sendo conhecido como a Revolução do Porto. Já em 1817 houve uma tentativa de revolta para derrubar Lord Beresford e implantar um regime republicano em Portugal. A conspiração foi descoberta e sufocada por d. João VI. A Revolução do Porto logo se espalhou para outras cidades e consolidou-se com a adesão de Lisboa. Os portugueses descontentes e influenciados pelos movimentos na Espanha, que já havia aprovado uma constituição, também almejavam uma constituição. O movimento conseguiu o apoio de todas as camadas sociais, e logo exigiu a volta da corte e d. João para Portugal. A *Gazeta* transcreveu as sessões do Soberano Congresso de Lisboa, desde 1821, onde grande parte do jornal era ocupada por esses extratos das sessões, visto ser de grande interesse do público da *Gazeta*.

A partir de 1 de janeiro de 1822, a *Gazeta do Rio de Janeiro* mudou de nome e passou a se chamar *Gazeta do Rio*. Não houve por parte do redator nenhuma nota explicando o motivo da alteração. Durante o ano de 1822, foram publicados 157 exemplares, dentre eles alguns suplementos.

1.5 Os Redatores

O primeiro redator da *Gazeta do Rio de Janeiro*, Frei Tibúrcio José da Rocha ficou no jornal entre 1808 e 1813. Português nascido no Porto foi escolhido para redator da *Gazeta*, quando tinha 30 anos de idade. Veio ao Brasil para ser Capelão da Artilharia, e não foi elucidado como passou a fazer parte da Secretaria dos Negócios e Estrangeiros e da Guerra. O fato é que d. Rodrigo de Sousa Coutinho, o Conde de Linhares, o tinha em grande conta, e Tibúrcio José da Rocha desempenhou seu papel de redator do periódico até a morte de d. Rodrigo, em 1812. A partir da morte do Conde, Frei Tibúrcio não alinhou seus pensamentos com o substituto de d. Rodrigo na Secretaria, João Vicente de Almeida de Melo e Castro, o Conde de Galveias, e acabou deixando o jornal um ano depois. Assim, foi substituído por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, que ocupou o cargo entre 1813 e 1821.

Araújo Guimarães, nascido na Bahia, e tendo estudado em Coimbra, concluiu seu curso matemático da Academia Real dos Guardas-Marinha em 1801. De volta ao Brasil, foi nomeado lente da Academia dos Guardas da Marinha, e em 1811 ingressa como docente do curso de matemática da Academia Militar do Rio de Janeiro. Quando assumiu a *Gazeta*, também editava o *Patriota* (1813-1814). Foi o redator que praticamente ficou o tempo inteiro de circulação do periódico e cumpriu seu papel conforme as diretrizes do jornal. Deixou o jornal por motivos econômicos, pelo menos foi o que alegou ao publicar sua nota de despedida em 2 de agosto de 1821 na *Gazeta* de Nº 66.

O terceiro e último redator, Cônego Francisco Vieira Goulart, era português dos Açores, e chegou ao jornal já no período final do mesmo, publicando uma nota na *Gazeta* de Nº 67 de 4 de agosto de 1821. Em seu discurso de chegada, entre outras coisas, afirmou que adotaria “o plano estabelecido pelo seu antecessor”. Tendo também desempenhado a função de professor régio de Filosofia Racional e Moral, e também, como Araújo Guimarães, era editor de um jornal, o *Bem da Ordem*, quando iniciou o movimento constitucionalista. O jornal foi custeado pela Coroa, e sobre o jornal Vieira Goulart afirmava “(...) só me proponho a escrever para aquela classe de cidadãos que não frequentam estudos”⁷⁹. Diante do período conturbado em que assumiu a *Gazeta*, Vieira Goulart fez um combate efetivo a outros periódicos surgidos nesta fase em que precedeu a independência do Brasil.

Podemos concluir que todos os três redatores da *Gazeta* eram homens ligados de alguma maneira a Coroa, e dois deles, Araújo Guimarães e Vieira Goulart, também tinham interesse em outros tipos de periódicos, visto serem editores de outros jornais, expressando assim suas ideias através deles.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* constava de uma parte noticiosa, onde as notícias propriamente ditas eram publicadas, principalmente aquelas extraídas de jornais estrangeiros, ou mesmo as nacionais, e a Seção de Avisos, que era publicada na última página do periódico. A partir da *Gazeta* de Nº 53, publicada em 3 de julho de 1811, houve a divisão em 2 colunas da parte noticiosa. Outra novidade foi a Seção *Notícias Marítimas*, que passou a vir antes dos Avisos, informando as entradas e saídas das embarcações. Nesta Seção eram listadas todas as embarcações que chegavam e saíam

⁷⁹MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder – o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003, pg. 40.

do porto do Rio de Janeiro, constando as datas, os nomes dos mestres, bem como o nome da embarcação e o que transportavam. No caso dos navios que entravam, registrava-se a quantidade de dias que levaram para chegar ao porto do Rio de Janeiro. Vejamos a Entrada e Saída de duas embarcações:

Entradas

Dia 4 de julho – Da Bahia (vindo de Lisboa em 35 dias); navio Grão-Pará; M. Bernardino da Costa Martins; carga, sal, vinho, e mais gêneros, 6 passageiros.

Saídas

Dia 4 de julho – Para o Rio Grande; B. Pensamento Ligeiro: M. João Manoel dos Santos; carga, vinho e fazendas; 9 passageiros e 22 escravos.⁸⁰

Sempre no final da Seção de avisos, havia as notícias do correio com as datas das saídas das embarcações. Começavam com “Pela Administração Geral do Correio Marítimo desta Corte se faz público (...)” e finalizavam com esta informação: As cartas “Serão lançadas no Correio até as 4 horas da tarde dos dias antecedentes.” Fazia parte também da última página, junto com a seção de Avisos, a informação do que estava sendo lançado no mercado, com a indicação do valor e do local onde podiam ser encontrados, a exemplo de livros, alvarás, decretos, etc. Sempre começando com esta expressão: “Saíram à Luz”. Vejamos uma destas informações:

Saíram à luz: Decreto de 6 de fevereiro de 1818, pelo qual Sua Majestade há por bem instituir uma nova Ordem Militar da Conceição, de que ficará sendo Cabeça, a Capela Real de N. S. da Conceição de Vila Viçosa – Dito da mesma data, concedendo o privilégio de Aposentadoria passiva a todos os moradores da cidade do Rio de Janeiro. Vendem-se na Impressão Régia, e na loja da Gazeta, a 50 réis.⁸¹

Desde o dia 2 de maio de 1821, a *Gazeta* passou a publicar integralmente cartas de leitores. Os interessados deveriam endereçá-las para a Loja da Gazeta ou ao Correio. Esta seção não aparecia em todas as edições, não se sabe se por chegarem poucas, ou se eram muito bem selecionadas pelo redator, contudo, só eram publicadas aquelas que comungassem com a visão do jornal. Após a mudança de redator em 4 de agosto de 1821, as correspondências foram ficando cada vez mais escassas.

⁸⁰*Gazeta do Rio de Janeiro* nº54 de 06/07/1811. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital

⁸¹*Gazeta do Rio de Janeiro* nº13 de 14/02/1818. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital

Guerras napoleônicas; casamento da arquiduquesa Maria Luiza da Áustria com Napoleão Bonaparte; proclamação do Príncipe Vice-Rei da Itália, Eugênio de Beauharnais, que era enteado de Napoleão; execução do Marechal Michel Ney⁸², grande aliado de Napoleão Bonaparte; notícia do falecimento de d. Rodrigo de Sousa Coutinho, o Conde de Linhares; morte de d. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, genro e sobrinho de d. João VI, casado com sua filha primogênita d. Maria Teresa de Bragança; morte da Rainha d. Maria I; falecimento do Rei Jorge III da Inglaterra; a morte de Paulo Fernandes Viana, que atuou como Intendente Geral de Polícia, durante todo o período joanino; plano da loteria em prol da continuação da construção do Real Teatro de São João, colocando a quantidade de bilhetes, o valor dos prêmios, e as somas em dinheiro; chegada da Princesa Leopoldina em grande pompa; publicação da elevação do Brasil a Reino; proclamação do presidente dos Estados Unidos, James Madison, explicando os motivos porque seu país toma posse do território do Mississippi, foram grandes notícias da *Gazeta do Rio de Janeiro* em seu período de circulação. Vejamos mais algumas que se transformaram em fatos históricos:

É publicada, em um sábado, a aclamação de d. João VI, na primeira página:

*Ontem, 6 do corrente, Dia sempre memorável nos Fastos do Reino Unido, se fez a Gloriosa Aclamação de Sua Majestade Fidelíssima o Senhor D. João VI; e porque não cabe no tempo darmos circunstanciada e exata desta Augusta Cerimônia, assim como das demonstrações de júbilo e de satisfação, que mostraram todos os moradores desta Corte, reservamos este Digníssimo Objeto para uma Gazeta Extraordinária, que daremos com possível brevidade. Igualmente publicaremos o grande número de Despachos, que por este faustíssimo motivo se expediu pelas competentes Secretarias de Estado.*⁸³

Congresso de Viena e conferências das potências que assinaram o Tratado de Paris:

*Conferência de 12 de maio de 1815.
A Junta nomeada a 9 do corrente, e encarregada de examinar se, depois dos acontecimentos, que tem passado desde que Napoleão Bonaparte voltou a França, e em consequência dos documentos publicados em Paris sobre a Declaração, que as Potências aliadas*

⁸²Michel Ney – (1769-1815) Foi um comandante francês nas Guerras revolucionárias francesas e nas guerras napoleônicas e um dos dezoito Marechais da França instituídos por Napoleão Bonaparte. Considerado um traidor pelo regime de Luís XVIII, foi formalmente acusado, sendo julgado em 4 de dezembro de 1815 pela Câmara dos Pares.

⁸³*Gazeta do Rio de Janeiro* n°11 de 07/02/1818. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital

*expediram contra ele a 13 de março passado, seria necessário proceder a uma nova declaração, apresentou na sessão de hoje o seguinte relatório (...)*⁸⁴

Na *Gazeta Extraordinária* Nº 23, foi publicado um Ofício das Cortes Gerais à d. João VI, pela volta de d. Pedro a Portugal:

*D. João, por Graça de Deus, e pela Constituição da Monarquia, Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves, d'aquém, e d'além mar em África. Faço saber os meus Súbditos que as Cortes Decretaram o seguinte: As Cortes Gerais, Extraordinárias, e Constituintes da Nação Portuguesa, havendo Decretado, em data de hoje, a forma de Governo, e Administração Pública das Províncias do Brasil, de maneira que a continuação da residência do Príncipe Real no Rio de Janeiro se torna não só desnecessária, mas até indecorosa à sua Alta Hierarquia: E considerando juntamente quanto convém aos interesses da Nação que Sua Alteza Real viaje por alguns Países ilustrados, a fim de obter aqueles conhecimentos, que se fazem necessários, para um dia ocupar dignamente o Trono Português: Mandam respeitosamente participar a EL-REI que tem resolvido o seguinte: 1º Que o Príncipe Real regresse quanto antes para Portugal. 2º Que Sua Alteza Real, logo que chegue a Portugal, passe a viajar incógnito as Cortes e Reinos de Espanha, França e Inglaterra, sendo acompanhado por pessoas dotadas de luzes, virtudes, e adesão ao sistema Constitucional (...)*⁸⁵

D. João VI e a Família Real embarcaram de volta para Portugal na madrugada do dia 25 de abril:

*Depois de Sua Majestade ter Dado tantas e tão evidentes provas de amor aos Seus Vassallos, e de desvelo pela sua prosperidade (...). Embarcou com Sua Real Família na madrugada de quarta feira 25 do corrente, e nesse dia, aliás, de grande gala, por ser o Natalício de Sua Majestade a Rainha Nossa Senhora, tiveram muitas pessoas a honra de beijar a Mão a Sua Majestade (...) No dia seguinte 26 do corrente pelas 6 horas da manhã, começou a Nau D. João VI a suspender o ferro, e o mesmo fizeram todas as outras embarcações (...) todos tinham os olhos fitos no Real Estandarte, recordando as Eminentes Virtudes do Soberano, que ficando em nossos corações saudosíssimos, ia felicitar com Sua Augusta Presença aqueles outros Vassallos, que há quase quatorze anos suspiravam por Ele. Deixando-nos o Mais Precioso Penhor de seu Afeto, na Real Pessoa de Seu Muito Amado Filho, o Príncipe Regente (...)*⁸⁶

⁸⁴*Gazeta do Rio de Janeiro* nº69 de 30/08/1815. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital

⁸⁵*Gazeta Extraordinária do Rio de Janeiro* nº23 de 11/12/1821. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital

⁸⁶*Gazeta do Rio de Janeiro* nº34 de 28/04/1821. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital

Na mesma *Gazeta*, foi publicado um pronunciamento do Príncipe Regente d. Pedro aos habitantes do Brasil:

A Obrigação de atender primeiro que tudo ao interesse Geral da Nação forçou Meu Augusto Pai a deixar-vos, e a encarregar-Me do cuidado sobre a pública felicidade do Brasil até que de Portugal chegue à Constituição, e a consolide. (...) ⁸⁷

O presente capítulo procurou dar uma visão do que era a *Gazeta do Rio de Janeiro*, e o que ela representou para a população brasileira, especialmente a da cidade do Rio de Janeiro, bem como para a Coroa e nobreza trasladados, e todos os portugueses e outros estrangeiros imigrados para as terras tropicais, fundando na cidade do Rio de Janeiro uma Corte.

No próximo Capítulo o foco será a Seção de Avisos, onde os anúncios que eram publicados pela *Gazeta do Rio de Janeiro* nos dão uma importante visão sobre a cidade e sobre a corte aqui instalada.

⁸⁷Ibidem.

Capítulo 2

A Seção de Avisos

2.1 Os Avisos na Gazeta do Rio de Janeiro e na Gazeta de Lisboa: uma breve comparação.

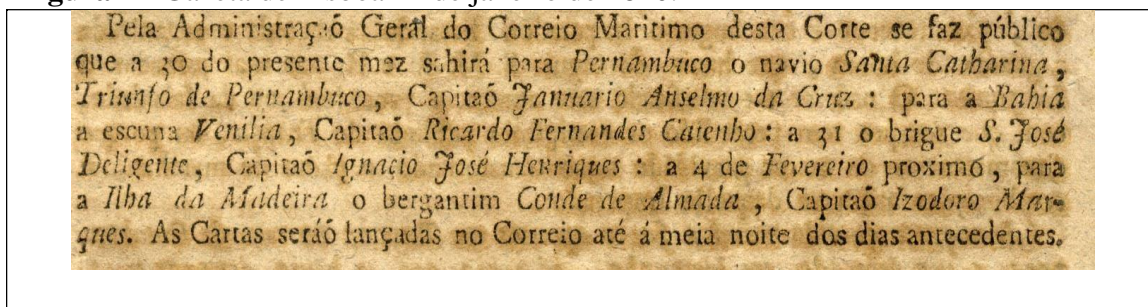
No livro *Palavra, imagem e poder – o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*, Marco Morel e Mariana M. de Barros nos falam que os anúncios eram parte fundamental da imprensa no século XIX. Destacam a importância dos Avisos e discorrem sobre “os balcões de papel impresso “e sobre a estrutura do anúncio que aparecia “na forma de narrativa, somente o texto era utilizado para a venda de produtos.”⁸⁸

Gêneros jornalísticos e publicitários, embora sejam distintos, compartilham das mesmas práticas discursivas, se assemelham, especialmente no século XIX, quando as características de cada um ainda não estavam bem definidas. Essa dinâmica cumpria uma dupla função: anunciar produtos e informar o leitor sobre suas qualidades.⁸⁹

A *Gazeta do Rio de Janeiro*, como já sabemos, era publicada nos moldes da *Gazeta de Lisboa*, e a sua Seção de Avisos era semelhante a do periódico português.

Vejamos abaixo algumas publicações do mesmo ano e mês dos dois periódicos:

Figura 1 - Gazeta de Lisboa 24 de janeiro de 1810.



⁸⁸MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de, *Palavra, imagem e poder – o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*, DP&A editora, 130 páginas, 2003, p. 82.

⁸⁹REBOUÇAS, Ângela Cláudia Rezende do Nascimento; BASTOS, Ana Karine Pereira de Holanda. *Os Anúncios publicitários do Século XIX e XX: Tradições discursivas nos jornais o Recife*. SINALGE, IV Simpósio Nacional de Linguagens e gêneros textuais.

Figura 2 - Gazeta do Rio de Janeiro 27 de janeiro de 1810.

Pela Administração Geral do Correio Marítimo desta Côrte se faz público, que a 30, e 31 do corrente mez, sahirão para Lisboa o Bergantim Bom fim : e para Pernambuco a Sumaca Pastorinha, Mestre Manoel Antonio de S. Paio. As Cartas serão lançadas no Correio até ás 4 horas da tarde do dia antecedente.

Temos aqui um anúncio da *Gazeta de Lisboa* de 24 de janeiro de 1810 e *Gazeta do Rio de Janeiro* de 27 de janeiro do mesmo ano, ambos são do Correio Marítimo. Reparem como são idênticos, apenas diferindo no que tange aos destinos das embarcações. Vamos observar esses dois próximos anúncios:

Figura 3 - Gazeta de Lisboa 16 de fevereiro de 1810.

A V I S O S.
Quem quizer comprar humas casas sitas na travessa do Rozario ao Campo de Santa Clara, que constaõ de 1.º, 2.º andar e aguas furtadas, seu quintal, e varanda de recreio, falle na casa da Gazeta, onde lhe daraõ as instruções.

Figura 4 - Gazeta do Rio de Janeiro 21 de fevereiro de 1810.

Quem quizer comprar duas moradas de Casas, humas na rua d'Ajuda N.º 33, e outras na rua de Santo Antonio N.º 16.; dirija-se á Casa N.º 12. na rua Direita, onde tratará com José Antunes da Costa, que tem ordem para as vender.

São anúncios de imóveis para venda e também se apresentam de forma muito idêntica, não nos dando nenhuma chance de diferirmos em um primeiro momento, qual anúncio pertenceria a *Gazeta de Lisboa* ou a *Gazeta do Rio de Janeiro*, caso não tivéssemos feito uma identificação prévia.

Portanto, com relação aos dois periódicos, guardadas as devidas diferenças, poderíamos dizer que se tratam do mesmo jornal, se fossemos julgar pela sua Seção de Avisos. A forma de redigir o aviso, bem como o que se considerava importante para ser avisado são quase que correspondentes em ambos os periódicos. Assim, buscava-se tornar público: a chegada de livros e mapas, cursos de escrivão oferecidos, a oferta de imóveis para comprar, o movimento do porto, etc.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* surgiu no contexto da vinda da família Real e da corte portuguesa para o Brasil. Com a inauguração da imprensa e muitas mudanças ocorridas, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, tanto no aspecto físico urbano da

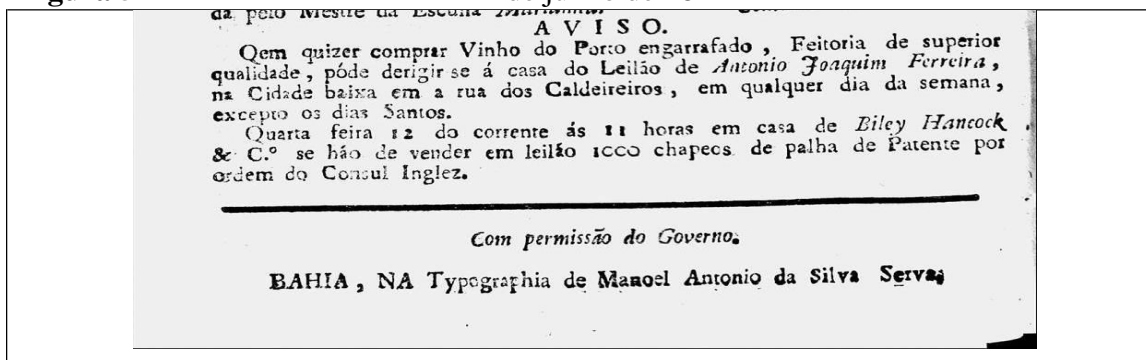
cidade, quanto no comportamento dos habitantes, valorizou-se a etiqueta, modificou-se o modo de se vestir e se comportarem sociedade, e inaugurou-se uma nova forma de comportamento nos trópicos. A partir de 1808, os recém-chegados ditavam o comportamento das pessoas mais abastadas da corte, e podemos supor que chegou também a ter alguns reflexos nas camadas mais modestas da população, visto as tamanhas transformações na cidade. Desta forma, os avisos e anúncios espelhavam as transformações geradas pela mudança da corte para os trópicos através do grande volume de produtos importados e de gosto sofisticado.

2.2 A Seção de Avisos de outros periódicos do Brasil

Outros periódicos, como já visto no Capítulo 1, que surgiram ainda durante o período joanino, também possuíam anúncios semelhantes aos da Seção de Avisos da *Gazeta do Rio de Janeiro*, e assim, conseqüentemente, continuando as semelhanças com a *Gazeta de Lisboa*. Vejamos dois destes periódicos:

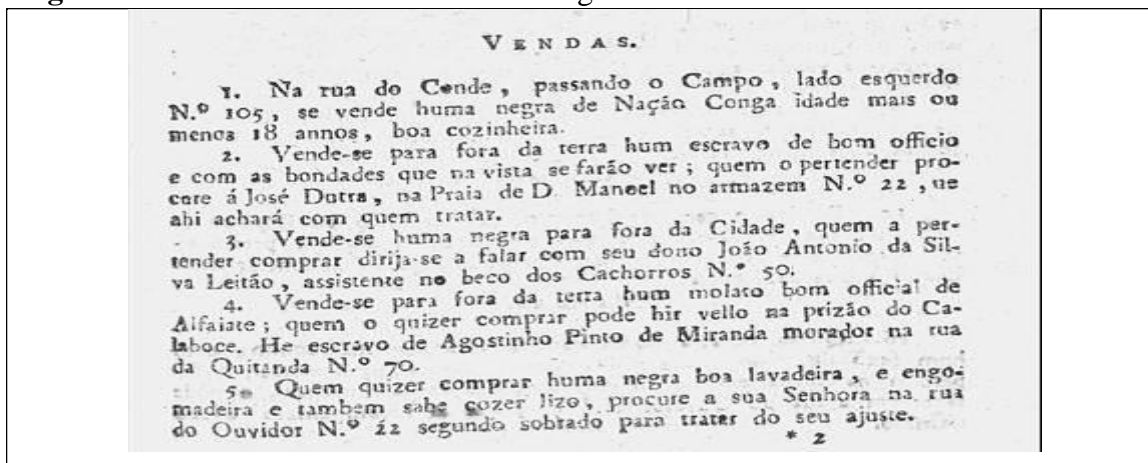
A *Idade d'Ouro do Brasil* circulou entre 1811 e 1823. Publicava na última página sua Seção de Avisos, na qual podemos entrever o cotidiano da cidade de Salvador, onde ele era publicado:

Figura 5 - Idade d'Ouro do Brasil 11 de junho de 1811



Já o *Diário do Rio de Janeiro* desmembrava a Seção de Avisos em várias partes, dando um caráter inovador ao jornal. Os anúncios passam a ser dados como uma notícia local, mas basicamente continuam com os mesmos conteúdos. As publicações são por assuntos específicos, como o abaixo que trata da venda de escravos, acentuando suas funções:

Figura 6 - Diário do Rio de Janeiro 18 de agosto de 1821.



As postagens de compras, achados e perdidos, mestres se prontificando a ensinar as primeiras letras e outros trabalhos manuais para as meninas, como costurar e engomar, vinham também separados:

Figura 7 - Diário do Rio de Janeiro 18 de agosto de 1821

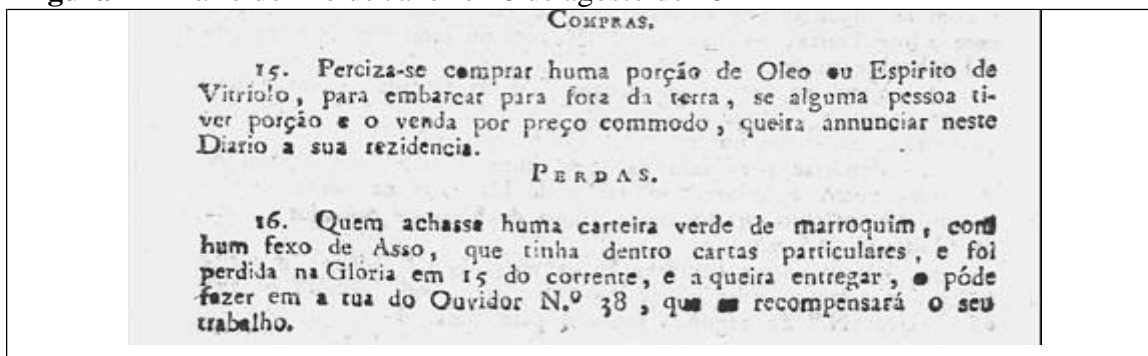
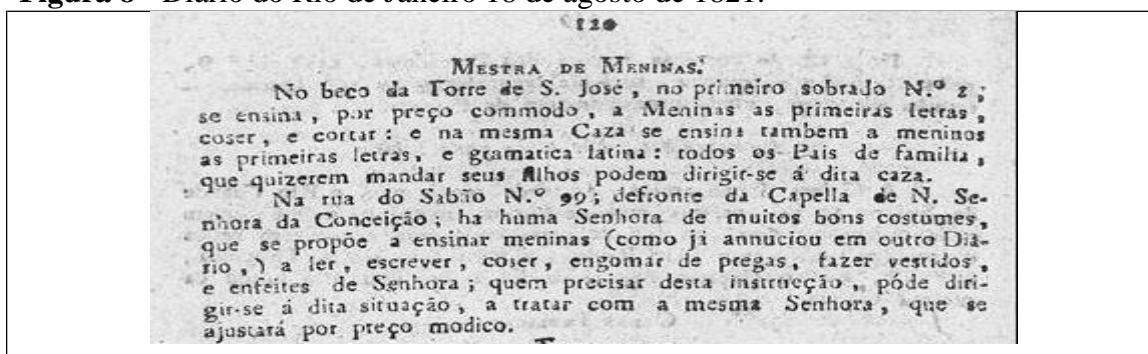


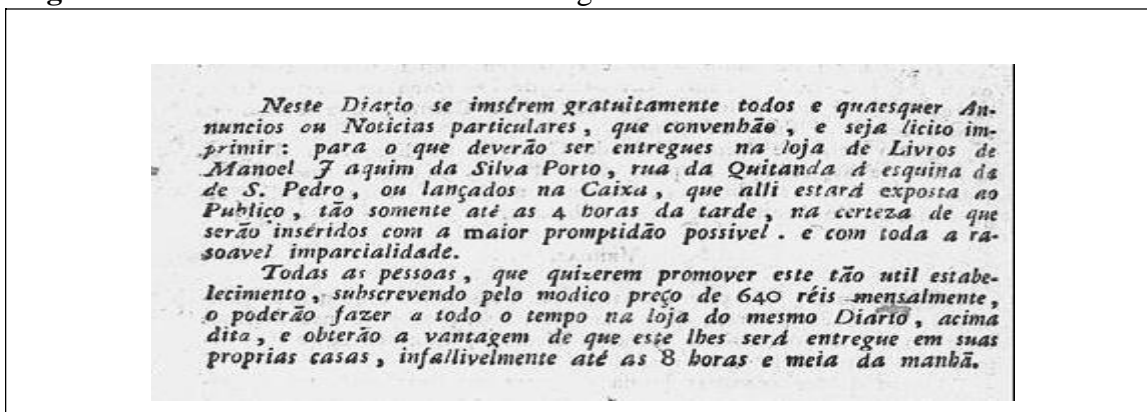
Figura 8 - Diário do Rio de Janeiro 18 de agosto de 1821.



Os anúncios no *Diário do Rio de Janeiro* também eram gratuitos, conforme nota publicada em seu primeiro exemplar. Ao que parece, seria uma maneira dos leitores

contribuírem com o jornal, sendo vantajosas para ambas as partes, já que o redator coloca que publicará anúncios e notícias particulares, publicações estas que faziam parte da estrutura do jornal, portanto os leitores acabariam por ajudar no conteúdo do periódico.

Figura 9 - Diário do Rio de Janeiro 18 de agosto de 1821.



Como podemos visualizar, a *Gazeta do Rio de Janeiro* e os periódicos da época, seguiam um padrão europeu para publicar anúncios.

23 Os Anúncios da Gazeta do Rio de Janeiro

Desde a inauguração em 10 de setembro de 1808 com a *Gazeta* Nº1 até a *Gazeta* de Nº 33 de 04 de janeiro de 1809, a seção de publicidade da *Gazeta do Rio de Janeiro* era denominada de “ANNUNCIOS”. Após esta data, em 07 de janeiro de 1809, na *Gazeta* de Nº 34, ela começou a aparecer como “AVISOS”, permanecendo até a extinção do jornal com essa nomenclatura. No dicionário de Antônio de Moraes Silva⁹⁰ as duas palavras aparecem como:

Annuncio, f.m. notícia, nova que se dá.
Aviso, f.m. advertência, admoestação, notícia. Andar de sobreaviso, i.e. avisado, acautelado (...) prevenido com notícia (...) andar de aviso com alguém, acautelado, dobrado sobre ele (...) como aquele que já tem notícia do que há de suceder. Juízo, descrição (...).

⁹⁰Dicionário da Língua Portuguesa composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro, Tomo Primeiro. Lisboa, na oficina de Simão Thaddeo Ferreira – Anno M.DCC. LXXXIX. Com Licença da Real Mesa da Comissão Geral, sobre o Exame, Censura dos Livros. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5412>> Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (2 v., v. 1: xxii, 752 p.). Acesso em: 09/04/2018

Desta forma, se o “anúncio” designava algo novo, o “aviso” era mais amplo podendo ser uma novidade ou algo já sabido. Inicialmente a seção ocupava pouco espaço no jornal, menos da metade de uma página. Ao longo do tempo, o número de anúncios foi aumentando, bem como o número de anunciantes. Desta forma, a seção chegou a ocupar, em algumas edições, até uma página e meia. Confirmamos estes dados através de pesquisa efetuada e construímos o quadro abaixo para auxiliar na visualização do número de anúncios publicados na Seção de Avisos entre os anos de 1808 e 1821.

Quadro 2 – Anúncios 1808-1821

Ano	Total de anúncios
1808	85
1809	371
1810	326
1811	412
1812	493
1813	531
1814	577
1815	611
1816	679
1817	900
1818	1076
1819	1201
1820	1365
1821	736

Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro 1808-1821.

Podemos observar que a quantidade de anúncios atingiu seu auge entre os anos de 1817 e 1820, mas decaiu em 1821, no penúltimo ano de circulação do periódico. Talvez esse fato se deva a maior concorrência de outros periódicos que passaram a circular na década de 1820 e da própria percepção do encerramento do jornal. Destacamos que os anúncios, ao longo de todo o tempo de circulação do periódico, se mantiveram no mesmo formato, sem destaques, sem iconografias. A forma de escrita

sempre foi na horizontal, diferindo apenas no tamanho dos textos. Vale ressaltar que pesquisamos todos os periódicos digitalizados ao longo do período recortado e o padrão acima descrito se manteve.

Nos próximos quadros, demonstramos a quantidade de anúncios que foram veiculados na Seção de Avisos, separados por itens, seguindo a metodologia usada para o presente trabalho. Foi feita uma amostragem, onde sempre analisamos o 1º número de cada mês entre 1808 e 1821, temporalidade recortada para esta pesquisa. Fizemos uma divisão em dois períodos: de 1808 a 1815 e de 1816 a 1821. A divisão teve por base a própria história política e econômica do Brasil. O primeiro momento ressaltou da chegada da família Real e a abertura do jornal até a elevação do Brasil à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves. O segundo momento se estendeu até o retorno de d. João VI para Portugal e o término do jornal. Questões gerais como a abertura dos portos às nações amigas, a aproximação comercial com a Inglaterra, o fim das guerras napoleônicas e a retomada dos acordos comerciais com a França podem ser percebidos nos próprios produtos anunciados.

Além da divisão antes e depois de 1815, acima justificada, levantamos os principais temas dentre os 1066 anúncios trabalhados. Assim, no Quadro 3 o período analisado foi de sete anos e quatro meses e no Quadro 4, um período de seis anos.

Quadro 3 - Produtos anunciados na Gazeta (1808 – 1815)

Venda de Livros	48
Comunicados sobre Decretos, Cartas Régias, Alvarás, Editais.	24
Venda/Aluguel de Imóveis	44
Leilões	14
Venda de Mercadorias em geral	09
Achados/perdidos	04
Escravos fugidos	09
Venda/aluguel de escravos	25
Venda de embarcações	09
Venda/Aluguel de Fazendas, Sítios, Chácaras, Terras	25
Venda de Carruagens	11
Venda de cavalos	03
Professores – aulas	06

Comunicados em geral	67
Comércio de comidas e bebidas	08
Venda de móveis em geral	04
Prestação de serviços	06
Arrendamentos de ofícios	05
Vendas de estabelecimentos comerciais	09
Comunicados sobre Loterias	08
Correio Marítimo	41
Venda de vidros/louças	03
Venda de roupas/chapéus/sapatos (masc. e fem.) /joias/bijuterias	00
Venda de roupas para escravos	00
Total de anúncios pesquisados:	382

Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro 1808-1815.

Quadro 4 - Produtos anunciados na Gazeta (1816 – 1821)

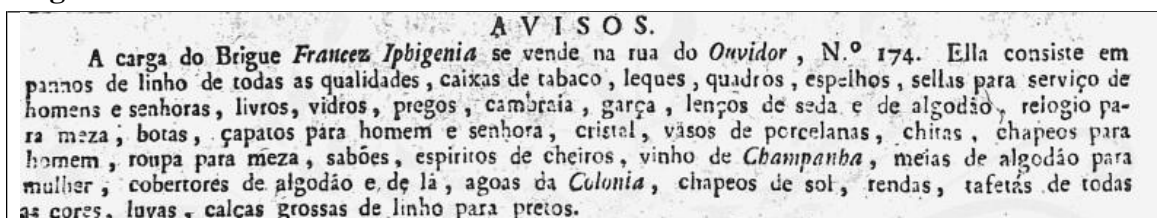
Venda de Livros	54
Comunicados sobre Decretos, Cartas Régias, Alvarás, Editais.	15
Venda/Aluguel de Imóveis	52
Leilões	15
Venda de Mercadorias em geral	39
Achados/perdidos	09
Escravos fugidos	29
Venda/aluguel de escravos	90
Venda de embarcações	29
Venda/Aluguel de Fazendas, Sítios, Chácaras, Terras	42
Venda de Carruagens	21
Venda de cavalos	07
Professores – aulas	11
Comunicados em geral	133
Comércio de comidas e bebidas	24
Venda de móveis em geral	10
Prestação de serviços	10
Arrendamentos de ofícios	05

Vendas de estabelecimentos comerciais	19
Comunicados sobre Loterias	16
Correio Marítimo	10
Venda de vidros/louças	15
Venda de roupas/chapéus/sapatos (masc. e fem.) /joias/bijuterias	28
Venda de roupas para escravos	01
Total de anúncios pesquisados:	684

Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro 1816-1821.

Comparando os dois quadros, podemos verificar semelhanças entre a quantidade de anúncios de alguns itens, e também a diferença entre outros. Muito embora, o segundo quadro apresente um período mais curto, as quantidades de anúncios veiculados são bem superiores à do primeiro. Ou seja, o número de anúncios veiculados cresce com o tempo. Verificamos que o comércio de artigos de vestuários, louças, móveis, etc. aumentou e se diversificou em relação ao primeiro período, comprovando a força dos artigos franceses no comércio do Rio de Janeiro, após o término das guerras napoleônicas. Observemos esse anúncio de 1816:

Figura 10 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de novembro de 1816.



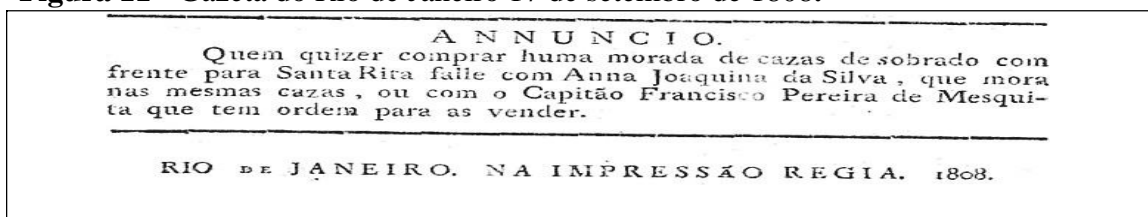
Anúncios sobre venda e fuga de escravos, venda de livros e os mais diversos impressos, imóveis e toda sorte de mercadorias importadas cresceram, bem como os comunicados a população.

Para Nizza da Silva mesmo sendo grande a quantidade de mercadorias que entraram no Brasil, vindas da Inglaterra a partir de 1808 e 1810, elas só modificaram a vida das pessoas mais abastadas, que tinham recursos e mais opção de escolha. Contudo, em regra, as mercadorias anunciadas eram as mesmas mercadorias que já circulavam na colônia através de comerciantes portugueses, e também do contrabando, mas agora se valorizava o fato de serem inglesas. A autora coloca que, após 1815, os produtos franceses também invadem o Rio de Janeiro, pois estavam ausentes desde os

tempos da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas. Eram fazendas, perfumes e artigos de luxo que, aos poucos, foram sendo vendidas em lojas instaladas na Rua do Ouvidor e cercanias. Porém, a autora constata que o grosso da população carioca, mal chegava a ser tocada pela presença dos produtos ingleses e franceses, pois as peças eram somente para uso da gente rica⁹¹.

O primeiro anúncio publicado na *Gazeta do Rio de Janeiro* saiu no Nº 2, em um sábado, 17 de setembro de 1808, era para venda de alguns imóveis:

Figura 11 - *Gazeta do Rio de Janeiro* 17 de setembro de 1808.



O anúncio demonstra que o desejado era uma transação comercial simples, onde o interessado na “morada de casas” deveria ir até o local na rua Santa Rita e procurar uma moradora Anna Joaquina ou o capitão Francisco Pereira, não havendo nenhuma agência ou empresa intermediadora. Segundo Juliana Gesuelli, pelos Avisos da *Gazeta*, é possível conhecer muitos dos novos hábitos e costumes que surgiam da alimentação à venda de escravos. A partir daí, vemos como as pessoas publicavam coisas de seus interesses no jornal e o utilizavam como meio privilegiado de interação coletiva em sociedade.⁹²A seguir vamos discorrer sobre alguns anúncios, destacando cada um dentro de seu ramo:

2.3.a Comércio e Comerciantes

A Seção de Avisos da *Gazeta do Rio de Janeiro* era muito usada pelos comerciantes e negociantes da cidade do Rio de Janeiro para comunicar qualquer tipo de alteração em suas firmas. Para a historiadora Tereza Fachada Levy Cardoso⁹³, “de

⁹¹SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro: 1808-1821*. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1977. 272 p. (Brasiliana, v. 363)

⁹²MEIRELLES, Juliana Gesuelli. *A Gazeta do Rio de Janeiro: o jornal oficial da Corte de D. João VI no Brasil (1808-1821)*. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, Pós Com Metodista, a. 29, n. 49, p.27-41 2º sem. 2007.

⁹³CARDOSO, Tereza M. R. Fachada Levy. *A Gazeta do Rio de Janeiro. Subsídios para a história da cidade (1808-1821)*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, ano 152, n. 371, p. 341- 436 abr./jun. 1991.

modo geral, os comerciantes tinham muito interesse nesta seção de Avisos, pois facilitava muito suas operações comerciais”. Mesmo fazendo as alterações legais junto aos órgãos competentes, usavam a seção para não deixar nenhuma dúvida quanto ao fato, e ter uma prova de que todos foram alertados publicamente. Além disso, era uma forma de dar ciência ao público do novo endereço em que atuavam e não perder a clientela.

Neste anúncio há um comunicado de falência da firma do Sr. José Antonio Pinheiro Saldanha, alertando os credores do dito senhor quanto à necessidade de se dirigirem ao Tribunal para um possível ressarcimento:

Figura 12 - Gazeta do Rio de Janeiro 4 de outubro de 1809

José Antonio Pinheiro Saldanha, que teve loja de mercador de varejo na rua *Di-
reita* na esquina da rua do *Ouvidor*, está apresentado fallido á Real Junta do Commer-
cio, Agricultura, Fabricas, e Navegação deste Estado do *Brazil*, e Dominios Ultrama-
rinos, em 26 de Setembro de 1809: quem tiver que requerer contra elle, se dirigirá
ao mesmo Tribunal.

Na publicação seguinte, a Casa Kirwan e Companhia, usa o espaço para comunicar seu fechamento, e orienta seus devedores o modo correto de quitar as dívidas para com eles:

Figura 13 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de setembro de 1815

drographicos.
Todas as pessoas, que tiverem dependencias com a caza de *Kirwan e Companhia*, entregarão as suas
contas, visto que a dita caza está findando seus negocios nesta Corte. Todas as pessoas, que devem á
mesma caza, terão a cautella de não pagarem suas dividas senão no Escriptorio da caza N.º 25, rua
dos *Pescadores*, e quanto antes entregarão huma declaração das mesmas, sejam ellas vencidas, ou não
a fim de não haver duvidas para o futuro. *Rio de Janeiro* 2 de Setembro de 1815.

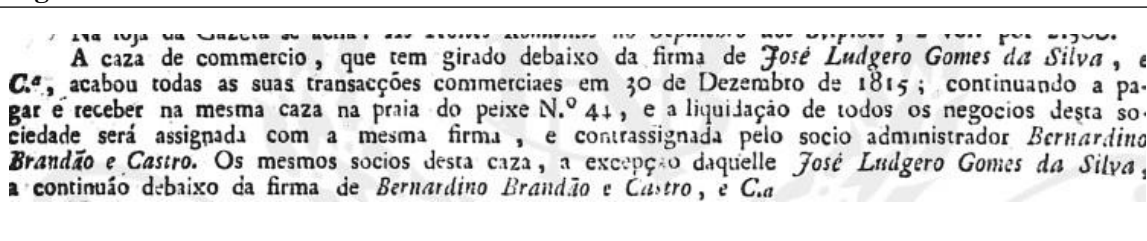
Em dezembro do mesmo ano Roberto Kirwan publica um novo anúncio, agora também direcionado aos credores:

Figura 14 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de dezembro de 1815

Faz publico *Roberto Kirwan*, que a sua sociedade com *Eduardo Chambers*, conhecida debaixo da
firma de *Roberto Kirwan, e C.ª*, acabou no dia 21 de Agosto deste anno. Os devedores á dita caza se
darão por intimados deste acontecimento, e pagarão suas dividas ao dito *Roberto Kirwan*, rua dos *Pes-
cadores* N.º 25. Os credores da dita caza, entregarão suas contas, antes do dia 15 de Dezembro, e
quando assim não aconteça, não serão contemplados ausentando se para *Inglaterra* o dito *Kirwan*.

Em fevereiro de 1816, há um comunicado do desligamento do sócio José Ludgero Gomes da Silva, sendo que os demais sócios da firma permanecem sem nenhuma alteração:

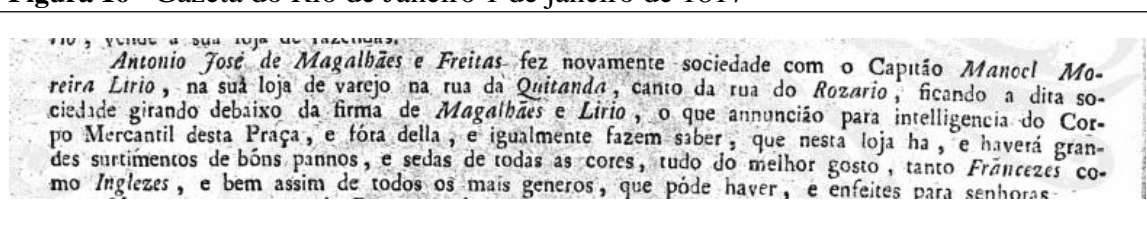
Figura 15 - Gazeta do Rio de Janeiro 3 de fevereiro de 1816



A casa de commercio, que tem girado debaixo da firma de *José Ludgero Gomes da Silva, e C.^a*, acabou todas as suas transacções commerciaes em 30 de Dezembro de 1815; continuando a pagar e receber na mesma casa na praia do peixe N.º 41, e a liquidação de todos os negocios desta sociedade será assignada com a mesma firma, e contrassignada pelo socio administrador *Bernardino Brandão e Castro*. Os mesmos socios desta casa, a excepção daquelle *José Ludgero Gomes da Silva*, a continuação debaixo da firma de *Bernardino Brandão e Castro, e C.^a*

Assim, como são anunciadas sociedades desfeitas, também é comunicado a volta de sociedades, como esta da firma Magalhães e Lírio, que aproveitam para fazer propaganda de suas mercadorias francesas e inglesas:

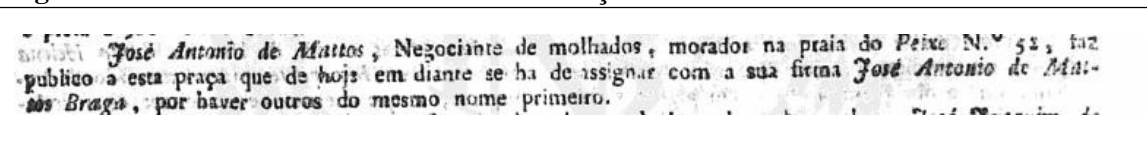
Figura 16 - Gazeta do Rio de Janeiro 1 de janeiro de 1817



Antonio José de Magalhães e Freitas fez novamente sociedade com o Capitão *Mancel Moreira Lírio*, na sua loja de varejo na rua da *Quitanda*, canto da rua do *Rozario*, ficando a dita sociedade girando debaixo da firma de *Magalhães e Lírio*, o que annuncião para intelligencia do Corpo Mercantil desta Praça, e fóra della, e igualmente fazem saber, que nesta loja ha, e haverá grandes surtimentos de bõs pannos, e sedas de todas as cores, tudo do melhor gosto, tanto *Frãcezes* como *Inglezes*, e bem assim de todos os mais generos, que pôde haver, e enfeites para senhoras.

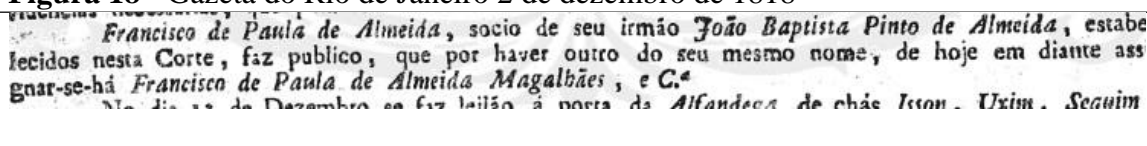
Abaixo, os negociantes divulgam a mudança do nome da firma já que havia outras firmas na praça com o mesmo nome. O anúncio, de certo modo, contribui para que não haja nenhum equívoco quanto às transações comerciais das firmas:

Figura 17 - Gazeta do Rio de Janeiro 4 de março de 1818



José Antonio de Mattos, Negociante de molhados, morador na praia do Peixe N.º 52, faz publico a esta praça que de hoje em diante se ha de assignar com a sua firma *José Antonio de Mattos Braga*, por haver outros do mesmo nome primeiro.

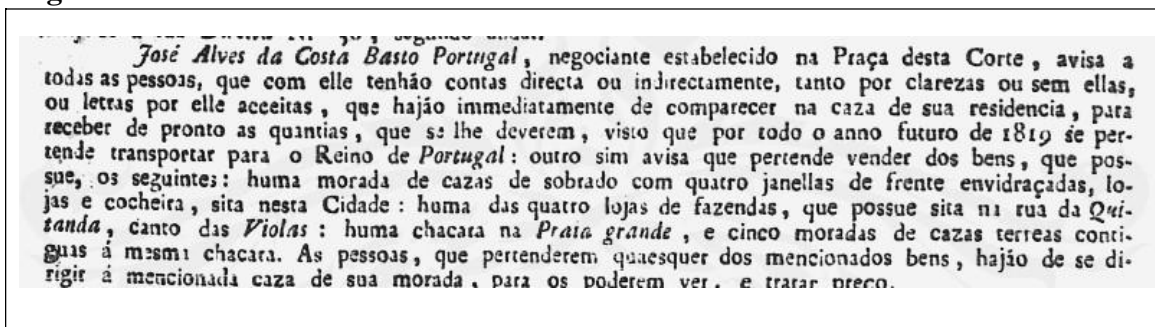
Figura 18 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de dezembro de 1818



Francisco de Paula de Almeida, socio de seu irmão *João Baptista Pinto de Almeida*, estabelecidos nesta Corte, faz publico, que por haver outro do seu mesmo nome, de hoje em diante assignar-se-há *Francisco de Paula de Almeida Magalhães, e C.^a*

O negociante José Alves da Costa Basto Portugal, avisa seus credores que está de viagem marcada para Portugal e permanecerá lá durante o ano de 1819, que as pessoas devem ir receberem em sua residência, que se pagará prontamente. Assim, o comerciante pretendia retirar-se sem deixar o nome sujo na praça.

Figura 19 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de maio de 1818



A firma Cunningham, Bourdon e Cia., publica dois anúncios importantes. No primeiro, a firma inglesa comunica que são procuradores das fragatas inglesas, e no segundo que o Sr. Alexandre Cunningham deixa de ser sócio da firma, pelo motivo de ter sido nomeado cônsul inglês para a Bahia:

Figura 20 - Gazeta do Rio de Janeiro 1 de abril de 1815

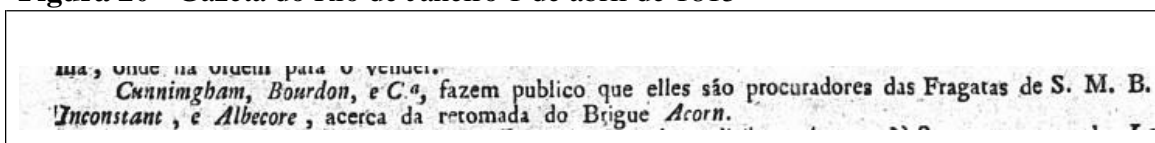
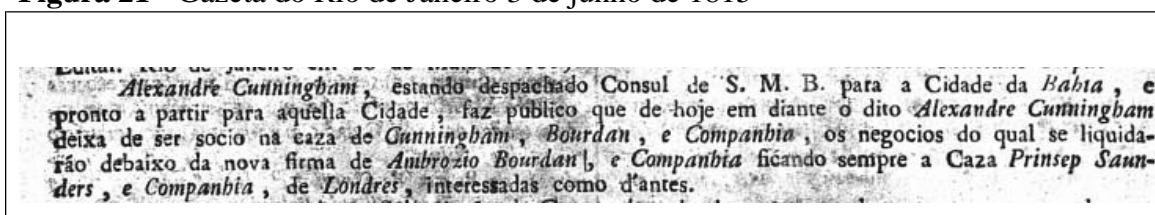


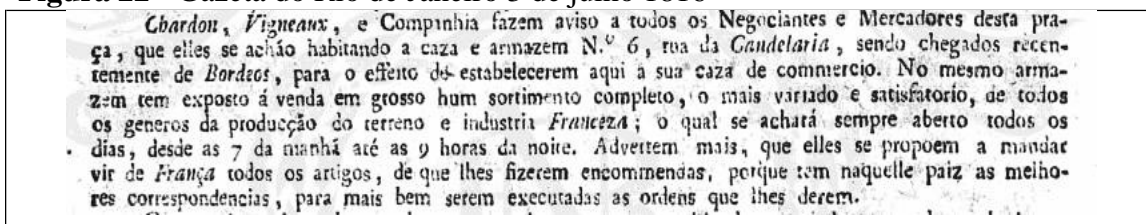
Figura 21 - Gazeta do Rio de Janeiro 3 de junho de 1815



São diversos os ramos de negócios que aparecem. Na *Gazeta* de julho de 1816, saiu este anúncio destinado aos comerciantes e negociantes da cidade do Rio de Janeiro. Tratava-se de uma espécie de empresa distribuidora de produtos franceses, já para pronta entrega. Ali os donos de loja poderiam comprar para revenderem. Também se

prontificavam a fazer encomendas de artigos, que seus clientes, por ventura, quisessem comercializar:

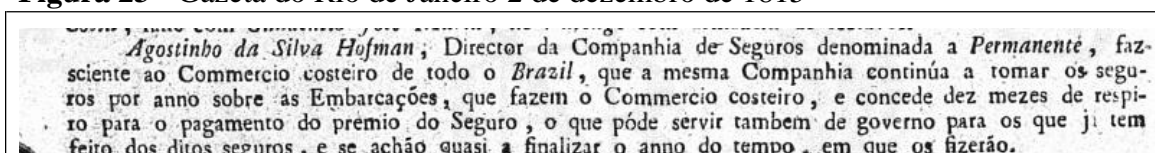
Figura 22 - Gazeta do Rio de Janeiro 3 de julho 1816



Chardon, Vigneaux, e Companhia fazem aviso a todos os Negociantes e Mercadores desta praça, que elles se achão habitando a casa e armazem N.º 6, rua da Candelaria, sendo chegados recentemente de *Bordos*, para o effeito de estabelecerem aqui a sua casa de commercio. No mesmo armazem tem exposto á venda em grosso hum sortimento completo, o mais variado e satisfatorio, de todos os generos da produção do terreno e industria *Franceza*; o qual se achará sempre aberto todos os dias, desde as 7 da manhã até as 9 horas da noite. Adverttem mais, que elles se propoem a mandar vir de *França* todos os artigos, de que lhes fizerem encomendas, porque tem naquelle paiz as melhores correspondencias, para mais bem serem executadas as ordens que lhes derem.

As Companhias de Seguros, não eram diferentes, e também lançavam mão desta seção do jornal, para fazerem seus comunicados aos clientes atuais e futuros:

Figura 23 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de dezembro de 1815



Agostinho da Silva Hofman; Director da Companhia de Seguros denominada a *Permanente*, faz-sciente ao Commercio costeiro de todo o *Brazil*, que a mesma Companhia continúa a tomar os seguros por anno sobre as Embarcações, que fazem o Commercio costeiro, e concede dez mezes de respiro para o pagamento do premio do Seguro, o que pôde servir tambem de governo para os que já tem feito dos ditos seguros, e se achão quasi a finalizar o anno do tempo, em que os fizerão.

Em 1818, o Sr. Agostinho, deixa a sociedade da Cia. de Seguros Permanente, e passa a trabalhar por conta própria, no mesmo ramo. Desta forma, tais fontes impressas permitem que o historiador siga determinado comerciante ou empresa, bem como suas atividades, através dos reclames sobre eles publicados, permitindo perceber a dinâmica dos serviços e da economia através desta fonte.

Figura 24 - Gazeta do Rio de Janeiro 3 de outubro de 1818

Agostinho da Silva Hofman, Socio que foi da Companhia de Seguros denominada Permanente, participa a todo o corpo de Commercio, e a quem mais possa pertencer, que tendo-se elle despedido da Direcção da dita Companhia em 24 de Janeiro ultimo, e de Socio da mesma Companhia em 4 de Maio ultimo; e por este motivo desligado de todos e quizesquer interesses de Seguros; se acha apto para aceitar quizesquer louvamentos e arbitramentos em questões de Seguros, ou regulamentos de avarias grossas, que se lhe queirão incumbir, tudo debaixo da fé dos seus officios de corretor e traductor jurado, de que he proprietario, e continúa a servir, fazendo o seu Escritorio na rua da Alfandega N.º 1, no seguudo andar.

A Seção também era muito usada para comunicar acertos de contas, que administradores dos bens de pessoas falecidas faziam com os credores do mesmo. Nestes casos, sempre era estipulado um prazo para que os que tivessem algo a acertar e receber do finado se apresentassem. Findo o prazo, já não teriam direito ao pagamento.

Figura 25 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de abril de 1817

Antonio José Airoza, Administrador dos bens do finado Francisco Alves de Mattos Prego (por ordem da Real Junta do Commercio de 11 do corrente) faz sciente a todas as pessoas, que tiverem contas com o mesmo finado, que em 21 de Abril proximo futuro, se ha de finalizar sua Administração; e todas as pessoas, que não legitimarem suas dividas dentro no dito tempo, ficarão excluidos de entrarem no rateio.

Os produtos portugueses, franceses e ingleses, apesar de serem os mais comumente anunciados, não eram os únicos de procedência estrangeira. Em 1814, se oferecem produtos recebidos da Alemanha para casas abastadas, embora digam que os preços são bem em conta.

Figura 26 - Gazeta do Rio de Janeiro 3 de agosto de 1814

Avisa-se ao publico que no armazem de chá, louças finas, e vidios, na rua do Ouvidor N.º 14, há (chegados proxivamente da Alemanha) grandes surtimentos de espelhos, quadros, e vidios lapidados, e dourados, que tudo se vende por preços commodos por mindo.

2.3.b Os Imóveis

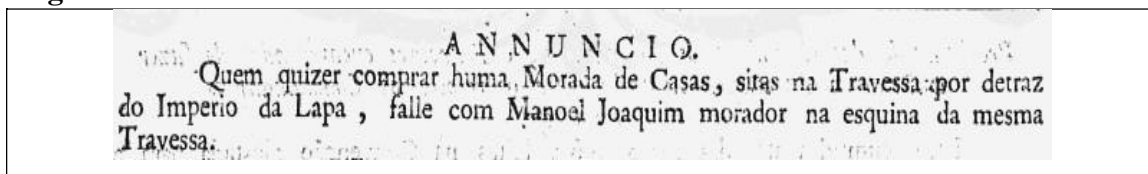
A historiadora Tereza Fachada Levy Cardoso destacou os anúncios imobiliários, tanto de venda, quanto de aluguel. Segundo a autora, a venda de habitações era um grande problema do Rio de Janeiro, pois havia pouca oferta. Maria Beatriz Nizza da Silva dividiu as casas do centro da cidade do Rio de Janeiro, em duas categorias principais: as térreas e as de sobrado. Ambas eram muito anunciadas pela Gazeta.

No início do século XIX, as cidades no Brasil, tinham as construções levantadas uma ao lado da outra, e seguiam a topografia do lugar. As ruas eram de terra ou pedra,

com pouca ou nenhuma iluminação pública; sem transporte coletivo; sem água encanada; sem esgotos; as janelas de rótula e beirais que protegiam as paredes da chuva; quase não existiam jardins públicos; casas térreas e sobrados de dois, três, quatro, cinco pavimentos. Com a chegada da Família Real e do Príncipe Regente, houve transformações nas cidades, em especial no Rio de Janeiro: as rótulas e gelosias foram substituídas por vidraças importadas da Inglaterra; as construções se afastaram dos limites dos lotes, dando lugar a jardins frontais e laterais. No Rio de Janeiro, a topografia levou a uma forma de ocupação em que as casas mais ricas, igrejas e conventos, foram inicialmente construídos no alto dos morros, e as construções mais simples, foram ocupando a parte mais baixa da cidade. Depois de muitas melhorias, como os aterramentos da parte alagada, os nobres começaram a ocupar as partes mais baixas do espaço urbano. Nas primeiras décadas do século XIX, partes das construções residenciais do Rio de Janeiro eram de sobrados de dois pavimentos, feitos de granito e tijolos, com paredes revestidas de cal de marisco. Por dentro eram divididos em sala de visitas, varanda, alcovas e cozinha. Depois da chegada da Corte, os sobrados passaram a apresentar detalhes neoclássicos na fachada, e não apenas modificaram as casas, mas também surgiram, edifícios públicos, escolas, bancos, teatros, calçamento de ruas e melhorias urbanas. Durante todo o século XIX, as chácaras nos bairros nobres do Rio de Janeiro ou nos arredores da cidade foram muito comuns, existiam várias delas, na Glória, São Cristóvão, Andaraí e Santa Teresa.⁹⁴ Vejamos ao longo dos anos, desde a criação do jornal até praticamente sua extinção, como foram frequentes os anúncios imobiliários no periódico:

O anúncio abaixo de 1808 oferece as casas, porém sem descrição das mesmas:

Figura 27 - Gazeta do Rio de Janeiro 3 de dezembro de 1808



Em 1811, o anúncio já descrevia a quantidade de janelas, para que o possível comprador ficasse ciente do tipo de morada, considerando que era importante esse item para valorização do imóvel:

⁹⁴ARAGÃO, Solange de. *Ensaio sobre a casa brasileira no século XIX* (livro eletrônico). São Paulo: Blucher, 2017. 2ª edição. 301 p.

Figura 28 - Gazeta do Rio de Janeiro 1 de junho de 1811

Vendem-se duas propriedades de casas no largo do *Catete*: a primeira de hum porta e tres janellas á frente com seu mirante para o mar: a segunda, com duas janellas e hum porta á frente, ambas com seus quintaes: quem as quizer comprar dirija-se á venda do *Machado* no mesmo sitio.

Aqui se anuncia uma casa para alugar de dois andares, este tipo de anúncio é mais raro nesta seção, predominando sempre os de venda:

Figura 29 - Gazeta do Rio de Janeiro 1 de dezembro de 1813

Quem quizer alugar a casa de dous andares, na rua dos *Pescadores* N.º 11, entre a rua da *Quitanda*, e a travessa da *Candelaria*, falle com *Juzuer Naylor, e C.ª*, que hão de alugar a mesma por hum preço commodo até a 15 de Junho de 1814. A mesma casa arrenda-se por mais tempo a hum alu-guel competente.

Na publicação abaixo, uma pessoa está à procura de uma casa com uma série de exigências, quanto a localização, cômodos etc. O possível morador, pelo visto não pensa em algo definitivo, já que o contrato pode ser por tempo determinado, mas é certo que ele vai ter um comércio, pois precisa de local para um armazém. Desta forma, para os imóveis anunciam-se tanto os que queriam comprar/alugar, quanto os que queriam vender/alugar. O mesmo também ocorria com escravos, pois havia tanto anúncios oferecendo-os, quanto solicitando-os.

Figura 30 - Gazeta do Rio de Janeiro 1 de julho de 1820

Preciza-se de hum casa em hum das ruas (á excepção da do *Rozario*) entre a rua do *Ouvidor*, e a dos *Pescadores*, da *Quitanda* para baixo, ou que não exceda duas ou tres cazas para cima, e pouco mais ou menos com as seguintes accomodações: armazem na frente, escritorio, salla para jantar, tres quartos, cozinha, e hum quarto ou lugar para negros, e se tiver estribaria será preferida. Quem tiver hum casa com a acima fica dito, e a quizer alugar por tempo determinado, estando em bom estado, dirija-se á rua *Detraz do Hospicio*, da rua da *Quitanda* para cima na loja N.º 21, que lá achará quem a procura.

Em 1816, já anunciavam casas com quintais na praia do Flamengo, local da cidade ainda quase desabitado à época.

Figura 31 - Gazeta do Rio de Janeiro 3 de fevereiro de 1816

Quem quizer comprar huma frente de cazas com bom quintal, e bastantes fundos, na praia do Flamengo, falle com José Rodrigues de Carvalho Ramos, com loja de ferragem na rua das Violas, esquina da rua Direita.

Em 1821, Francisco Rufino de Sousa Lobato, o Visconde de Vila Nova da Rainha, roupeiro de d. João, coloca sua casa nobre para vender ou alugar, já que está de retorno para Portugal, juntamente com a família real.

Figura 32 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de junho de 1821

Ausentando-se desta Cidade o Illustrissimo e Excellentissimo Visconde de Vila Nova da Rainha, por acompanhar a Sua Magestade para Lisboa, vende a sua caza nobre na praia do Botafogo, ou a arrenda. Adverte-se que mistica á maior caza se acha edificada outra mais pequena, a qual tambem se vende, ou se aluga separadamente da maior. Alli mesmo se achão restos de mobilia, escravos remadores, e bons plantadores de horta, e de jardim, e huma carruagem Ingleza em inuito bom uso, tudo para se vender. Quem quizer tratar qualquer destes negocios falle com Faustino Maria de Lima e Fonseca Gutierrez, morador na rua do Livramento a sahir á Gamboa. que tem todos os poderes necessarios.

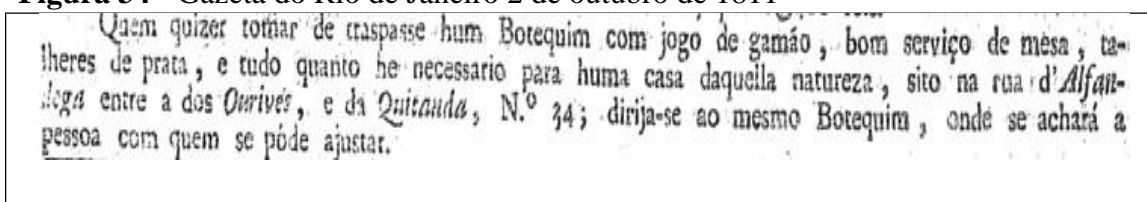
Como se vê, vendia-se de tudo do mais simples até o mais sofisticado. Casas com cachoeira no quintal, pequenos sobrados, chácaras, fazendas, etc. Neste anúncio, é vendida uma Fazenda chamada Matto Grosso, com todos os pertences, sendo uma propriedade com muitas benfeitorias, acredita-se ser uma propriedade de certo valor, embora o preço não seja mencionado:

Figura 33 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de janeiro de 1819

Vende-se a fazenda de Matto grosso em serra a cima, com 1:092 braças de testada, e meia legoa de fundos, com fabrica de fazer assucar e agoardente, com todos os seus pertences, e 2 mungolos de socar, e caza com moinho, e tudo móe com agoa, com cazas cobertas de telha, e caza de farinha, com seus pertences, e varios trastes de caza, sanzalas de escravos cobertas de palha, 3 paiões de guardar milho, muita planta de cana, tanto crioula como de Caena, e muitos arvoredos de fruto, e 2:030 pés de caffè, quem quizer comprar dirija-se a Praia dos Milirios, no armazem N.º 30, a falar com Manoel Ferreira do Nascimento, que este o encaminhará para a dita fazenda, para tratar com o vendedor Damazo José de Carvalho.

A venda de estabelecimentos comerciais também era muito frequente nas publicações da Seção de Avisos. Ao que parece, este anúncio de 1811, era um botequim frequentado por pessoas requintadas, visto mencionarem que os talhares eram de prata:

Figura 34 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de outubro de 1811



2.3.c Ciências e Educação

Vamos contemplar alguns anúncios em que se divulgam as ciências e a educação. Na Europa, alguns dos princípios da ciência moderna foram estabelecidos desde o século XVII e se consolidaram no século XVIII com a valorização do conhecimento científico. Em Portugal, nos finais do século XVIII, há também uma mudança importante na atuação do governo com relação à ciência durante o governo pombalino. No Brasil Colônia, apesar do ambiente ser hostil ao saber científico, havia representantes do estado português, incluindo membros da igreja católica, que possuíam conhecimentos científicos atualizados. Portugal estava ciente que era necessária a difusão de conhecimentos no Brasil para aumentar a riqueza, mas sabia também que colaborariam para sua emancipação política. As medidas adotadas por d. João visavam dotar a Colônia para as novas funções como centro do Império português, não mudando muito o panorama na educação. No entanto, as medidas criaram condições para a introdução de um novo pensar sobre a ciência e cultura em solo brasileiro.⁹⁵

Com a liberação da imprensa, multiplicam-se os impressos circulantes e a sessão de avisos está repleta de anúncios de manuais e livros de botânica, matemática, literatura, medicina, dentre outros. Além disso, há diferentes inventos e invenções, ditas modernas. A exemplo da máquina de fazer tijolos anunciada pela junta do Comércio, Agricultura, Fábricas, e Navegação que abre uma concessão de 14 anos para uma pessoa que possui uma máquina de fazer tijolos, e segundo o enunciado, usando tecnologia própria:

⁹⁵Para melhor compreensão deste tema recomendamos a obra de: OLIVEIRA, José Carlos de. *D. João VI: Adorador do Deus das Ciências?* Rio de Janeiro: E-Papers Serviços editoriais, 2005. Coleção Engenharia & Arte- vol.8 Coppe/UFRJ -338p.

Figura 35 - Gazeta do Rio de Janeiro 1 de dezembro de 1813

A Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegação, concedeo a José Cadix, hum privilegio exclusivo pelo tempo de 14 annos, para elle só poder fazer tijolo em todo o Continente do Brazil, de muito superior qualidade por meio de huma maquina de sua invenção. Quem quizer associar com elle para o referido fim, dirija-se á casa de pasto, na rua da Alfandega N.º 10.

Muitos desses reclames tinham um público mais direcionado, a exemplo do novo aparelho destilador para seus alambiques de tecnologia francesa (4/9/1816), dirigido aos senhores de engenho e produtores de aguardente, e do moinho a vapor (2/1/1820), aperfeiçoado na França.

Em outubro de 1815, apenas quatro anos da implantação da Junta Vacínica da Corte, um membro do Real Colégio de Cirurgiões de Londres, o Sr. João Jones, discorreu sobre a vacina antivariólica, alertando sobre a maneira correta da vacinação e denunciando outro tipo de procedimento que julgava não ser o correto.

O tema da ciência também se fazia presente através dos livros anunciados. A Loja da Gazeta fazia propaganda dos livros recebidos, como a obra do físico-mor Manoel Vieira da Silva, que fala sobre como melhorar o clima do Rio de Janeiro, e outras obras em que ensinavam a higiene e o cuidado com o corpo, valorizavam a saúde. Também se ofereciam livros sobre conhecimentos e noções de artes, das ciências que contribuía para o bem da sociedade, e também sobre cirurgias e enfermidades, esses últimos, destinados aos profissionais da área.

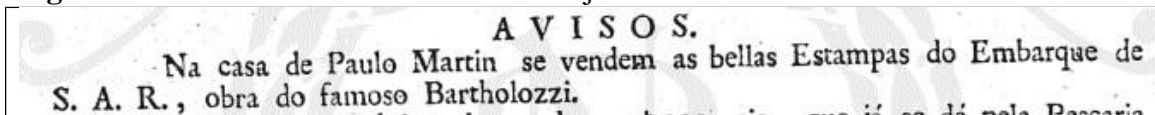
Figura 36 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de novembro de 1808

Sahio á luz a promettida Obra do Conselheiro Físico Mór Manoel Vieira da Silva, intitulada — Reflexões sobre alguns dos meios propostos por mais conducen-tes para melhorar o Clima da Cidade do Rio de Janeiro. — Acha-se de venda em brochura nas cazas do costume pelo preço annunciado na Gazeta de quarta feira.

Com relação aos anúncios de livros, destacamos a figura de Paulo Martin Filho, que foi um dos mais famosos livreiros da cidade do Rio de Janeiro. Paulo Martin anunciava cotidianamente os livros e catálogos de sua livraria. Foi um dos primeiros livreiros estabelecidos no Rio de Janeiro, desempenhava também a atividade de editor de livros. Não se sabe exatamente quando iniciou suas atividades no Rio de Janeiro, mas é possível afirmar que vendia várias obras por conta de seu pai, muito provavelmente desde 1799. Quando da inauguração da *Gazeta do Rio de Janeiro*, no primeiro número se anunciava que o periódico podia ser adquirido em sua livraria, na

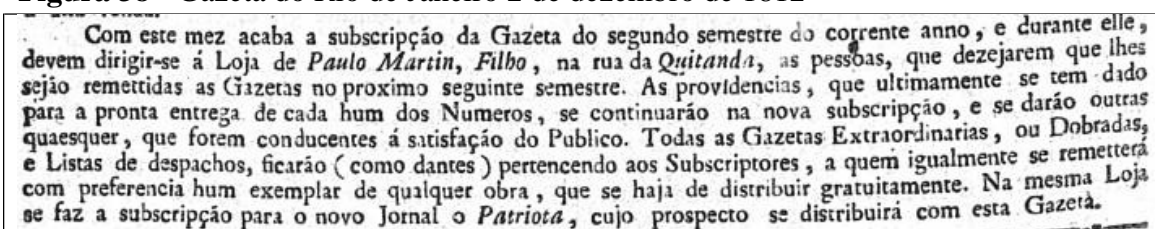
rua da Quitanda.⁹⁶ Em janeiro de 1809, anunciava as estampas do embarque de d. João para o Brasil:

Figura 37 - Gazeta do Rio de Janeiro 11 de janeiro de 1809



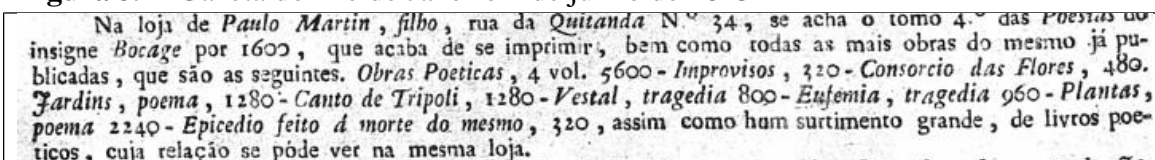
Aqui em 1812, os responsáveis pela *Gazeta* apontam a Loja de Paulo Martin para a renovação da assinatura:

Figura 38 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de dezembro de 1812



Em 1813, a Loja anuncia uma variedade grande de títulos:

Figura 39 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de junho de 1813



Nos próximos anúncios o assunto é educação. Não vamos discorrer em detalhes sobre a educação neste período, pois sabemos que d. João criou após sua chegada o ensino superior público de medicina na Bahia e Rio de Janeiro, logo a seguir criou as Academias Militar e da Marinha, escolas primárias, aulas e cursos isolados.⁹⁷ Aqui vamos falar brevemente sobre as aulas régias, que correspondiam ao ensino primário e secundário. De uma maneira geral eram chamados de mestres aos que ensinavam as primeiras letras e de professores aos de todas as demais cadeiras. Além das primeiras letras, eram ensinadas gramática latina, retórica, línguas gregas e hebraicas, filosofia

⁹⁶NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das. *Livreiros franceses no Rio de Janeiro 1799-1824*. X Encontro Regional de História –ANPUH – RJ. História e Biografias - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - 2002.

⁹⁷BOAVENTURA, E M. *A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afro descendência* {online}. Salvador: RDUFA,2009. A educação brasileira no período joanino. pp; 129-141.ISBN Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>

moral e racional, economia política, desenho e figura, língua inglesa, língua francesa e aulas de comércio. O sexo feminino limitava-se a aprender as quatro operações de aritmética, e as mestras também ensinavam prendas que serviam a economia doméstica, que seriam: bordar, marcar, coser, música e dança.⁹⁸ Vejamos algumas publicações em que professores anunciam suas aulas e colégios na Seção de Avisos:

Já em 1809, no Seminário São José, há o anúncio divulgando aulas da língua francesa, e ensino de geometria, ambas ministradas por padres. Pelo anúncio, não dá para saber se as aulas são gratuitas ou pagas:

Figura 40 - Gazeta do Rio de Janeiro 4 de outubro de 1809

Jubileo nesta Dioceze, etc.
A 2 de Outubro se abriu no Seminario de S. José desta Côrte a Aula Regia da *Lingua Franceza*: os que quizerem aprende-la, tornando-se assim mais uteis á Patria, procurem ao digno Professor, o P. Renato Pedro Boiret, morador na rua do Cano, n. 13. Igualmente se faz público que o P. João Baptista ensinara satisfatoriamente Geometria no sobredito Seminario, onde reside. S. A. R. nada poupa, que possa contribuir ao melhoramento da educação dos seus fieis Vassallos.

Dona Catharina Jacob, em abril de 1813, na propaganda de seu Colégio para educação de meninas bem-nascidas usa a princesa Carlota Joaquina, como um chamariz para seu negócio:

Figura 41 - Gazeta do Rio de Janeiro 3 de abril de 1813

D. Catharina Jacob, Directora do Collegio para educação de Meninas, estabelecido nas cazas fronteiras a Ex.^{ma} Duqueza de Cadavel, faz publico que a Princeza Nossa Senhora, querendo dar mais huma prova do quanto he do Seu Real Aggrado tudo que concorre para a instrução publica, foi servida consider-lhe a Graça para que todas as Meninas Pencionistas do dito Collegio possam trazer huma Medallha com o retrato da mesma Augusta Senhora. Igualmente participa a todos os Senhores que tiverem filhas, e as queirão mandar só de dia aprender as lições que se ensinão no dito Collegio, que tão bem se admitem, pagando por cada huma 120 réis mensaes, e tendo sempre hum mez adiantado, ficando do mesmo modo regulado para com as Pencionistas que em lugar de hum quartel que devião pagar adiantado, ficão pagando da qui em diante só hum mez.

A lisboeta Maria do Carmo da Silva, também anuncia seu Colégio de meninas em 1814, e pela publicação, podemos concluir que é mais acessível para meninas de classe mais modesta:

⁹⁸CARDOSO, Tereza Fachada Levy. *As Aulas Régias no Rio de Janeiro: do projeto à prática, 1759-1834*. História da educação. ASPHE/FaE/ UFPel, Pelotas (6): 105-130, out. 99

Figura 42 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de fevereiro de 1814

D. Maria do Carmo da Silva, natural de *Lisboa*, assistente nesta Corte, na rua de *S. José*, faz saber ao público, que na casa N.º 31 por cima do bordador, tem Collegio de educação de meninas, a quem promete esmerar-se em todo o genero de educação. Toda a pessoa, que quizer servir-se do seu prestimo, pôde fallar-lhe; o preço he modico. Empenhar-se-há com toda a actividade, a fim de que em pouco tempo saião perfeitas as suas educandas.

2.3.d Beleza e lazer

No ano de 1816, Girard divulga suas habilidades como maquiador e cabeleireiro real. Para entendermos melhor o enunciado, vamos discorrer brevemente sobre a maquiagem neste período. Voltando um pouco nos anos, no final do século XVIII, na Europa, focando aqui as francesas e inglesas, que usavam uma pesada maquiagem, inclusive os homens. O Blanc e Rouge, branco e vermelho. A pintura branca era aplicada em quase todo o rosto, e as mais populares eram feitas de chumbo, sendo altamente venenosas. As francesas carregavam mais na maquiagem do que as inglesas, que sempre pareciam mais naturais. Nos últimos anos dos setecentos o uso dos pesados cosméticos foi caindo em desuso e o visual com aparência natural ficou em voga. As mulheres com mais idade ainda lançavam mão deste recurso para parecerem mais jovens. Lentamente a tinta branca a base de chumbo foi substituída por óxido de zinco e giz, mais saudável do que a outra. Neste anúncio de Girard, que era cabeleireiro de d. Carlota Joaquina, que só por este detalhe já era um grande chamariz para clientes nobres, ele ainda divulga uma série de inovações com relação a cabelos e cuidados com a pele.

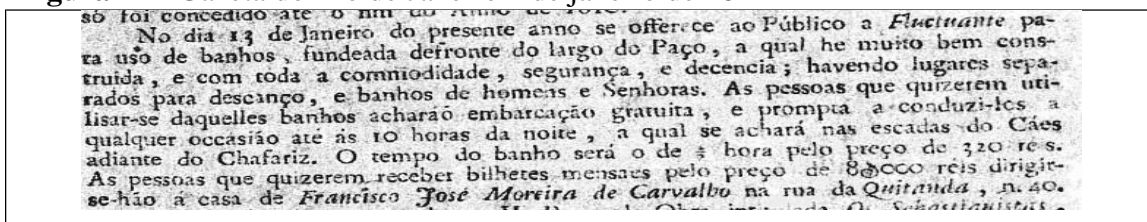
Figura 43 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de março de 1816

Girard, Cabeleireiro de Sua Alteza Real a Senhora *D. CARLOTA* Princesa do *Brazil*, de Sua Alteza Real a Princesa de *Galles*, e de Sua Alteza Real a Duquesa de *Angouleme*; Pentêa as Senhoras na ultima moda de *Paris* e de *Londres*; corta o cabelo aos Homens e ás Senhoras; faz cabeleiras de Homens e Senhoras, e tudo o que consiste na sua Arte; tinge com os pós de *George* com a ultima perfeição o cabelo, as sobrancelhas, e as suizas, sem causar damno algum á pelle nem á roupa; e tem huma Pomada, que faz crescer e augmentar o cabelo; agoa maravilhosa de *M.me Martin* de *Paris*, para fazer a pelle da cara branca. Assiste na rua do *Rozario* N.º 11 do lado esquerdo na casa de *Pasto*.

Também havia publicações de anúncios de várias qualidades de perfumes, águas de colônia, artigos de toucadores, chapéus de seda e palhinha, luvas compridas e curtas, bijuterias, fitas, plumas de todas as cores, lenços, rendas, enfim, uma variedade de acessórios e artigos para beleza.

Como forma de lazer, os anúncios traziam divulgação de casas de pasto, onde se serviam caldos, jantares com pratos variados, doces, etc. Havia também casas de bebidas, comidas, bilhar e hospedaria, como a do estabelecimento de nome Fama do Rio, anúncio veiculado em 2 de fevereiro de 1814. No entanto, há uma interessante publicação em janeiro de 1811, onde se oferecia uma espécie de clube, uma área de lazer, para as pessoas tomarem banhos no mar com todas as comodidades. Como o anúncio deixa claro, os banhos de mar que durante todo o período colonial eram vistos como insalubres, a partir da vinda da família real e com a experiência do próprio d. João VI que tinha uma casa de banho no Caju, esta prática social passou a ser mais difundida.

Figura 44 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de janeiro de 1811

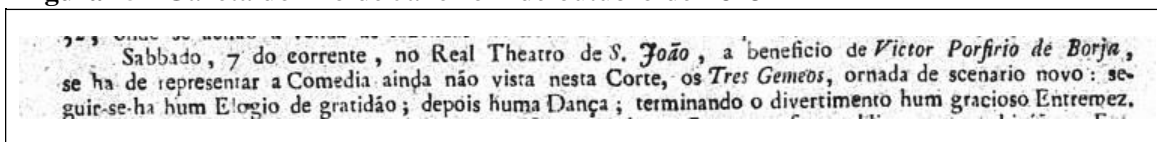


As apresentações em Teatros também eram parte importante do lazer, principalmente das camadas mais favorecidas e cultas da população. Na verdade, a construção de teatros nas principais cidades do Brasil começou ainda na primeira metade dos setecentos, na época, chamados de Casa de Óperas, apresentavam pequenos espetáculos. A partir do fim do século XVIII, essas Casas de Óperas, foram substituídas por construções denominadas de teatros, onde se abrigava maiores números de atores e espetáculos. O primeiro teatro construído no Rio de Janeiro, foi o teatro de Boaventura, criado em 1767, na rua da Quitanda do Marisco, atual rua da Alfândega, e após seu incêndio, é criado o teatro Ópera Nova, no Largo do Paço. O teatro Ópera Nova funcionou até a vinda da Família Real, quando assumiu o nome de teatro Régio, mas deixou de funcionar para servir de alojamento aos empregados do Paço, por ocasião da inauguração do Real Theatro de São João, em 12 de outubro de 1813, data natalícia de d. Pedro de Alcântara. A nova casa de espetáculo foi criada com a presença da Família Real e toda a Corte. Durante muito tempo o Real Theatro de São João foi o maior do Brasil. Seu primeiro nome foi em homenagem ao príncipe regente, e posteriormente o teatro recebeu outros nomes: Imperial Theatro São Pedro de Alcântara, em 1826, Theatro Constitucional em 1831 e finalmente Teatro João Caetano, seu nome atual. O

primeiro espetáculo realizado no Real Theatro de São João foi um drama lírico chamado O Juramento dos Numes, de d. Gastão Fausto da Câmara Coutinho.⁹⁹

Criado através do Decreto assinado pelo príncipe regente d. João, em 28 de maio de 1810, o Real Theatro de São João contou com um plano de loteria, em prol de sua construção. Em outubro de 1815, é anunciado o espetáculo “Os Três Gêmeos”, além de outras atrações:

Figura 45 - Gazeta do Rio de Janeiro 4 de outubro de 1815



2.3.e leilões e Ofícios

Os leilões eram muito comuns neste período, e sempre muito variados. Leiloava-se uma gama muito grande de mercadorias, tais como, tecidos, novos ou avariados, produtos manufaturados, objetos e utensílios usados, muitos para quitar dívidas, e também diversas mercadorias penhoradas nas casas de varejo da cidade. O costume das pessoas comprarem e vender objetos usados, ao que parece, não foi apenas uma atividade de ocasião, como por exemplo, se desfazer de um produto por ter comprado um novo, mas sim uma atividade, onde diversos indivíduos fizeram disto sua profissão.¹⁰⁰

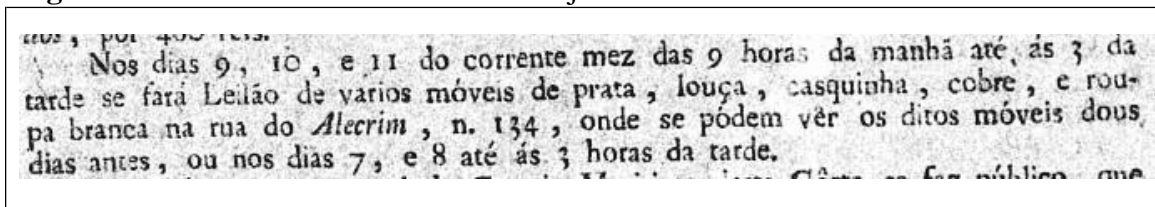
Em 1 de novembro de 1815 se anuncia um leilão, na rua do Ouvidor, de mercadorias vindas dos Estados Unidos, na escuna Calypso, onde falam em grande sortimento de “trastes”, que no dicionário de Antônio de Moraes Silva a palavra trastes quer dizer “peças de uso e serviço”, como bancas, cadeiras, camas, espada, joias, etc. Outro leilão, desta vez com produtos vindos da Inglaterra, foi anunciado nos armazéns do Trapiche da Ilha das Cobras, no dia 4 de abril de 1813 às 10 hs da manhã. São artigos com avarias, como bolachas e farinha, e os interessados podiam avaliar o estado

⁹⁹SOUZA, Arini Fernandes de. *Teatro João Caetano conta sua história*. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, n. 3, 2009, p. 181-197.

¹⁰⁰PENNA, Clemente. *Comprar, vender e emprestar: o mercado informal de crédito na cidade do Rio de Janeiro, 1820-1870*, XXVIII Simpósio Nacional de História- Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios - 27 a 31 de julho de 2015- Florianópolis SC

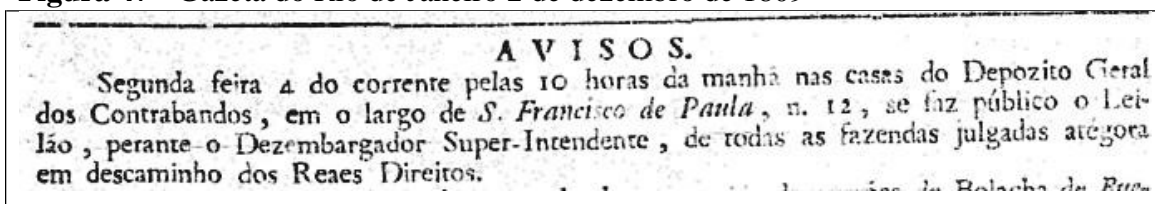
dos mesmos antes de dar o lance. Muitos leilões eram organizados por profissionais e as pessoas interessadas tinham a oportunidade de ver as mercadorias antes do leilão:

Figura 46 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de janeiro de 1811



Mercadorias apreendidas no contrabando, também eram leiloadas, como por exemplo, este leilão anunciado em 1809:

Figura 47 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de dezembro de 1809



Os Ofícios de escrivães, tabeliães, juízes dos órfãos, meirinhos, entre outros, que eram remunerados, não honoráveis, eram os chamados ofícios intermediários, muito embora, não sendo incompatíveis com a nobreza. Esta modalidade de provimento era de exclusividade do monarca, isto quer dizer que somente ele concedia e expedia as cartas de propriedade. Estes ofícios “privatizados” podiam vir a se tornar bens transacionáveis, e na maioria das vezes em benefício exclusivo de particulares.¹⁰¹

Ao que parece esta prática era comum neste período, visto a grande quantidade de anúncios para arrendar estes ofícios. Em 1 de janeiro de 1812, o criado de Sua Alteza Real, João Antonio Vigier, alugava um ofício de 2º Tabelião da Comarca das Alagoas; já o capitão Pedro Ferreira Bessa, oferecia, para alugar em 3 de agosto de 1814, o ofício de Contador, Distribuidor, e Inquiridor, da Vila de São João d’ELREI. Em 1811, José Estevão de Seixas Gusmão e Vasconcelos, guarda roupa real, arrendava o ofício de Porteiro da Alfândega da cidade da Bahia:

¹⁰¹STUMPF, Roberta Giannubilo. *Os provimentos de ofícios: a questão da propriedade no Antigo Regime português*. Topoi (Rio J.) Vol. 15 no. 29 Rio de Janeiro July/Dec. 2014.

Figura 48 - Gazeta do Rio de Janeiro 3 de agosto de 1811

Quem quizer servir o Officio de Porteiro da Alfandega da Cidade da Bahia; fal'e com José Estevão de Seixas Gasmão e Vasconcellos, proprietario do dito Officio, assistente na rua Direita.

2.3.f Índios, Escravos, e Intendência Geral da Polícia

No início dos oitocentos, a instauração de uma política de guerra aberta contra os chamados índios bravos, interrompeu brevemente a retórica secular de que as guerras contra os índios deveriam possuir caráter apenas defensivo, com a sua civilização e cristianização sendo entendido como elementos que os fariam participar da sociedade. As estratégias de defesa dos índios contra essa política eram os ataques aos moradores. As elites políticas, embora diante destes atos, reconhecessem que esta ferocidade fora incitada pela legislação expedida pela coroa portuguesa, admitiam que tivessem que ser freados pela destruição sumária das etnias sublevadas.¹⁰²Neste anúncio é comunicado que está à venda a Carta Régia de cinco de setembro de 1811, que entre várias coisas, informa sobre a civilização dos índios mansos, e sobre as Nações Canajá, Apinajé, Xavante, Cherente e Canoeiro.

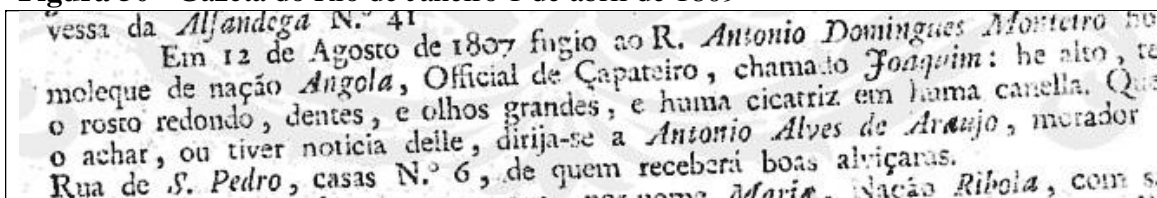
Figura 49 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de dezembro de 1812

A V I S O S.
Sahio á luz: Carta Regia de 5 de Setembro de 1811, para o Governador e Capitão General de Goyaz; approvando o plano do estabelecimento de huma Sociedade de Commercio entre a dita Capitania, e o Pará; concedendo varios privilegios aos accionistas; e dando varias providencias sobre a civilização dos Indios mansos, e a respeito das Nações Canajá, Apinajé, Chavante, Cherente, e Canoeiro; como também sobre a navegação dos Rios Tocantins, e Miranhão &c. Vende-se nas cazas do costume a 240 ré's.

Se os índios eram preocupação do Estado no sentido de serem amansados e civilizados, os escravos protagonizavam os avisos e anúncios no que competia as fugas e negociações comerciais (compra e aluguel), demonstrando como eram majoritários na esfera do trabalho no cotidiano urbano carioca. Neste anúncio de abril 1809, é comunicado a fuga de um escravo Nação Angola, de quase dois anos atrás, por certo, acreditando no alcance do periódico, seu dono acredita que ainda o poderá recuperar:

¹⁰²GILENO, Carlos Henrique. *A Legislação Indígena: ambiguidades na formação do Estado-Nação no Brasil*. Caderno CRH, Salvador, v.20, n.49, p. 123-133, jan./abr.2007.

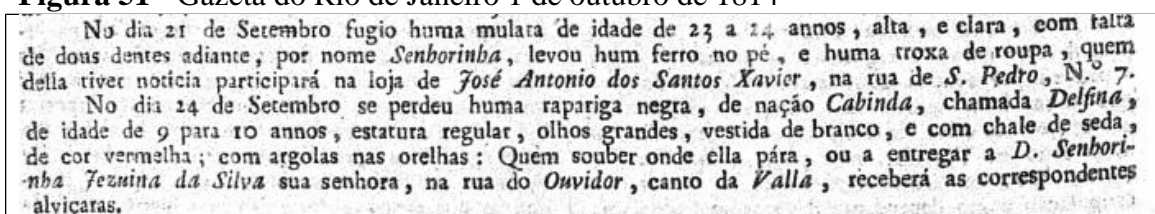
Figura 50 - Gazeta do Rio de Janeiro 1 de abril de 1809



vessa da *Alfandega* N.º 41
Em 12 de Agosto de 1807 fugio ao R. *Antonio Domingues Monteiro* he
moleque de nação *Angola*, Official de Sapateiro, chamado *Joaquim*: he alto, te
o rosto redondo, dentes, e olhos grandes, e huma cicatriz em huma canella. Que
o achar, ou tiver noticia delle, dirija-se a *Antonio Alves de Araujo*, morador
Rua de *S. Pedro*, casas N.º 6, de quem receberá boas alviçaras.

Em setembro de 1812, o Sr. Antonio vende um escravo, aprendiz de alfaiate. Os senhores, que acreditavam na ideia de que o trabalho manual podia apenas ser exercido por escravos, na maioria das vezes, o compravam para alugar, pois até mesmo as pessoas mais pobres compartilhavam o desprezo pelo trabalho manual, e alugavam escravos para serviços domésticos. Para valorizá-los, os donos de escravos lhes ensinavam algum ofício. Quando não eram os senhores que os ensinavam, eram instruídos por outras pessoas que se dedicavam a determinadas atividades. Quando eram mandados por seus senhores a estabelecimentos industriais, como oficinas de artesãos, geralmente o dono não pagava nada pela aprendizagem do escravo, pois o trabalho feito pelos escravos durante o período em que aprendiam, era a forma de pagamento.¹⁰³ Abaixo dois anúncios de escravas, sendo o primeiro de uma jovem, que pela descrição, teria sofrido maus tratos de seus senhores, visto não ter os dentes, e ter fugido com ferros nos pés, e o segundo de uma criança escrava, da nação Cabinda, que se perdeu de seus senhores, e pela descrição de como estava vestida, parecia ser muito bem tratada:

Figura 51 - Gazeta do Rio de Janeiro 1 de outubro de 1814



No dia 21 de Setembro fugio huma mulata de idade de 23 a 24 annos, alta, e clara, com falta de dous dentes adiante; por nome *Senhorinha*, levou hum ferro no pé, e huma troxa de roupa, quem della tiver noticia participará na loja de *José Antonio dos Santos Xavier*, na rua de *S. Pedro*, N.º 7.
No dia 24 de Setembro se perdeu huma rapariga negra, de nação *Cabinda*, chamada *Delfina*, de idade de 9 para 10 annos, estatura regular, olhos grandes, vestida de branco, e com chale de seda, de cor vermelha; com argolas nas orelhas: Quem souber onde ella pára, ou a entregar a *D. Senhorinha Fezquina da Silva* sua senhora, na rua do *Ouvidor*, canto da *Valla*, receberá as correspondentes alviçaras.

Nos anúncios de fuga, os senhores faziam uma descrição detalhada das características (físicas e de vestimenta no momento da fuga) do escravo, pois acreditavam que facilitava a identificação do mesmo, para que as pessoas o pudessem reconhecer.

¹⁰³Cinthia Bourget Fortes Genestra. *A atuação dos escravos de ganho na organização da cidade do Rio de Janeiro durante o século XIX*. Para entender a história... Disponível em: <fabiopestanaramos.blogspot.com> Acesso em: 09/11/2018

Figura 52 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de agosto de 1817

A 20 de Abril do corrente anno fugio a *João Ricardo Fajardo Perdigão*, com botica no *Rio de Janeiro*, rua *Direita* N.º 10, hum escravo de nação *Monjolo*, chamado *Pedro*, de estatura pouco mais de ordinaria; magro, cor preta, signaes quasi imperceptiveis de bexigas pela cara, boa figura, e regularmente canhoto: foi vestido com camiza nova de brim, e calças de algodão. Quem o tiver em seu poder, ou souber delle, e quizer entregar-lho, ganhará boas alviçaras, e será pago de todas as despezas, que se fizerem na sua remessa, no cazo de estar fóra desta Corte, ou n'alguma prisão; o Supplicante persuadido de que elle se não poderá manter.

Aqui, em 1820, o escravo nascido no Brasil, tinha uma qualidade a mais do que normalmente se anunciava nos escravos, além de ser oficial de sapateiro, sabia ler, o que já era raro para brancos que pertenciam à massa popular, muito mais raro era algum negro alfabetizado:

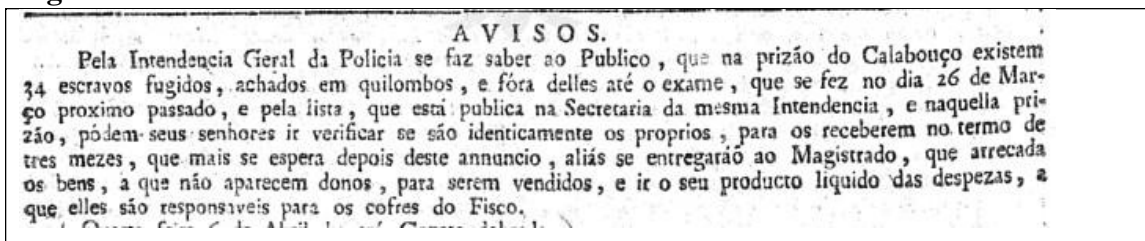
Figura 53 - Gazeta do Rio de Janeiro 1 de março de 1820

Em 14 de Fevereiro fugio hum negro crioulo Sapateiro, chamado *Francisco*, que sabe ler, e trabalhava *Detraz do Carmo* por debaixo da Biblioteca Real, he alto, e bastante grosso, cara grande, e seria com 5 ou 6 signaes de bexigas, falto de alguns dentes, olhos pequenos, bixa na orelha, chapéo fino, jaqueta branca, colete preto, calças azues, e largas: quem o levar a seu dono á rua dos *Ferradores* N.º 181, se o achar nesta Cidade, receberá 200000, na roça 300000, abordo de Navio que esteja a sair 400000; e no caso delle já ter sabido, quem denunciar o Mestre do Navio receberá 100000.

A Intendência Geral da Polícia também usava a Seção de Avisos para informar sobre suas atividades. Em abril de 1814, anuncia que 34 escravos fugidos que foram resgatados dos quilombos, tinham sido presos e estavam a espera que seus senhores os recuperassem. Caso contrário, seriam vendidos para cobrirem as despesas. Neste anúncio em particular, a finalidade era o resgate dos escravos, contudo, como mostra o estudo de Carlos Eduardo Moreira de Araújo, os detentos, muitos deles africanos e seus descendentes, foram retirados das prisões para o fornecimento contínuo de mão de obra para a revolução urbana da cidade do Rio de Janeiro no período joanino. Das palmeiras reais plantadas no Jardim Botânico aos aterros feitos na cidade, por trás havia um negro sentenciado.¹⁰⁴ Os rastros desse crescimento urbano são passíveis de ser seguido através dos avisos.

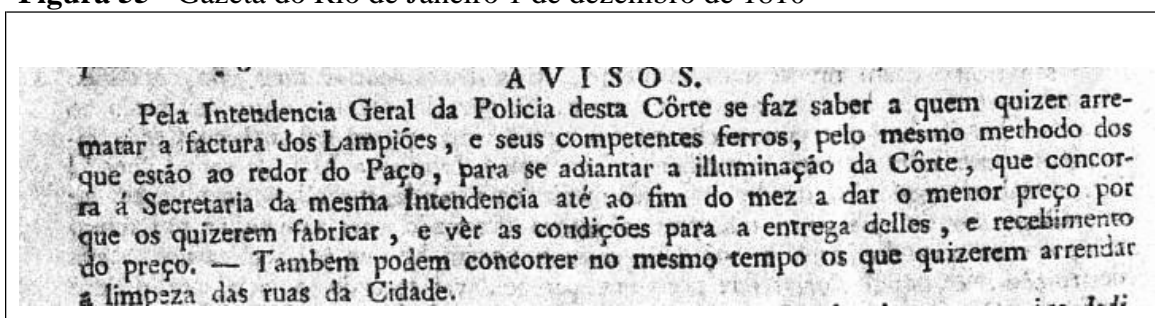
¹⁰⁴ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de. *O duplo cativo: escravos e prisões na Corte joanina (Rio de Janeiro, Ca. 1790-1821)*. Artigo extraído da dissertação de mestrado *O Duplo cativo: Escravidão Urbana e o Sistema Prisional no Rio de Janeiro, 1790-1821*, do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

Figura 54 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de abril de 1814



A Intendência Geral da Polícia do Rio de Janeiro funcionou nos moldes da instituição criada em Lisboa em 1760. Como em Lisboa, dentro da cidade do Rio de Janeiro o intendente tinha muitas responsabilidades, que o tornavam uma espécie de prefeito de nossos dias, ele deveria garantir a “limpeza e abundância, segurança e saúde” da cidade.¹⁰⁵ Neste anúncio de 1810, é anunciado, ao que parece, uma espécie de licitação, embora, o primeiro Decreto com relação ao processo licitatório no Brasil, tenha sido somente em 1862.¹⁰⁶

Figura 55 - Gazeta do Rio de Janeiro 1 de dezembro de 1810



Findamos aqui o Capítulo 2 deste trabalho. Nossa intenção foi dar um panorama geral de todos os produtos que eram anunciados pela Gazeta. Assim, discorreremos sobre os vários anúncios que eram publicados na Seção de Avisos, selecionando publicações que foram veiculadas no periódico durante seu tempo de circulação. A proposta foi ser quase como “leitores” da *Gazeta*, trazendo junto de cada anúncio um vislumbre do que era comercializado na cidade do Rio de Janeiro no tempo de d. João.

No Capítulo 3 pretendemos focar nas publicações que ofereciam produtos franceses, procurando esmiuçar um pouco mais esses artigos, para perceber quais eram

¹⁰⁵SCHULTZ, Kirsten. *Versalhes Tropical – Império, monarquia a corte real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 160

¹⁰⁶Geraldo Luiz Vieira Ribeiro. *A Evolução da Licitação*. Disponível em: <classecontabil.com.br> Acesso em: 07/11/2018

esses produtos que eram anunciados rotineiramente pelos comerciantes na seção de *Avisos da Gazeta*.

Capítulo 3

A França nos trópicos: moda, produtos e negociantes franceses nos anúncios da Gazeta do Rio de Janeiro

Nos capítulos anteriores, analisamos a *Gazeta do Rio de Janeiro* e sua Seção de Anúncios e Avisos. Primeiramente, problematizamos como esse jornal surgiu e as semelhanças e diferenças que possuía com outros periódicos do período. Em seguida, fizemos uma análise das principais categorias de anúncios e avisos da *Gazeta*, com o objetivo de demonstrar como era variada a gama de produtos e negociantes na corte portuguesa. Para finalizar essa dissertação, escolhemos as mercadorias francesas para verticalizarmos nossa análise.

Apesar das disputas e querelas diplomáticas, políticas e econômicas de Portugal com a França entre 1808 e 1815, no contexto das guerras napoleônicas, a análise dos anúncios demonstram que, a influência francesa na sede da colônia e depois Reino Unido era inegável. Neste momento, vamos discorrer sobre a influência de produtos franceses relacionados à moda e à etiqueta que inundou a cidade do Rio de Janeiro, após 1815, quando cessou a proibição de mercadorias francesas em território brasileiro. Vamos focar especialmente nos negociantes que importavam produtos franceses e publicavam anúncios na *Gazeta do Rio de Janeiro*.

O Rio de Janeiro, já no decorrer do século XVIII, se tornou o principal centro intermediário do tráfico de pessoas e mercadorias entre a costa da África, Lisboa e região de Minas, onde já havia sido descobertos ouro e diamantes. Assim, o porto da cidade era o maior da América Portuguesa à época. No século XIX, impulsionado pela chegada de d. João, a abertura dos portos e o processo de modernização material e cultural vivenciada pela cidade e seus habitantes, o crescimento das atividades portuárias se tornou ainda mais veloz.

Quando o príncipe regente chegou ao Brasil, todos os produtos estrangeiros importados eram levados para a Alfândega e, com a revogação do monopólio colonial houve uma avalanche de mercadorias trazidas por uma grande quantidade de navios que passaram a ancorar aqui. Percebendo que a infraestrutura portuária era insuficiente, e para evitar o caos, algumas medidas foram tomadas, como por exemplo, a que o príncipe regente concedeu aos negociantes ingleses, que mercadorias que não

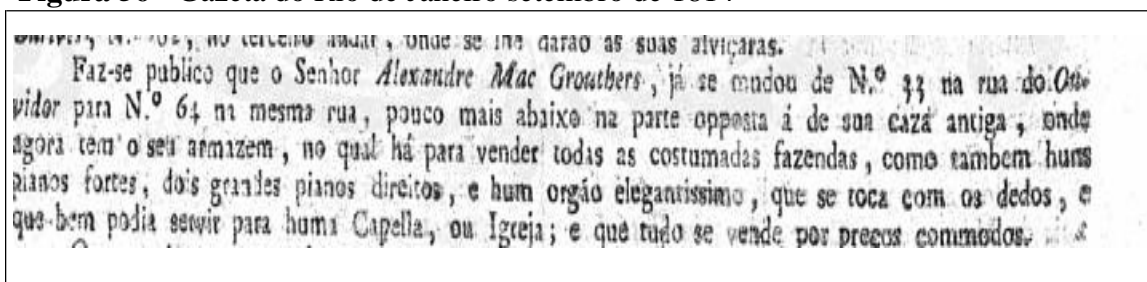
coubessem na alfândega fossem armazenadas no Trapiche da cidade ou em armazéns particulares. Outra medida foi a criação da Mesa de Despacho Marítimo para centralização das formalidades inerentes as mercadorias que até aquele momento, eram cumpridas em diversos lugares.¹⁰⁷

Com a abertura dos portos, os navios ingleses chegavam carregados de louças, vidros, mesas, armários, pratos, panelas, copos, jarros, bules, talhares, xícaras, espelhos, chapéus, calçados, louças, vidros, como também manteiga, presuntos, enfim, uma variedade de artigos fabricados na Inglaterra.

*E o Brasil que os ingleses encontraram, caracterizava-se pelas raras indústrias manufatureiras, já que o capital disponível ainda estava nas mãos de negociantes luso-brasileiros que se ocupavam exclusivamente da exportação de produtos agrícolas e da importação de escravos, incluindo o controle local do monopólio de produtos alimentícios.*¹⁰⁸

As mercadorias que chegavam ao Brasil nesse período já eram amplamente divulgadas nos anúncios da *Gazeta*, como por exemplo, o comércio de instrumentos musicais. Em setembro de 1814 o inglês Alexandre Mac Grouthers, além das costumadas mercadorias, ainda oferecia pianos e órgão que serviriam para igrejas:

Figura 56 - Gazeta do Rio de Janeiro setembro de 1814



O Sr. José Teixeira dos Santos que possuía uma loja de fazendas na rua do Ouvidor N° 32, colocava a venda em 1812, um excelente piano forte, chegado a pouco

¹⁰⁷Maria Cecília Velasco e Cruz. *O porto do Rio de Janeiro no século XIX uma realidade de muitas faces*. Tempo 8 ago-1999 Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg8-7.pdf Acesso em: 14/02/2019

¹⁰⁸Carolina Bortolotti de Oliveira. *As relações comerciais entre Brasil e Inglaterra no início do século XIX*. II Colóquio [Inter] Nacional sobre o comércio de cidade: uma relação de origem. Disponível em: http://www.labcom.fau.usp.br/wpcontent/uploads/2015/05/2_cincci/1009%20Bortolotti.pdf Acesso em: 18/02/2019

da Inglaterra. Em 1809, na rua Direita na loja N° 15 também se vendia um piano forte muito bom.

A rua da Alfândega concentrava muitos comerciantes ingleses e a rua do Ouvidor dispunha de lojas de franceses. Jurandir Malerba em seu livro *A Corte no Exílio*, fala como as modas europeias invadiram as ruas e as salas distintas do Rio de Janeiro. A maioria das mercadorias consumidas era estrangeira:

Homens e mulheres das fardas e mantilhas, embora essas ainda se mantivessem, renderam-se ao brilho das indumentárias vergadas nas cerimônias públicas e dias de gala. Numa sociedade estamental, onde se identificava o indivíduo pelos signos que ostenta seu corpo-manequim, não foi pequeno o impacto das vitrines que se abriram na rua do Ouvidor. Talvez se poderá mesmo situar no Brasil joanino o início da história da propaganda no Brasil, as principais casas noticiando suas mercadorias e serviços na Gazeta. Os recursos de que dispunham homens e mulheres para decorar seus personagens de ir à rua já não se resumiam ao óleo de baleia para untar as cabeleiras ou ao pó-de-arroz de armar as perucas e homogeneizar as irregularidades da pele.¹⁰⁹

3.1 A moda e o comércio francês no Rio de Janeiro

Inicialmente a moda nasceu na Itália, entretanto a dominância na moda seguiu para Espanha no século XVI e posteriormente para França no início do século XVII. Um dos fatores para que a França passasse a dominar o mercado da moda seria a influência que a corte francesa exercia na Europa, sob o reinado de Luís XIV, que “proclamou em Versailles um novo padrão de consumo”. O prestígio da corte francesa e o estímulo ao consumo de mercadorias de luxo pela aristocracia são fatos que explicam a emergência da moda na França. Tudo era balizado por regras definidas por leis e editos que regulavam a aparência das pessoas de acordo com sua posição na escala social, onde cada um deveria usar os signos referentes ao seu lugar na sociedade estamental.¹¹⁰

Miqueli Michetti destaca o pensamento de outros autores como Williams (1991, P.7) que coloca que em Paris nasceu o advento do “consumo de massa” e as origens da

¹⁰⁹MALERBA, Jurandir. *A Corte no Exílio: Civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1821)*. São Paulo: Cia das Letras, 2000. p. 167.

¹¹⁰Miqueli Michetti, *Capítulos da Modernidade: moda e consumo na Paris do século XIX*, Revista Proa, nº 1 <http://www.ifch.unicamp.br/proa>

“sociedade de consumo”. A moda, para Maria Hammes,¹¹¹ não deve ser tratada de maneira superficial e fútil, pois na história da França a roupa foi um veículo para demonstrar poder político e prestígio.

Na época de Maria Antonieta, “considerada a estrela mais brilhante da moda francesa e que fez de seu guarda-roupa uma influência cultural, o poder da moda era visto como identidade nacional”. Isso ficou evidente em seu reinado, onde ela foi preparada desde a infância para abandonar a identidade austríaca e assumir a francesa. A moda continuou a representar um elemento de prestígio após a revolução francesa e a restauração monárquica. Nesse período a moda francesa continuou como influenciadora de outras cortes europeias. Vamos agora pensar na moda introduzida no Brasil pelos franceses que aqui chegaram após a derrota de Napoleão. É possível perceber através dos anúncios que as roupas, vestimentas e acessórios foram gradativamente mudando e influenciando os modelos usados pelas senhoras da sociedade carioca. No entanto, havia um intervalo, pois tais influências demoravam um pouco para chegar aos trópicos, mesmo que os negociantes franceses anunciassem que era última moda

A partir de 1816, com a assinatura dos tratados de amizade e comércio com a França, o Brasil passou a receber imigrantes de todas as partes do território francês, uma profusão de profissionais que chegavam em busca de uma vida melhor. Eram costureiras, floristas, fabricantes de chapéus, alfaiates, cabeleireiros, livreiros, professores, parteiras, artistas, e muitas outras profissões.

O cuidado com a aparência teve lugar de destaque nas mudanças ocorridas na cidade do Rio de Janeiro. O mundo da Corte, cheio de cerimônias, festas e recepções transformava o vestir-se, pentear-se e comportar-se em símbolos de distinção social e poder. Com grande tradição no comércio de artigos de luxo, os comerciantes franceses ditavam a moda na cidade do Rio de Janeiro. Conhecer a moda de Paris em seus detalhes e usufruir da mesma era símbolo de prestígio. Para as mulheres, seguir a moda seria usar trajes adequados a cada ocasião, os tecidos teriam que ser bonitos e de alta qualidade, os enfeites e acessórios teriam que ser bem escolhidos, e seguir um ritual para saber usá-los em público.¹¹²

¹¹¹Marina Hammes de Carvalho, *Moda Francesa como subsídio para Identidade Nacional e exemplo de Governança*, 5ª ENP Moda, Encontro Nacional de Pesquisa em Moda. Disponível em: <http://www.feevale.br/> Acesso em: 12/02/2018

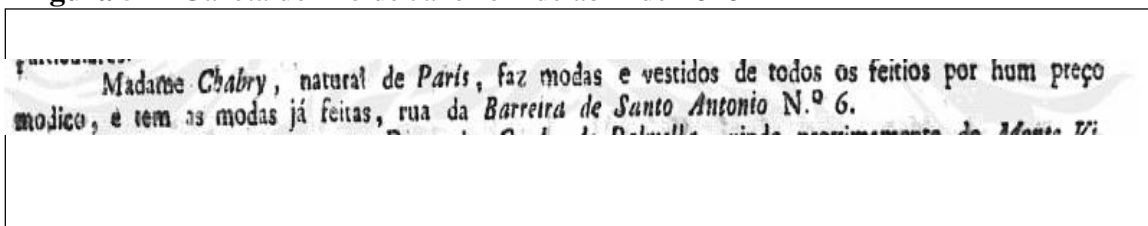
¹¹²Lená Medeiros de Menezes. *À francesa, dos pés à cabeça*. Site Revista de História. Disponível em: <http://www.brasilfrance.com.br/2012/04/12/a-francesa-dos-pes-a-cabeca/> Acesso em: 19/02/2019.

Os produtos franceses se sobressaíam nos anúncios da *Gazeta do Rio de Janeiro*, e eram sinal de moda, principalmente da feminina. Com o passar do tempo, os acessórios se tornaram importantes para complementarem o traje das senhoras elegantes do Rio de Janeiro. Por isso, muitos anúncios passaram a divulgar em profusão esses artigos.

Os anúncios, desde o início, cumpriram o papel de levar ao conhecimento das pessoas interessadas em comprar as novidades que chegavam da França e dar suporte aos negociantes que desejavam vender tais mercadorias. Normalmente as roupas e acessórios que ditavam a moda, especialmente no Rio de Janeiro, vinham diretos de Paris. No caso de serem feitos na capital do reino, quem entrava em ação eram as modistas francesas que se instalavam na cidade. Muitas destas profissionais se tornaram famosas. Como exemplo, podemos citar Mlle Joséphine, a mais antiga e famosa modista da rua do Ouvidor, que foi costureira de d. Leopoldina, primeira imperatriz do Brasil. A trajetória dessas mulheres nos diz que, eram boas as chances profissionais no mercado da moda na cidade do Rio de Janeiro. Uma consumidora tão ilustre como a imperatriz significava a ampliação da clientela, que para além da roupa buscava o capital simbólico.

Não só os vestidos faziam parte da moda oferecida pelas modistas às suas clientes do sexo feminino. As chamadas “camiseiras” eram aquelas especialistas que atendiam clientes masculinos. Havia ainda, as profissionais menos glamorosas que consertavam rendas, faziam ceroulas, coletes, flores artificiais e também anunciavam na *Gazeta*. Vendiam-se luvas, lingerie, miçangas, linhas, colchetes, vidrilhos, todos os aviamentos necessários para bordar. Neste anúncio datado de 1º de abril de 1818, madame Chabry publicava que fazia vestidos de todos os feitios, assim como já os tinha na pronta entrega. Ressaltava que era natural de Paris, pois só essa pequena informação já a capacitava a fazer vestuários da última moda francesa e agregava valor a seu trabalho.

Figura 57 - *Gazeta do Rio de Janeiro* 1 de abril de 1818



No trecho escrito pela francesa Adèle Toussaint-Samson em sua obra *Uma parisiense no Brasil*, retirada do seu diário de viagem, ela nos diz sobre aspectos do comércio do Rio de Janeiro no começo do século XIX:

Não sendo minha intenção fazer aqui a nomenclatura das ruas do Rio de Janeiro e de seus monumentos, abandonarei esse assunto depois de ter dito uma palavra, porém, sobre a Rua do Ouvidor, rua essencialmente francesa, onde os estabelecimentos de nossas modistas, de nossos cabeleireiros, de nossas floristas e de nossos confeitores exibem-se em todo seu esplendor. É o ponto de encontro habitual dos jovens da cidade que, a pretexto de comprar charutos ou gravatas, ali vão fazer a corte às francesas, que eles adoram. Essa rua, embora estreita e feia, é de alguma maneira o Boulevard des Italiens da capital do Brasil; lá só se ouve falar francês. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003: 85).¹¹³

A viajante francesa nos dá uma importante visão da rua do Ouvidor, onde se concentravam muitas lojas de produtos franceses. No entanto, pelas publicações veiculadas na Seção de Avisos da *Gazeta*, podemos constatar que muitas outras ruas do comércio do Rio de Janeiro também ofereciam produtos da França.

Em 2 de abril de 1817, se anunciava que na casa de Bellard, situada na rua do Ouvidor N° 8, se achava: “um completo sortimento de chapéus modernos para senhoras a 6.400 réis, vestidos de seda com rendas, plumas de várias cores, rendas da França e fitas. Também acaba de receber espadins guarnecidos de prata próprios para militares”.

Na parte de bebidas, Bellard oferecia vinho branco e vermelho de Bordéus¹¹⁴, Aniz superfino e aguardente de Cognac de 1805¹¹⁵. Além de frutas em conserva e várias qualidades de fazendas francesas.

¹¹³Adèle Toussaint-Samson Apud Mariana de Paula Cintra. *Modas e Modistas: o comércio de roupas francesas no Rio de Janeiro na primeira metade do oitocentos*. História por quê e para quem? XXII Encontro Estadual de História, Anpuh SP.

¹¹⁴O vinhedo de Bordéus foi fundado no século I d.C. por um grupo de guerreiros Celtas que implantaram na região uma antiga casta chamada *Biturica*, da qual descendem os *Cabernets* atuais. Desde então, os vinhos produzidos em Bordéus foram comercializados em várias partes do mundo. Disponível em: <https://www.castaseclimas.com/br/vinhedo-de-bordeaux/> Acesso em: 24/01/2019.

¹¹⁵A partir do século XVI começa a ser criado o Cognac, que nasceu da necessidade de transportar e/ou reaproveitar vinhos de baixa graduação alcoólica. No início do século XVII aparece a destilação dupla criada pelos holandeses, mas progressivamente aprimorada pelos franceses para a bebida mais fina Cognac. Percebeu-se que o destilado se beneficiava no sabor ao ser transportado nos tonéis de carvalho para transporte em navios. Passou a ser feita esta prática de envelhecimento. Entre o século XVIII e XIX o mercado desta bebida se organiza em resposta à demanda e criam-se as Câmaras de Comércio e aparecem grandes compradores na Holanda, Inglaterra e Escandinávia, e posteriormente Américas e Oriente Médio. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3506751/mod_resource/content/1/Cognac.pdf Acesso em: 25/01/2019.

Em 1º de outubro de 1817, temos outro anúncio da casa de Mr. Bellard denotando que este comerciante usava regularmente a seção de avisos. Nessa outra publicação o comerciante que continuava no mesmo endereço, descreve que tem para vender rendas da França, bijuteria fina de “novo gosto”, vestidos bordados, vestidinhos de caça com calças para meninas de 4 a 6 anos, coleiras grandes e pequenas, chapéus de palha branca e luvas. Também possui candeeiros de todos os tamanhos, pêndulos, frisqueiras e cristais. Novamente tem para venda vinho de Bordéus de preço entre 400 e 1200 réis. Em sua loja havia licores de todas as qualidades. Vendiam-se garrafas vazias por 5.760 réis o cento, além de água de Colônia, salientando que é da verdadeira. Os livros eram anunciados sem os títulos ou mesmo de que temas tratavam. Não sabemos a que se destinavam as garrafas vazias, podemos pensar que seriam para comerciantes que se dedicavam a fabricação de alguma bebida, já que eram vendidas ao cento.

Em 1º de março de 1820, M. Imbert, negociante francês, anunciava que acabara de receber pelo último navio chegado da França, grande sortimento de mercadorias. Além dos artigos de vestuário, perfumes e acessórios, ele destaca os chapéus e “toucados” feitos no armazém de madame Mure, que segundo o anúncio, era a primeira modista de Paris. Havia recebido também porcelanas para chá, café com preços muito acessíveis. No armazém de M. Ablon, situado na Rua do Ouvidor Nº 19, em 3 de junho de 1820, também publica basicamente as mesmas mercadorias de seus vizinhos comerciantes, denotando assim que havia muita concorrência desses artigos na praça do Rio de Janeiro.

Além das lojas que ofereciam roupas vindas da França e das modistas que as fabricavam no Brasil, havia os alfaiates franceses que ofereciam seus serviços para atender a demanda masculina. Como o alfaiate francês, Gudin, que anunciou em setembro de 1816 vestidos de homens de várias cores de feitio moderno, atendia na Rua do Ouvidor Nº 15. Outro profissional da moda masculina anunciante foi Tounier, que se declarou na publicação de 3 de janeiro de 1818 “chapeleiro de Paris”. Além de oferecer chapéus de “todas as qualidades”, ele ainda se dispunha a outros serviços especiais que fazia com a maior perfeição, como a limpeza de dragonas¹¹⁶ e canutilhos. Vale ressaltarmos aqui que, o chapéu foi amplamente utilizado ao longo do tempo por homens e mulheres. Esta peça do vestuário além de marcar um estilo pessoal, ainda denotava a posição social de quem os usava.

¹¹⁶Dragona é uma peça metálica ornada com franjas de fios de seda ou ouro, e era usada como distintivo no ombro do uniforme militar. Começou a fazer parte do fardamento militar ainda no século XVIII.

Na rua das Violas, na loja de N° 16 se vendia rapé francês, porém fabricado em Salvador na Bahia. A cera francesa era ofertada na rua São Pedro N° 25, a 640 réis. Já Gadet e Jalasson, que tinham seu comércio na rua Direita N° 55, anunciam, em 2 de dezembro de 1818, para os senhores oficiais de infantaria e cavalaria, que receberam da França floretes¹¹⁷ com punho de madrepérola, e espadas da forma turca¹¹⁸ e inglesa¹¹⁹ com bainha de ferro; espadas de caçadores franceses com bainha dourada. Também ofereciam espingardas boas, seguras e leves de um e dois tiros, canivetes, sacos para chumbo, pólvora e tudo que seria necessário para caçar.

O senhor Manoel Ferreira Lisboa anuncia na *Gazeta* de 1° de fevereiro de 1817, (entre maçãs finas de todas as qualidades da Itália, conservas de ginja de Lisboa, vinho do Porto) licores franceses de várias qualidades, tudo isso no seu armazém localizado na rua do Rosário N° 13. Seu vizinho do N° 60 oferecia “bons sortimentos de livros chegados a pouco, entre os quais todas as sortes de dicionários, História Natural de Buffon¹²⁰, Curso completo de Agricultura, e muitas obras interessantes”. Além dos livros, se vendiam outras mercadorias francesas como móveis, porcelanas, alabastros, cristais, relógios de mesa e quadros.

Além dos armazéns e lojas em que se encontravam variados artigos franceses, a população carioca poderia ter acesso a outros estabelecimentos comerciais. Muitos deles também apostavam na propaganda voltada para os produtos franceses, como o dono da padaria na rua do Ourives N° 55, que, em janeiro de 1818, declarou que em seu estabelecimento se vendia pão francês chamado Bis, feito todo de farinha e com muito bom paladar. O pão era para ser degustado com sopa, sendo grande de tamanho, custando na faixa de 40, 80 e 160 réis. As variações dos preços, com certeza, eram porque os pães seriam feitos desde os menores que deveriam ser individuais (como o

¹¹⁷Espada fina, comprida, muito leve, sem gume, e própria para a esgrima. (Dicionário online de português – Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/florete/> > Acesso em: 19/02/2019).

¹¹⁸Espada de lâmina curva, mais larga na extremidade livre, com gume no lado convexo.

¹¹⁹A espada inglesa diferia da francesa por possuir espigão curto e quilons longos e ligeiramente curvados para baixo ou reto. Era mais leve que a francesa com cerca de 900 g. Era também mais comprida. (Amplio medieval OF – Disponível em: < <https://breverpg.weebly.com/lacircminas-sem-haste.html> > Acesso em: 19/02/2019).

¹²⁰Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788). A carreira de Buffon centrava-se em um único e enorme projeto: uma enciclopédia que ele chamou *Histoire Naturelle*, na qual ele planejava que tivesse tudo que era conhecido na sua época sobre o mundo natural. Para criá-la, ele foi capaz de desenhá-la a partir de sua própria experiência surpreendente, que ia da anatomia a botânica, assim como o conhecimento de outros especialistas que ele consultou. Mas para escrever sua enciclopédia ele não se limitou apenas a repetir as opiniões de outros, ao contrário, ele tentou explicar todos os fatos que havia acumulado com teorias abrangentes sobre o planeta e seus habitantes. Buffon conseguiu publicar apenas 36 dos 50 volumes do seu projeto antes de morrer. (Disponível em: < <http://www.ib.usp.br/evosite/history/oldearth.shtml> > Acesso em: 22/02/2019).

pão francês que conhecemos atualmente), até os maiores que seriam consumidos por mais pessoas.

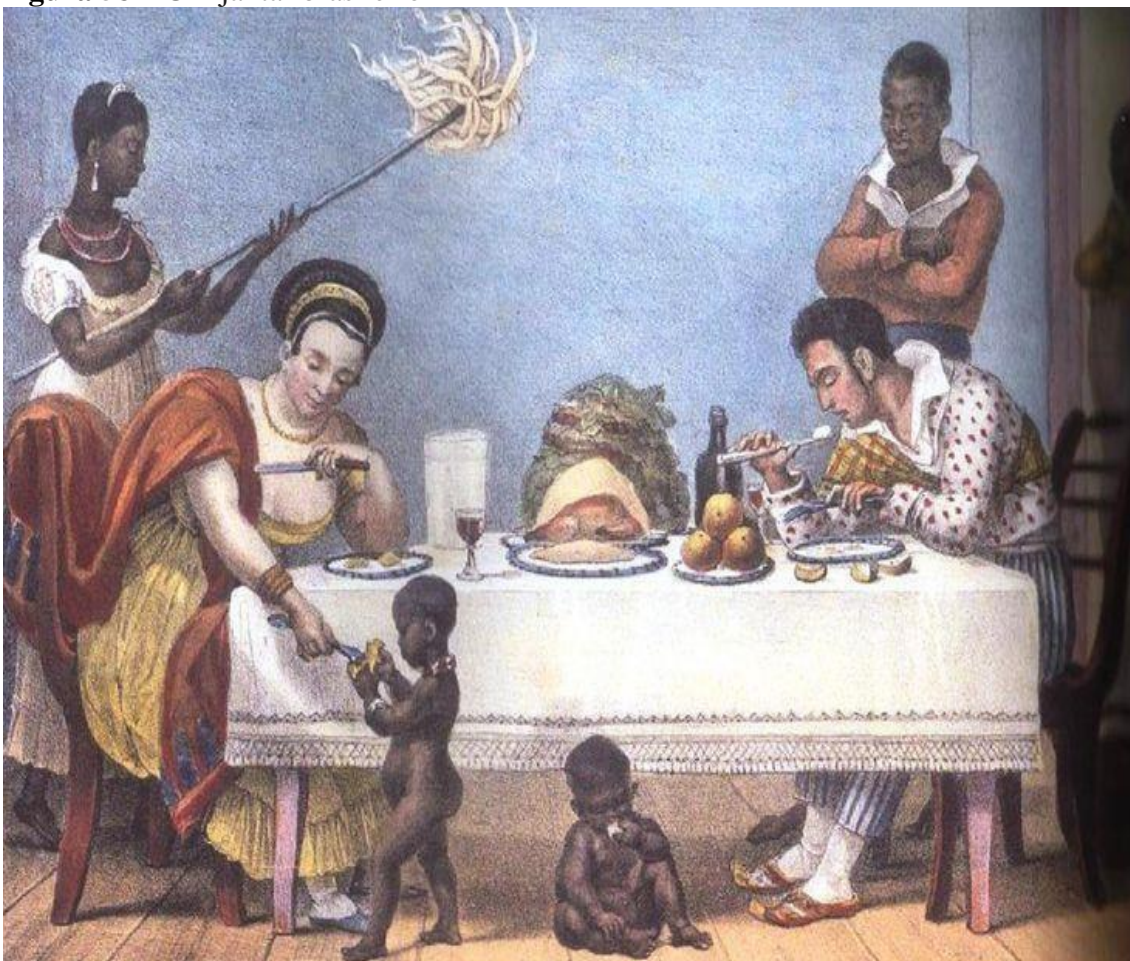
Nem só roupas, acessórios, objetos para casa, comidas e bebidas francesas apareciam nos anúncios da *Gazeta*, pois como o modelo francês estava muito em voga, também a língua francesa precisava ser aprendida para dar mais refinamento às pessoas de bom gosto e educação, por isso professores de francês ofereciam seus préstimos.

Temos por exemplo, Mr. Chabry que no dia 1º de abril de 1818 comunicou à todas pessoas que quisessem aprender a ler, falar e escrever a língua francesa, que dava aulas em sua casa, na rua da Barreira de Santo Antônio Nº 6. Os encontros seriam todos os dias, sendo o turno da manhã, das 8 às 10 horas, e turno da tarde das 15 às 17 horas. O preço era de 10 patacas¹²¹ por mês. No mesmo anúncio Mr. Chabry também se dispunha a dar aulas particulares na residência dos alunos, mas não colocou o valor dessas aulas individuais, que com certeza seriam mais caras, dado a exclusividade. Observamos ao relacionarmos os anúncios da modista madame Chabry e Mr. Chabry que os dois possuem o mesmo sobrenome e atendem no mesmo endereço, configurando algum grau de parentesco entre os dois ou que poderiam ser casados. Isso confirma para nós que vários membros de uma família de imigrantes aproveitavam seus talentos para ganhar a vida em uma cidade onde seus habitantes estavam sedentos por novidades e conhecimentos.

Buscando pensar a relação entre os produtos franceses anunciados na Sessão de Avisos da *Gazeta* e seu uso pelos habitantes da cidade, escolhemos algumas telas de Jean-Baptiste Debret, um dos principais membros da Missão Artística Francesa que veio para o Brasil em 1817, amparada por d. João VI. A escolha de Debret se deu porque, suas telas de variados temas traziam desde cenas da alta sociedade, como também de negros e índios. Mas o que nos importa aqui são cenas em que aparece uma interpretação da estrutura da sociedade brasileira do século XIX.

¹²¹As moedas eram de 20, 40, 80, 160, 320 e 620 réis. O valor de 320 réis era de uma Pataca. Pesava 8,96 gramas em média, com teor de prata de 917 por mil. De 1810 a 1834 foi também cunhada outra moeda de prata que valia 960 réis ou 3 patacas – o chamado patacão.

Figura 58 – Um jantar brasileiro



Aquarela 15,7 x 21,9 cm - Museu da Chácara do Céu - Santa Teresa - RJ
Disponível em: <http://idd.org.br/acervo/obra-o-jantar/> Acesso: 20/02/2019

Para a tela “Um jantar brasileiro”, ressaltamos as roupas da senhora e os artigos colocados na mesa. Reparemos que mesmo em casa, a senhora está bem vestida, de forma discreta, mas já usa joias, adereço no cabelo e xale. Também usa sapatos e meias, contrastando com o marido que está bem mais à vontade. A mesa também está posta com pratos finos, talhares e taças, produtos que poderiam ser comprados em lojas ditas francesas.

Figura 59 - Desembarque da Princesa Real



Desembarque da Princesa Leopoldina, 1817. Museu da Chácara do Céu -Santa Tereza - RJ
Disponível em: <https://rainhastragicas.com/2012/09/08/d-leopoldina/jean-baptiste-debret-estudo-para-desembarque-d-d-leopoldina-no-brasil-oleo-sobre-tela-445-x-695-cm/> Acesso em: 20/02/2019

Neste detalhe da obra “Desembarque da Princesa Real” (1817) observemos as ricas senhoras que se encontram próximas a princesa, como usam uma variedade de acessórios, joias e vestidos bem elaborados na última moda. Os penachos na cabeça fazem parte de todos os trajes das senhoras inclusive da princesa Leopoldina, que por sua vez, traja um belo vestido branco, ricamente bordado. Os homens na cena também estão vestidos impecavelmente com seus uniformes de gala.

Portanto, Debret ao pintar as cenas das famílias mais nobres nos traz muitos detalhes e elementos da moda em voga no Brasil. Se com a abertura dos portos a

Inglaterra obteve a preponderância nas exportações para o Brasil, após a queda de Napoleão, os produtos franceses se tornaram a menina dos olhos das pessoas elegantes da fina sociedade carioca.

3.2 Os anúncios do negociante Carlos Durand

Dentre todos os anúncios que indicavam o nome do comerciante, o francês Carlos Durand obteve destaque na venda de artigos franceses caros e que traduziam elegância e sofisticação aos indivíduos da recém inaugurada corte do Brasil. Carlos Durand publicava regularmente na *Gazeta*, contudo, ressaltamos que nas pesquisas efetuadas não encontramos muitas informações biográficas a respeito dele, porém, vamos nos ater nas suas publicações periódicas na Seção de Avisos da *Gazeta*.

Vamos lançar mão do que escreveu a historiadora Lucia Maria Bastos P. das Neves (2002) em seu trabalho *Livreiros Franceses no Rio de Janeiro 1799-1824*¹²², onde a autora nos fala que Durand estava ligado ao mercado de livros e ao comércio de luxo. Diz-nos que Durand era solteiro, natural da Normandia, e que embarcou da Holanda para o Brasil, e estabeleceu sua casa de negócios em 1816. Coloca que, aparentemente, deixou o Rio de Janeiro em 1821 se transferindo para Ubatuba. Durand apresenta-se como nobre se valendo da condição privilegiada que gozavam os livreiros e editores na sociedade de Portugal. Também se dedicava ao comércio de grandes volumes, envolvendo grande capital. Segundo Lucia Bastos, o comerciante enfrentou vários problemas com a censura, pois vendia basicamente livros franceses. Entre as obras proibidas que vendia estavam os escritos de La Fontaine, História Natural de Buffon e as Cartas de Grimm.

Para Nizza da Silva¹²³, Durand era o comerciante que mais gastava com publicidade na *Gazeta*. Pois era raro o número que não trouxesse um anúncio seu, sempre variando a enumeração das mercadorias à venda. Fala-nos que, em 1819, dada a grande quantidade de mercês de ordens honoríficas concedidas pelo monarca no Rio de Janeiro, ele entrou também nesse tipo de comércio e passou a vendê-los.

Em 4 de dezembro de 1816, Durand anunciava:

¹²²NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das. *Livreiros Franceses no Rio de Janeiro 1799-1824*. X Encontro Regional de História –ANPUH – RJ. História e Biografias - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - 2002.

¹²³SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *A Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1822): Cultura e Sociedade*. EdUERj, Rio de Janeiro, 2007, p. 41.

Figura 60 – Gazeta do Rio de Janeiro 4 de dezembro de 1816

Em casa de Carlos Durand, na rua do Ouvidor, N.º 28, primeiro andar, acha-se hum sortimento de candeeiros austraes de gosto novo, entre os quaes alguns muito ricos; caffeteiras para fazer caffè em hum minuto; coletes para senhoras; barbas de baleia; chapéos de palhinha branca d'Italia armados com pluma ou flores, vindos de Paris a 6:400 réis; e outras fazendas Francezas de bom gosto, e por preço muito commodo. O mesmo tem os livros seguintes: *Viagem Pittoresca á França, á Suissa, &c.*; *Processo de Bonaparte*; *dos Marechaes e Generaes de França*; *dos Inglezes com o retrato de M.^{me} Lavalette*; *o testamento de Luiz XVI*; *Catastrophe do Fogo*; *A Rainha de Napoles*; e outras muitas obras modernas. — Vinagre de quatro ladrões, vinagres concertados para fazer xaropes, &c, penachos de todas as cores, e hum vestido completo de corte muito rico para homem, e luvas de seda branca e preta para homens e senhoras.

Seguindo o formato de todos os anúncios da Seção de Avisos, a publicação acima mistura vários itens, sem seguir uma ordem de coisas, deixando a publicação entremeadada de artigos diferentes. Aparecem para venda Candeeiros¹²⁴ de gosto novo, o que se entende ser do mais recente modelo, salientando que entre eles há alguns muito ricos, portanto, caros. Uma novidade eram as cafeteiras para fazer café em um minuto¹²⁵; além de barbas de baleia¹²⁶, chapéus de palhinha branca italianos, com plumas e flores vindos de Paris, já com o valor descrito; e fazendas de bom gosto por preços razoáveis. Logo em seguida vem uma descrição de livros: Viagem Pitoresca a França, a Suíça; Processo de Bonaparte, dos Marechais e Generais da França, dos ingleses com o retrato de Madame Lavalette, o testamento de Luiz XVI; Catástrofe do Fogo; a Rainha de Nápolis; e outras obras modernas. Depois da descrição dos livros, retoma sobre as mercadorias oferecendo vinagres, penachos de todas as cores, traje completo para homem, e luvas de seda para homens e senhoras.

Fazendo aqui um parêntese, antes de nos debruçarmos nas outras publicações de Durand, vamos usar o artigo de Carolina Morgado Pereira¹²⁷, onde ela nos chama a atenção para o fato de que a moda é determinada com “o uso, o hábito ou o estilo geralmente aceitos, que é variável no tempo, e que é resultante de determinado gosto, ideia ou capricho e das influências do meio” citando Ferreira, 1993, p.933. A autora comenta que essa definição é direcionada para o uso habitual, ao propor que as

¹²⁴Abajur

¹²⁵O consumo de café foi trazido para Europa pelos turcos que chegaram a Veneza no final do século XVII. Eles já tinham o hábito de tomar café, porém era feito por infusão, jogava-se água fervente em um recipiente onde continha café moído. A partir daí também foi apreciado pela população local. Sendo que o gosto não agradava a todos, foram buscadas novas formas de preparar o produto, dando melhor sabor. No final do século XVIII, François Antoine Descroisilles, farmacêutico francês, inventou a cafeteira, que possuía dois recipientes separados que permitia que um filtro ficasse entre a água e o café. Alguns anos mais tarde, Antoine Cadet de Vaux, químico francês, inventou a cafeteira de porcelana. Disponível em: <www.marcoffee.com.br/a-invencao-da-cafeteira.php>. Acesso em: 10/01/2019

¹²⁶Eram usadas na construção de guarda-chuvas e nas cintas e corpetes das mulheres.

¹²⁷PEREIRA, Carolina Morgado. *O Vestuário e a Moda: e suas principais correntes teóricas*. Revista Moda Palavra e Periódico vol. 8, n. 15, jan/jul. 2015.

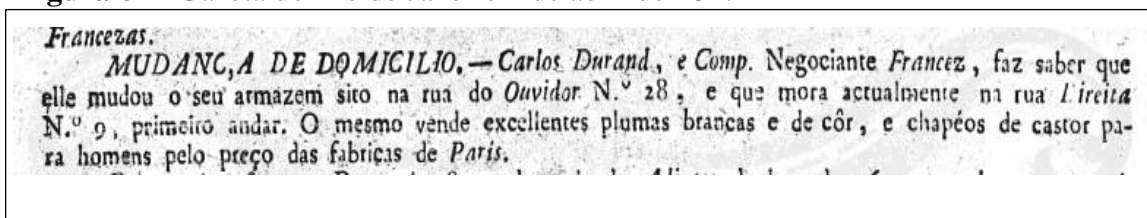
mudanças de gosto são influenciadas pelos meios sociais. Cita também outra definição encontrada no Dicionário Houaiss¹²⁸: “[...] maneira, gênero, estilo prevalente (de vestuário, conduta, etc.); conjunto de opiniões, gostos e apreciações críticas, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos, aceitos por determinado grupo humano num dado momento histórico [...]”.

Pensando sobre essas definições e no momento histórico em que o Brasil e especialmente a cidade do Rio de Janeiro atravessavam, observamos que, esses anúncios de artigos publicados pela casa de comércio Durand, faziam parte de uma demanda por mercadorias importadas, que passaram a chegar após a abertura dos portos. Nesse turbilhão de acontecimentos em que a colônia se viu recebendo pessoas e mercadorias de todas as partes do mundo, outros costumes e modas passaram influenciar seus habitantes. Assim, o comércio colocou à disposição, pelo menos para as pessoas mais favorecidas, uma gama enorme de mercadorias.

Na publicação de 1º de fevereiro de 1817, é informado que o Brigue francês *Iphigenia* está de partida para o Havre¹²⁹, comunicando para quem se interessar em enviar mercadorias ou ir de passagem, pode, entre outras opções, procurar a casa de comércio de Carlos Durand. Como o comerciante é desta região da França, podemos pensar que ele poderia ter alguma ligação com esse comércio.

No dia 2 de abril de 1817, Carlos Durand informa na Seção de Avisos, que mudou seu domicílio da rua do Ouvidor para rua Direita. Não sabemos por que ele fez essa mudança, qual o motivo para que ele transferisse sua loja, o certo é que ele trocou um endereço que já era, de certo modo, famoso por ter mercadorias francesas, para outro que talvez não tivesse tanto glamour. No mesmo anúncio divulga suas mercadorias que continuam as mesmas da rua do Ouvidor.

Figura 61 - Gazeta do Rio de Janeiro 2 de abril de 1817



¹²⁸Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa é um dicionário de língua portuguesa elaborado pelo lexicógrafo brasileiro Antônio Houaiss.

¹²⁹Deve tratar-se de Le Havre, cidade da região da Alta Normandia, França.

Outro anúncio alguns meses depois, em 4 de junho de 1817, traz ricas mercadorias chegadas de Paris. São vestidos e coletes bordados, vestidos bordados em ouro e de cauda, xales de seda do “último gênero”, joias, flores, guarnições de vestidos bordadas de prata, e continuando o formato das publicações ainda anunciava as espingardas de caça de 1 e 2 tiros, panos finos e pastéis de perigueux sempre terminando com as palavras “tudo pelos preços mais cômodos”. São todos artigos parisienses, o que por si só, já é sinônimo de última moda e sofisticação.

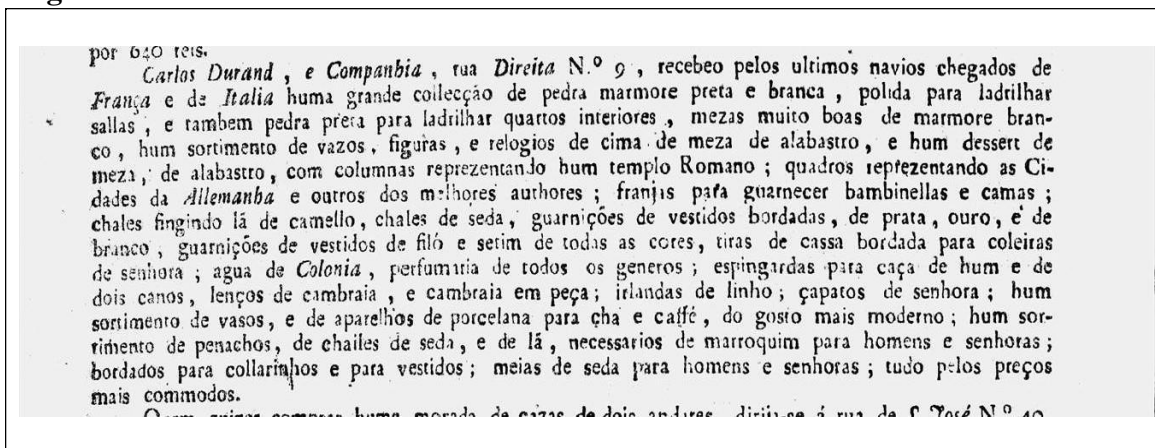
Os vestidos bordados de ouro ou guarnições bordadas de prata não saíam a preços baixos¹³⁰ e foram importantes para designar o papel e posição social de cada um na sociedade. As roupas da moda que eram consideradas as mais sofisticadas e elegantes vinham de Paris, os vestidos eram compostos por muitas peças e ornamentos. Portanto a moda dominante vinha da França, mas a moda inglesa vinha dar um contraponto, sendo um estilo mais alternativo, pois as roupas inglesas comparadas as francesas eram mais funcionais. No Brasil joanino, além dos comerciantes franceses que trabalhavam com moda, também havia uma enxurrada de modelos ingleses. Segundo Paula Rueda (2019), “a Inglaterra era reconhecida pelo uso do paletó ajustado que compunha um conjunto com a saia, o que indicava que na Inglaterra a imagem da mulher era mais alternativa que a da França.”

Continuando a observar os anúncios de Durand, em 2 de agosto de 1817 ele procura quem tenha um carrinho para vender, não coloca maiores detalhes sobre o objeto, não sabemos que tipo de carrinho seria, possivelmente uma espécie de carruagem pequena, e também procura uma escrava com ofício de costureira, e aí também não sabemos se ele pretende comprar a escrava ou alugar de algum senhor que tenha escravos com ofícios para fazer este negócio. O certo é que ele necessita de uma profissional da costura para trabalhar em sua loja, para confeccionar roupas ou fazer ajustes nas roupas de seus clientes.

Em setembro de 1817, ele fez um grande anúncio em que podemos perceber que há uma enorme variedade de artigos, desde pedras de mármore pretas e brancas para ladrilhar salas e quartos, desta vez além de vindas da França também da Itália; móveis; peças de decoração; perfumes, aparelhos de chá e café; vestuários para homens e mulheres, até espingardas para caça de um e dois canos.

¹³⁰Paula Rueda. *O Mundo Vestido*. Disponível em: <https://omundovestido.wordpress.com/category/historia-da-indumentaria/> Acesso em: 14/01/2019

Figura 62 - Gazeta do Rio de Janeiro 3 de setembro de 1817



Com relação às pedras de mármore pretas e brancas anunciadas por Durand, para decoração de salas e quartos, vamos considerar o estudo de Ana Maria Pessoa dos Santos.¹³¹ A autora coloca que, a cidade do Rio de Janeiro, desde século XIX, enquanto capital do império português, foi inserida no sistema internacional de gostos e modas que vinham dos países europeus, em especial a França e Inglaterra, e depois seguida por outras partes do Brasil. Tudo isso teve como resultado novos padrões na arquitetura, paisagismo e decoração dos interiores por suas elites. Ela ainda nos diz que essa mudança seguiu uma hierarquia na sociedade, que a princípio incorporada pelos segmentos sociais e economicamente abastada foi paulatinamente seguido pelos demais segmentos sociais.

Para Moreira Puttini e Sônia Marques¹³², era muito comum no século XIX encontrar casas brasileiras com decorações de modelos europeus, devido ao apogeu das importações (como podemos constatar através dos anúncios de Durand a grande quantidade de artigos importados para este fim). Deste modo, havia salas que apresentavam paisagens europeias e algumas chegavam a ser construídas como na Europa. Os autores, citando Freire, colocam que “as mesas faziam às vezes das chaminés das casas da Europa, eram nelas que se colocavam os castiçais com as mangas de vidro, as serpentinas, os relógios”, “nas casas mais elegantes rebrilhavam os lustres”.

¹³¹SANTOS, Ana Maria Pessoa dos. *As Artes Decorativas no Rio de Janeiro do Séc. XIX: um panorama*. Disponível em: <www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/artigos/as_Artes_Decorativas_no_Rio_de_Janeiro_do_Sec_XIX.pdf>. Acesso em: 15/01/2019

¹³²Moreira Puttini, Ustane; Marques Antunes Ribeiro, Sônia. *Os ambientes quarto e sala na morada brasileira; uma trajetória do século XVI ao XXI*. Disponível em: <fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/vista/detalle_articulo.php?id_articulo=5884&id_libro=16> Acesso em: 15/01/2019.

Neste outro grande anúncio de 3 de janeiro de 1818 novamente muitas mercadorias foram divulgadas. Os vestidos bordados a ouro e prata “no último gosto” continuavam a ser anunciados, bem como os acessórios que compunham o visual de uma mulher elegante da época. Aparelhos de chá e de café aparecem no meio da lista de descrição dos vestuários. No anúncio não é mencionada a origem dos aparelhos, no entanto, como a casa de Carlos Durand vende na sua maioria produtos franceses, podemos supor que se trate de aparelhos vindos da França. Não fica bem claro se são de porcelana ou outro material, como a prata, pois logo a seguir da descrição vem “vasos em porcelana”, que pode ser só os vasos ou também os aparelhos de chá e café.

Além de todos esses artigos há lavatórios, toucadores completos para senhoras, velas e facas com acabamentos requintados, jogos para mesa de 12 a 25 talhares. Neste anúncio além do endereço na rua Direita nº 9 já conhecido, há outro da rua do Ouvidor em que se vendem louças pintadas representando monumentos de Roma, Paris e outras cidades da França. Nesta mesma loja do Ouvidor também são vendidos livros com as fábulas de La Fontaine¹³³ e Florian¹³⁴, e retratos de figuras famosas, como os imperadores romanos e “outros sujeitos interessantes”.

Em 3 de outubro de 1818 Durand anuncia uma carruagem à Daumont que recebeu de Paris, “feita no último gosto” e carrinhos para um e dois cavalos, “feitos com a maior perfeição”. Completa o pequeno anúncio a propaganda habitual de artigos de moda. Outro anúncio de diversas linhas foi veiculado em 3 de abril de 1819 dando seguimento as propagandas da Loja de Durand:

Carlos Durand e Cia, rua Direita, Nº 9, acaba de receber de França um grande sortimento de plumas de avestruz, de todos os tamanhos e qualidades, de sabres e espadas bem douradas, vários objetos de prata para serviço de mesa, como colheres, garfos, açucareiros, saleiros, galhetas, cafeteiras, bules, etc.; de perfumaria de Paris de M. L’augiet e Pai e filho; de meias de seda branca superiores; de sarjas de lã e de seda de várias cores de gosto mais moderno para vestidos, e como nunca aqui apareceu; de chapéus de todas as

¹³³Jean de La Fontaine (1621-1695) foi poeta e fabulista francês, sua obra é composta por histórias, cujos personagens principais são animais, fizeram grande sucesso na França. Suas fábulas mais conhecidas são "A Lebre e a Tartaruga", "O Leão e o Rato", o "Lobo e o Cordeiro", e "A Cigarra e a Formiga", atribuída a Esopo, que foi recontada por La Fontaine. Disponível em: https://www.ebiografia.com/jean_de_la_fontaine/ Acesso em: 17/01/2019.

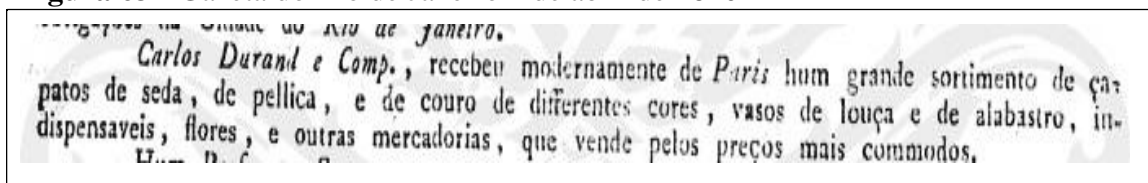
¹³⁴Jean-Pierre Claris de Florian (1755-1794) foi um poeta, teatrólogo e escritor francês. Além de suas popularíssimas fábulas, recontadas até hoje, na maioria dos países de cultura ocidental, Florian foi também responsável por alguns bons adágios que passaram a ser moeda corrente de linguagem na França e até no exterior. Entre eles está o que conhecemos no Brasil: *Ri melhor quem ri por último*. Disponível em: <https://peregrinacultural.wordpress.com/2010/10/18/os-dois-leoes-fabula-de-florian/> Acesso em: 17/01/2019.

*qualidades e de todos os feitios; toucas feitas e por fazer: veludo preto de Lyon superfino; palha para chapéus; renda de seda pretas e brancas da famosa fábrica de Chantilly; plumas e penachos pretos, guarnições de vestidos de todas as qualidades; sedas da última moda e de todas as cores; espigas de trigo, flores de cetim, fumos e outros artigos para luto xales de algodão branco; tudo pelos preços mais cômodos. Também se acha na mesma casa um grande sortimento de crachás da Ordem de Cristo, de Aviz e da Torre e Espada.*¹³⁵

Aqui, entre muitos outros artigos, ele descreve “rendas de seda pretas e brancas da famosa fábrica de Chantilly”. Atualmente a renda Chantilly é muito usada para confecção de vestidos de noivas, e o nome veio pela sua origem, da região de Chantilly na França, “uma renda bastante feminina, leve e delicada”.¹³⁶ Na França “os trajés, tanto das damas quanto dos cavalheiros, costumavam ser decorados com rendas, de preferência de Chantilly ou Bruxelas, porque são mais dóceis e mais fáceis de trabalhar”.¹³⁷ O comerciante também menciona serviço de mesa em prata, denotando o quão são caros seus produtos, e os preços cômodos que ele sempre coloca no final de seus anúncios, aliás, que a maioria dos comerciantes colocam, naturalmente não são para pessoas comuns, mas sim para a elite que usaria colheres, garfos, saleiros, etc. em prata. Ressalta também que as sedas de várias cores para vestidos são especiais, pois afirma que artigos como esses “por aqui nunca apareceu”.

Um pequeno anúncio em 1º de abril de 1820 anunciava sapatos de seda, de pelica e de couro de variadas cores, vasos de louças e alabastro, e também as flores para comporem o arranjo:

Figura 63 - Gazeta do Rio de Janeiro 1 de abril de 1820



¹³⁵ Hemeroteca digital. *Gazeta do Rio de Janeiro*, Nº 27, sábado 3 de abril de 1819.

¹³⁶ Disponível em: <<https://www.enoivado.com.br/vestidos-de-noiva/descubra-o-tecido-ideal-para-seu-vestido-de-noiva>> Acesso em: 14/01/2019.

¹³⁷ Fernanda Blondet Flores. *A Paixão pela Moda na Era de Maria Antonieta*. Disponível em: <<https://blograinhasmalditas.wordpress.com/2017/11/29/modafrancesa/>> Acesso em: 17/01/2019.

Como Natalie Rodrigues Alves Ferreira de Andrade¹³⁸ nos diz, a partir da vinda da corte para o Brasil, a “boa sociedade” tem acesso quase simultaneamente às novidades estrangeiras. Neste cenário, seus membros exibiam-se em espaços públicos, bailes e teatros, usando “o que havia de mais parecido com as novidades parisienses” pois queriam igualar-se à burguesia europeia e à aristocracia portuguesa. Os sapatos femininos são objetos de consumo massivo, porém ressalta que estes calçados não eram adquiridos pela população em geral, mas por uma parcela da sociedade com maior poder aquisitivo e que moravam em regiões urbanas.

Era habitual fazer parte dos anúncios da *Gazeta* uma menção a data e de como as mercadorias chegavam às lojas, e Durand usava esse subterfúgio para valorizar a curiosidade dos clientes, quando mencionava “acaba de receber pelo último navio chegado de França”, isso reforçava o caráter de novidade e última moda, embora as mercadorias possam ser as mesmas já vendidas em seu estabelecimento comercial.

Para finalizar, vejamos esta publicação de 3 de maio de 1820:

Carlos Durand e Comp., na rua Direita Nº 9, acaba de receber de Paris um belo sortimento de vestidos de filó bordado de ouro e prata, redondos , e de cauda, vestidos de cetim bordados de ouro e prata, igualmente redondos e de cauda, capas de cetim bordadas de prata, mui belas rendas de corte de ponto de prata, vestidos de cetim bordados, penachos para chapéus de Corte, plumas e penachos de todas as cores; lenços de cambraia bordados; cambraias finas, sapatos de seda de todas as cores; flores; crachás de Cristo e da Conceição; um belo sortimento de bijuteria verdadeira e falsa; lenços de Rouen para tabaco; vasos de louça; móveis como cômodas, secretárias, mesas de chá, e de jogo, e outras fazendas.¹³⁹

Podemos verificar que o anúncio mais uma vez traz propaganda de vestuários e acessórios finos, onde a descrição “vestidos de filó bordado de ouro e prata, redondos, e de cauda, vestidos de cetim bordados de ouro e prata, igualmente redondos e de cauda” nos remete a essa conclusão, e Durand continua lançando mão de expressão para denotar que os vestuários são de última moda, quando sinaliza que “acaba de receber de Paris”.

As mulheres europeias usavam luvas longas para se protegerem quando os vestidos eram de mangas curtas, o frio era um problema quando usavam vestidos de

¹³⁸Natalie Rodrigues Alves Ferreira de Andrade. *O Design de Moda e o desenvolvimento dos calçados femininos no polo de Franca – SP*. Dissertação de Mestrado em Design, São Paulo, 2012, 212 p.

¹³⁹Hemeroteca digital. *Gazeta do Rio de Janeiro*, Nº 36, quarta-feira 3 de maio de 1820.

tecidos leves, o que nos faz pensar que para as mulheres dos trópicos, isso não seria nenhum problema, mas mesmo assim, na busca da imitação perfeita, os adereços como luvas longas eram usados. Os decotes dos vestidos que deixava o colo a mostra, quer fossem quadrados ou em V, levaram à moda dos xales, acessório que vai ser usado em todo século XIX.¹⁴⁰ Tudo que a loja de Durand vendia eram símbolos de última moda, tais como os adornos em geral. Joias como relicários, pulseiras, broches, laços, babados, fitas, flores, chapéus de palha ou cetim, os sapatos de salto baixo e o leque, que era um acessório indispensável.

Ao analisarmos a descrição das mercadorias de Durand, percebemos como esse período de transformações na cidade do Rio de Janeiro, seguido pelo Brasil inteiro, especialmente nos centros urbanos, foi representado pelo vestuário e artigos diversos que empoderavam os indivíduos na busca da imagem europeia de etiqueta, requinte e sofisticação.

Não podemos negar que os franceses deixaram suas marcas no Brasil do século XIX, mesmo que economicamente não fossem a principal referência. No aspecto cultural, “Vestir-se à moda de Paris, viajar à França para complementar a formação intelectual, ou meramente consumir tudo o que vinha de lá tornaram-se imperativos, pelo menos para as classes mais abastadas do período, para que o desejo de civilização tão caro ao século XIX se mantivesse vivo”.¹⁴¹

Terminamos aqui o terceiro e último capítulo desse trabalho, onde procuramos demonstrar a influência da moda francesa na corte. Tal aspecto pode ser percebido através dos produtos variados oferecidos, dos mercadores, das modas, etc. Contudo, nem toda a população estava apta a consumi-los ou aderir as modas francesas. Acreditamos que através das figuras e transcrições dos anúncios colocados aqui no presente capítulo, pudemos ser mais fiéis a esse momento em que a população do Rio de Janeiro se viu às voltas com tantas inovações e mercadorias a serem consumidas. Não só nas vestes, mas nos comportamentos, pois os objetos usados na casa, na mesa, no corpo, auxiliavam numa verdadeira revolução de costumes.

¹⁴⁰Ministério da Educação Secretaria de Educação Média e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina Campus Araranguá. *História da Indumentária*. Apostila de Projeto de Coleção Desenvolvida pela Prof. Ursula de Carvalho Silva. 2ª Edição Disciplina de História da Indumentária do Curso Técnico em Moda – Estilismo. Araranguá, 2009.

¹⁴¹BARBATO, Luis Fernando Tosta. *As novas ideias que vinham de Paris: a imprensa francesa no Brasil Oitocentista e a Revue des Deux Mondes*. MÉTIS: história & cultura v. 13, n. 25. 179. Disponível em: www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/2507/pdf_279 Acesso em: 19/01/2019

Tudo isso nas entrelinhas dos anúncios, todo o movimento dessas personagens perpassando pela Seção de Avisos da *Gazeta do Rio de Janeiro*, um periódico dito oficial, mas reparando bem, não tão oficial assim, pois ele nos conta muitas histórias.

CONCLUSÃO

A *Gazeta do Rio de Janeiro* durante todo tempo de sua circulação esteve a serviço da Coroa. Surgiu na sequência da inauguração da Imprensa Régia, pois o governo joanino necessitava de um veículo de comunicação com seus súditos e a *Gazeta* cumpriu esse papel ao longo dos anos de sua circulação. Desde sua criação, foi criticada por alguns de seus contemporâneos, como por exemplo, o redator do *Correio Braziliense*, Hipólito José da Costa. Além disso, sofreu influência direta da *Gazeta de Lisboa*, jornal oficial da capital de Portugal. Seus redatores foram homens ligados ao governo, e embora sejam perceptíveis os traços de cada um deles nas edições do jornal, como procuramos demonstrar, ainda assim, o favorecimento do governo português se manteve durante todos os anos de circulação. Logo após sua inauguração até o término das guerras napoleônicas, foi uma importante via de notícias do que estava acontecendo no continente europeu para a corte portuguesa, recém-chegada ao Rio de Janeiro, e também para as pessoas letradas e não letradas que moravam na cidade, pois muitos conteúdos lidos circulavam posteriormente no boca a boca.

As traduções feitas pelo redator dos jornais estrangeiros, a escolha das notícias, as notas publicadas sobre as realezas no estrangeiro e no Brasil, além das notícias locais e de outras províncias brasileiras que convinham a Coroa eram estampadas nas páginas da *Gazeta*. Se no início da circulação, as guerras napoleônicas ocupavam quase todo o espaço do jornal, no final do período de existência, as sessões das cortes de Lisboa tomavam muitas páginas.

Além das notícias que trazia para a população interessada no que acontecia no estrangeiro e em outras províncias do Brasil, a *Gazeta* era de utilidade pública, pois anunciava de tudo. Suas publicações na última página se misturavam, aparecendo em seus anúncios o movimentar dos diversos tipos de transações comerciais e negociações da cidade.

No segundo capítulo deste trabalho, procuramos fazer uma prosopografia do jornal e discorreremos sobre os vários tipos de publicações que, frequentemente, apareciam na Seção de Avisos. Eram reclames de pessoas que lançaram mão do jornal para anunciarem o que quer que fosse, alcançando um público jamais visto na capital da corte. Esse alcance era ainda maior se considerarmos que o periódico era enviado para outras províncias e para Portugal. Assim, os anúncios e as notícias atravessavam o

Oceano e alcançavam lugares jamais imaginados, através desse veículo de comunicação.

O público anunciante também foi pensado. Havia os que anunciavam esporadicamente e os que rotineiramente faziam isso, sendo os comerciantes e homens de negócios os que mais utilizavam esse meio para fazer propaganda de seus produtos.

A diversificação dos produtos foi uma característica da seção estudada. Tinha de tudo e os leitores, por certo, já estavam acostumados a procurarem entre os anúncios os que lhes interessavam.

Por fim, no último capítulo, fizemos uma análise mais verticalizada e elegemos os anúncios colocados por comerciantes franceses ou de produtos franceses. Tal recorte permitiu percebermos que quem tinha algum vínculo com a França, sendo dessa nacionalidade ou não, tirou bom proveito do “modismo”, da influência francesa e suas maneiras importadas. Os anúncios deixam entrevermos que falar a língua francesa, vestir-se como os franceses, consumir bebidas e comidas francesas, tudo isso era considerado o ideal de etiqueta e comportamento entre as pessoas finas.

Mencionamos alguns comerciantes que se destacaram no comércio desses produtos importados da França, pois se dedicaram a venda desses sofisticados artigos, que mencionavam “ter recentemente chegado de Paris”, sim, porque ao mencionar a capital da França, os artigos já ganhavam maior requinte, e isso bastava para adquirir a preferência das pessoas de bom gosto da época.

Podemos afirmar que os anúncios veiculados na *Gazeta do Rio de Janeiro* contribuíram em grande escala para a propagação desses produtos franceses que inundaram a cidade do Rio de Janeiro após 1815, e de certo modo, se não fosse por essa “mídia” do tempo joanino, as lojas de mercadorias francesas não fariam tanto sucesso.

Não sabemos se as senhoras elegantes que compravam esses artigos de luxo, como os vestidos, joias, acessórios, eram leitoras da *Gazeta*, pois as fontes não nos permitem verificar. Mas, podemos afirmar que, de uma maneira ou de outra, a propaganda surtia efeito, visto os comerciantes apostarem nessas publicações na Seção de Avisos do periódico e, inclusive, repetirem suas publicações.

Nosso objetivo nessa dissertação, além de analisar e discorrer sobre os anúncios, foi mostrar como essa publicação contribuiu fortemente para levar tudo que era negociável na praça do Rio de Janeiro ao conhecimento de um público alvo. Que as pessoas interessadas em negociar qualquer tipo de coisas, tanto as que queriam vender, como as que queriam comprar, usavam os anúncios. Os avisos também levaram ao

conhecimento dos leitores de livros, todos os lançamentos em primeira mão. Depois da inauguração da *Gazeta*, procurar um escravo fugido, ou vender e alugar escravos ficaram mais fáceis. O senhor dos escravos tinha no jornal um aliado leal, pois ele, no caso de fuga, conseguia descrever detalhadamente seu escravo, oferecer recompensas e passar seu endereço ou de um lugar de sua confiança para a entrega do fugitivo. Quem prestava serviços usou largamente a Seção de Avisos para propagandear sobre seus atributos profissionais, seja para dar aulas, consertar coisas, etc. A publicação de anúncios no periódico facilitou a vida de diversos profissionais, como os que cuidavam de bens de pessoas falecidas, testamentos, sociedades comerciais, etc. Quem quisesse comunicar ao público em geral ou ao um público específico, qualquer tipo de esclarecimento ou explicação, também encontrava na Seção de Avisos um forte aliado.

Deste modo, acreditamos que no período recortado, de 1808 a 1821, a *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o jornal que mais contribuiu para a divulgação das publicações relacionadas a negócios e prestação de serviços na praça do Rio de Janeiro.

FONTES

ARMITAGE, John. História do Brazil, desde a chegada da real família de Bragança em 1808, até a abdicação de D. Pedro I em 1831. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (vii, 323 p., retr.)
Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4972>>

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

BLUTEAU, Rafael. Dicionário da Língua Portuguesa, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. Tomo Primeiro. Lisboa, na oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em:<<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5412>>. Acesso em: 19/06/2018

GAZETA DE LISBOA. Hemeroteca Digital, Hemeroteca Municipal de Lisboa. Disponível em: <hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetadeLisboa/GazetadeLisboa.htm>

GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

IDADE D'OURO DO BRASIL. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

BIBLIOGRAFIA

Livros, artigos, teses, dissertações:

ADÈLE TOUSSAINT-SAMSON Apud CINTRA, Mariana de Paula. Modas e Modistas: o comércio de roupas francesas no Rio de Janeiro na primeira metade do oitocentos. História por quê e para quem? XXII Encontro Estadual de História, Anpuh SP.

ANDRADE, Natalie Rodrigues Alves Ferreira de. O Design de Moda e o desenvolvimento dos calçados femininos no polo de Franca – SP. Dissertação de Mestrado em Design, São Paulo, 2012, 212 p.

ARAGÃO, Solange de. Ensaio sobre a casa brasileira no século XIX (livro eletrônico). São Paulo: Blucher, 2017. 2ª edição. 301 p.

ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de. O duplo cativo: escravos e prisões na Corte joanina (Rio de Janeiro, Ca. 1790-1821). Artigo extraído da dissertação de mestrado O Duplo cativo: Escravidão Urbana e o Sistema Prisional no Rio de Janeiro, 1790-1821, do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

BARROS, Jerônimo Duque Estrada. Antônio Isidoro da Fonseca, um impressor na América. XII Encontro Regional de História, ANPUH-RJ, 2006

CARDOSO, Tereza M. R. Fachada Levy. A Gazeta do Rio de Janeiro. Subsídios para a história da cidade (1808-1821). Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, ano 152, n. 371, p. 341- 436 abr./jun. 1991.

_____. As Aulas Régias no Rio de Janeiro: do projeto à prática, 1759-1834. História da educação. ASPHE/FaE/ UFPel, Pelotas (6): 105-130, out. 99.

COSTA, Hipólito José da Costa. Correio Braziliense ou Armazém Literário. Edição Fac-Similar Imprensa Oficial, p.393, 2001.

DELMAS, Ana Carolina Galante. “Do mais fiel e humilde Vassalo”: uma análise **das** dedicatórias impressas no Brasil joanino. 294 f. Dissertação de Mestrado, UERJ, Rio de Janeiro. 2008.

GILENO, Carlos Henrique. A Legislação Indígena: ambiguidades na formação do Estado-Nação no Brasil. Caderno CRH, Salvador, v.20, n.49, p. 123-133, jan./abr.2007.

MALERBA, Jurandir. A Corte no Exílio: Civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1821). São Paulo: Cia das Letras, 2000. 412 p.

MARQUES DE MELO apud MENDES, Jairo Faria; RABELO, Emane. A Censura no Período Colonial. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Impressa, integrante do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. A Gazeta do Rio de Janeiro e o impacto na circulação de ideias no Império luso-brasileiro (1808-1821). Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, SP, 2006.

_____. A Gazeta do Rio de Janeiro: o jornal oficial da Corte de D. João VI no Brasil (1808-1821). Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, Pós Com Metodista, a. 29, n. 49, p.27-41 2º sem. 2007.

MOLINA, Matias M. História dos Jornais no Brasil - Da era colonial à Regência (1500-1840) V. 1. Companhia das Letras, 2015. 444 p.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. Palavra, imagem e poder – o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003. 130 p.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P. Neves. Francisco Vieira Goulart: Entre as benesses do antigo regime e as conquistas liberais. Usos do Passado – XII Encontro Regional de História – Anpuh - Rio de Janeiro 2006.

_____. Livreiros franceses no Rio de Janeiro 1799-1824. X Encontro Regional de História –ANPUH – RJ. História e Biografias - Universidade do Estado do Rio de Janeiro -2002.

OLIVEIRA, Aline Cristina. Conexões culturais luso-franco-brasileiras: memória e representação na formação da imprensa no Brasil. Patrimônio e Memória, São Paulo, UNESP. v. 11, n. 2, p.120-174, julho-dezembro, 2015.

PENNA, Clemente. Comprar, vender e emprestar: o mercado informal de crédito na cidade do Rio de Janeiro, 1820-1870. XXVIII Simpósio Nacional de História- Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios - 27 a 31 de julho de 2015- Florianópolis SC

PEREIRA, Carolina Morgado. O Vestuário e a Moda: e suas principais correntes teóricas. Revista Moda Palavra e Periódico vol. 8, n. 15, jan/jul. 2015.

REBOUÇAS, Ângela Cláudia Rezende do Nascimento; BASTOS, Ana Karine Pereira de Holanda. Os Anúncios publicitários do Século XIX e XX: Tradições discursivas nos jornais o Recife. SINALGE, IV Simpósio Nacional de Linguagens e gêneros textuais.

REIS, Fernando José Egídio. Os Periódicos portugueses de Emigração (1808-1822) – As ciências e a transformação do país. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Doutor em História e Filosofia das Ciências, pela Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2007, 527 p.

SANTOS, José Mário Fidalgo dos. Lisboa e a Invasão de Junot: população, periódicos e panfletos (1807-1808). Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, FCSH – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2014, 154 p.

SCHULTZ, Kirsten. Versalhes Tropical–Império, monarquia e a corte real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 444 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil. SP: Cia das Letras, 2002. 608 p.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Cultura e sociedade no Rio de Janeiro: 1808-1821. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília, INL, 1977. 272 p. (Brasiliana, v. 363)

_____. A Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1822): Cultura e Sociedade. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007. 289 p.

SILVA, Ursula de Carvalho. Ministério da Educação Secretaria de Educação Média e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina Campus Araranguá. História da Indumentária. 2ª Edição Disciplina de História da Indumentária do Curso Técnico em Moda – Estilismo. Araranguá, 2009.

SOUZA, Arini Fernandes de. Teatro João Caetano conta sua história. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, n. 3, 2009, p. 181-197.

STUMPF, Roberta Giannubilo. Os provimentos de ofícios: a questão da propriedade no Antigo Regime português. Topoi (Rio J.) Vol. 15 no. 29 Rio de Janeiro July/Dec. 2014.

TENGARRINHA apud SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima, Portugal e Brasil: A Imprensa Literária e o início da Imprensa Ilustrada, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.2, 2007.

Livros e artigos em meio eletrônico:

BAHIA, Benedito Juarez. História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira, volume I, 5ª edição - Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. Disponível em: <<https://books.google.com.br>> Acesso em: 14/08/2018. p.16.

BARBATO, Luis Fernando Tosta. As novas ideias que vinham de Paris: a imprensa francesa no Brasil Oitocentista e a Revue des Deux Mondes. MÉTIS: história & cultura v. 13, n. 25. 179. Disponível em: <www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/2507/pdf_279> Acesso em: 19/01/2019.

BARBOSA, Marialva Carlos. A Gazeta e os sistemas de comunicação do Rio de Janeiro do início do século XIX. Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro. n.3, 2009, p.125-138. Disponível em: < [http:// wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/10/e03_a3.pdf](http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/10/e03_a3.pdf)> Acesso em: 12/07/2018.

BELO, André. A Gazeta de Lisboa e o terramoto de 1755: a margem do não escrito. Disponível: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Andre/andre.htm>> Acesso em: 19/06/2018.

BOAVENTURA, E M. A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afro descendência {online}. Salvador: RDUFBA, 2009. A educação brasileira no período joanino. pp; 129-141. ISBN Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

CAMARGO, Angélica Ricci. Mapa – Memória da administração Pública Brasileira- Impressão Régia. Ministério da Justiça – Arquivo Nacional. Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2733>>. Acesso em: 15/09/2015.

CAMARGO, 1993 *apud* Freitas, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. Disponível em: <revista.ibict.br/ciinf/article/view/1113/1243> Acesso em: 14/08/2018.

CARVALHO, Marina Hammes de. Moda Francesa como subsídio para Identidade Nacional e exemplo de Governança, 5ª ENP Moda, Encontro Nacional de Pesquisa em Moda. Disponível em: <<http://www.feevale.br/>> Acesso em: 12/02/2018

COSTIGAN, Lúcia Helena. A introdução da imprensa, a tragédia romântica no Brasil e suas conexões com Antônio José da Silva, O Judeu. Dossiê 200 Anos da imprensa no Brasil. Revista UFG, nº 5., p.48., Dezembro 2008, Ano X. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2008/pdf/07_Dossie7.pdf> Acesso em: 15/05/2015.

CRUZ, Maria Cecília Velasco e. O porto do Rio de Janeiro no século XIX uma realidade de muitas faces. Tempo 8 ago-1999 Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg8-7.pdf> Acesso em: 14/02/2019

FLORES, Fernanda Blondet. A Paixão pela Moda na Era de Maria Antonieta. Disponível em: <<https://blograinhasmalditas.wordpress.com/2017/11/29/modafrancesa/>> Acesso em: 17/01/2019.

GENESTRA, Cinthia Bourget Fortes. A atuação dos escravos de ganho na organização da cidade do Rio de Janeiro durante o século XIX. Para entender a história... Disponível em: <fabiopestanaramos.blogspot.com> Acesso em: 09/11/2018.

IMPrensa NACIONAL – Casa Civil da Presidência da República. Disponível em: <impresanacional.gov.br/noticias-da-imprensa-> Acesso em: 14/08/2018.

JOSÉ BONIFÁCIO – Patriarca da Independência. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/jose_bonifacio/> Acesso em: 14/08/2018.

MAPA - Site Arquivo Nacional. – Memória da Administração Pública Brasileira. Disponível em: < <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/233-secretaria-de-estado-dos-negocios-estrangeiros-e-da-guerra>> Acesso em: 19/04/2018

MARQUES DE MELO *apud* SOUSA, Jorge Pedro. Uma história do jornalismo em Portugal até aos 25 de abril de 1974. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt> Acesso em: 10/08/2018.

MICHETTI, Miquele. Capítulos da Modernidade: moda e consumo na Paris do século XIX, Revista Proa, nº 1 Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa>

OLIVEIRA, Carolina Bortolotti de. As relações comerciais entre Brasil e Inglaterra no início do século XIX. II Colóquio [Inter] Nacional sobre o comércio de cidade: uma relação de origem. Disponível em:

<http://www.labcom.fau.usp.br/wpcontent/uploads/2015/05/2_cincci/1009%20Bortolotti.pdf> Acesso em: 18/02/2019.

OLIVEIRA, José Carlos de. D. João VI: Adorador do Deus das Ciências? Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005. Coleção Engenho & Arte- vol.8 Coppe/UFRJ -338p. Disponível em: <<HTTPS://books.google.com.br/books?id+VHbplu>> Acesso em: 14/08/2018.

PUTTINI, Moreira Ustane: Marques Antunes Ribeiro, Sônia. Os ambientes quarto e sala na morada brasileira; uma trajetória do século XVI ao XXI. Disponível em: <fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/vista/detalle_articulo.php?id_articulo=5884&id_libro=16> Acesso em: 15/01/2019.

RIBEIRO, Geraldo Luiz Vieira. A Evolução da Licitação. Disponível em: <<classecontabil.com.br>> Acesso em: 07/11/2018.

RUEDA, Paula. *O Mundo Vestido*. Disponível em: <<https://omundovestido.wordpress.com/category/historia-da-indumentaria/>> Acesso em: 14/01/2019.

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. Portugal e Brasil: A Imprensa Literária e o início da Imprensa Ilustrada, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.2, 2007, p. 15-16 _____ . Periódicos Oficiais Brasileiros e Imprensa de Língua Portuguesa em Londres. Revista Ecos, p.53-72, junho 2010. Disponível em: <http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_09/53_Pag_Revista_Ecos_V-09_N-03_A-2010.pdf> Acesso em: 06/08/2015.

SANTOS, Ana Maria Pessoa dos. As Artes Decorativas no Rio de Janeiro do Séc. XIX: Um panorama. Disponível em: <[www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/artigos/as Artes Decorativas no Rio de Janeiro do Sec XIX.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/artigos/as_Artes_Decorativas_no_Rio_de_Janeiro_do_Sec_XIX.pdf)> . Acesso em: 15/01/2019

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. 4ª Ed.(atualizada)- Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 50. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id+GmRTJ>> Acesso em: 15/08/2018

SOUSA, Jorge Pedro. Uma História breve do jornalismo no Ocidente. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-djornalismo-no-ocidente.pdf>> Acesso em: 17/07/2018

TENGARRINHA apud SOUSA, Jorge Pedro. Uma história do jornalismo em Portugal até aos 25 de abril de 1974. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt > Acesso em: 10/08/2018.

Endereços Eletrônicos:

Amplio medieval OF – Disponível em: <<https://breverpg.weebly.com/lacircminas-sem-haste.html>> Acesso em: 19/02/2019).

Dicionário online de português – <<https://www.dicio.com.br/florete/>> Acesso em: 19/02/2019.

<<https://www.castaseclimas.com/br/vinhedo-de-bordeaux/> >Acesso em: 24/01/2019.

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3506751/mod_resource/content/1/Cognac.pdf
> Acesso em: 25/01/2019.

<<http://www.ib.usp.br/evosite/history/oldearth.shtml>> Acesso em: 22/02/2019.

<www.marcoffee.com.br/a-invencao-da-cafeteira.php>. Acesso em: 10/01/2019

<https://www.ebiografia.com/jean_de_la_fontaine/ > Acesso em: 17/01/2019.

<<https://peregrinacultural.wordpress.com/2010/10/18/os-dois-leoes-fabula-de-florian/>> Acesso em: 17/01/2019.

<<https://www.enoivado.com.br/vestidos-de-noiva/descubra-o-tecido-ideal-para-seu-vestido-de-noiva>> Acesso em: 14/01/2019.

Anexo

Iconografias

Ao longo de mais de uma década em que foi publicada ininterruptamente, a *Gazeta do Rio de Janeiro* teve 6 montagens de títulos diferentes. Durante o ano de 1808, até o N° 32 da *Gazeta do Rio de Janeiro*, não existia nenhuma iconografia em suas páginas, apenas linhas paralelas, aonde vinha escrita no meio a data do periódico.

A partir de janeiro de 1809, surgiu o desenho do brasão da bandeira de Portugal estampado no centro do título do periódico.



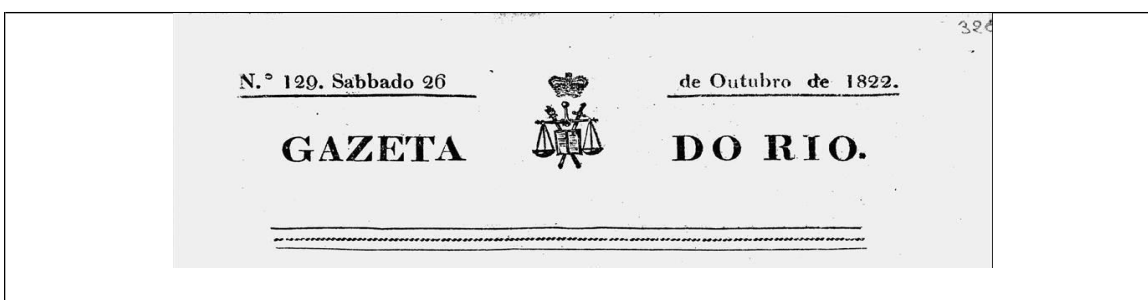
A representação durou de 4 de junho de 1809 até 31 de maio de 1817, quando foi substituída pelo brasão que d. João, ainda como príncipe regente, em 1815. Assim, quando o Brasil é elevado à categoria de Reino Unido, o jornal incorpora oficialmente a esfera armilar de ouro sobre fundo azul como símbolo. O brasão de armas do Reino Unido sob o escudo de Portugal e Algarves figurou no periódico de 4 de junho de 1817 a 2 de outubro de 1821, na gazeta de N° 92.



Exemplar seguinte preservado é o do dia 6 de outubro, de N°94, que já estampa novo brasão:



Esta iconografia permaneceu até 24 de outubro de 1822, pois em 26 de outubro de 1822, em um sábado, mudou na Gazeta de N°129:



Em 14 de novembro de 1822, há nova transformação iconográfica, agora com o pavilhão que passou a representar o Brasil independente na edição de N°137, a qual permanece até a extinção do jornal.

